

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Josiane Saboia Oliveira Neri

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: tensões e desafios**

Taubaté – SP

2022

Josiane Saboia Oliveira Neri

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: tensões e desafios**

Dissertação apresentada para o Exame de Defesa,
como requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para
Educação Básica

Linha Pesquisa: Formação Docente e
Desenvolvimento Profissional

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Bordignon de Souza

Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri
de Almeida

Taubaté – SP

2022

**SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIBi
GRUPO ESPECIAL DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO – GETI
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

N445e Neri, Josiane Saboia Oliveira

Educação Empreendedora nos anos finais do Ensino
Fundamental: tensões e desafios / Josiane Saboia Oliveira
Neri. -- 2022.
123f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Liliane Bordignon de Souza,
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.

Coorientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida,
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.

1. Anos finais do Ensino Fundamental. 2. Adolescência.
3. Educação empreendedora. I. Universidade de Taubaté.
Programa de Pós-graduação em Educação. II. Título.

CDD – 370

JOSIANE SABOIA OLIVEIRA NERI

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: tensões e desafios**

Dissertação apresentada para o Exame de Defesa,
como requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para
Educação Básica

Linha Pesquisa: Formação Docente e
Desenvolvimento Profissional

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Bordignon de Souza

Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri
de Almeida

Data: 15/09/2022

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Liliane Bordignon de Souza - Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida - Fundação Carlos Chagas/UNASP

Assinatura _____

Profa. Dra. - Luciana Magalhães - Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Profa. Dra. Sandra Unbehaum - Fundação Carlos Chagas

Assinatura _____

Dedico este trabalho ao meu bom Deus, amor supremo. A minha mãezinha do céu que sempre me abriga sob seu manto e ao glorioso São José (meu fiel intercessor). Ao meu amado esposo e companheiro Clemente e as minhas filhas queridas Maria Eduarda e Laura Maria, felicidade dos meus dias, inspiração do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, por me conceder vida e saúde abundante para superar as adversidades enfrentadas durante a construção desta dissertação realizada em um contexto de pandemia mundial que evidenciou nossas fragilidades físicas, emocionais, psicológicas e sociais. Quem como Deus!!!

Ao meu amor, Clemente Neri, pelo carinho de cada cafezinho trazido nos momentos de estudo, por redobrar a atenção e carinho as nossas pequenas para que não sentissem tanto minha falta, por todo apoio e parceria para a realização deste trabalho. Você foi um forte!

Às princesas cacheadas, Maria Eduarda e Laura Maria por suportarem minhas ausências e mostrarem resiliência nesse caminhar, por muitas vezes tortuoso. Obrigada por serem sempre tão carinhosas. Riquezas da minha alma. Amo demais!!!

Às minhas queridas Orientadoras Liliane Bordignon e Patrícia Albieri que foram muito mais que profissionais e evidenciaram em nosso convívio a perspectiva freireana de uma educação humanizadora e cheia de alma. Gratidão infinita pela gentileza de suas palavras, pela precisão de suas ações e correções e, principalmente, por todo afeto a mim direcionado. Vocês são uma inspiração pessoal e profissional para mim! Admiro verdadeiramente!

Agradeço às professoras Sandra Umbehaun e Luciana Magalhães por participarem de minha banca e trazerem tantas contribuições significativas com "incisões cirúrgicas" no fomento de melhorias, sempre com muita caridade e, principalmente respeito.

Às professoras do Mestrado Profissional em Educação da UNITAU pela dedicação, amabilidade e profissionalismo ao lecionar. Foi um privilégio participar deste celeiro de conhecimento!

Aos amigos e colegas do Mestrado, ao grupo “J”, por dividirem comigo as angústias, os desafios (e foram tantos) e, principalmente, por partilharem as alegrias deste trabalho, em especial a Jéssica Mota por sua docilidade, amizade e áudios de três minutos que aqueciam, alegravam e acalmavam o coração. Parceira de todas as horas!

Agradeço imensamente aos participantes respondentes que contribuíram para que este estudo pudesse ser realizado.

A toda minha família (pais, irmãos, cunhados, sobrinhos e primos) e irmãos da comunidade, que vibraram comigo a cada vitória e que se entristeceram a cada encontro não

compartilhado, mas que se orgulham e torcem muito por mim. Obrigada de coração a todos, pois sem o carinho de vocês seria muito mais difícil!

À Equipe CEDEMP, amigos e companheiros de trabalho que compartilharam comigo todas as etapas deste estudo e, por muitas vezes, foram o bálsamo para minhas dificuldades. Muito obrigada pelo companheirismo, por me incentivar e auxiliar em todos meus propósitos. Sou muito feliz em pertencer a uma equipe tão engajada em construir uma educação pública de qualidade.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Prefeitura de São José dos Campos, por me conceder, por meio do PRODESEM auxílio financeiro para realização deste sonho.

Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire

RESUMO

A pesquisa buscou investigar se e como a educação empreendedora desenvolvida em um município paulista pode contribuir para o interesse e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem e para a superação dos desafios dos anos finais do Ensino Fundamental. Mobiliza referenciais teóricos para compreender as categorias de educação empreendedora, anos finais do ensino fundamental e adolescência. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que teve como participantes integrantes da comunidade escolar de duas escolas da rede municipal de ensino de um município do interior paulista, uma situada ao Norte e outra ao Sul da cidade. Os participantes são estudantes, equipe gestora e professores que lecionam o componente de Enriquecimento Curricular, que foram convidados a participar apresentando suas percepções sobre a educação empreendedora desenvolvida na rede de ensino. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa questionário, feito por meio de formulário Google Forms e entrevista realizada por meio da plataforma Zoom. Os dados foram analisados a partir da análise de prosa. Os resultados demonstram, por um lado, que professores e estudantes consideravam a disciplina que trabalha a educação empreendedora na escola como positiva para o desenvolvimento de determinados comportamentos nos jovens e do significado da escola e do mundo do trabalho para os adolescentes e para a comunidade escolar como um todo. Por outro lado, identificou-se o pouco destaque dado aos conteúdos formativos previstos nas orientações curriculares nacionais trabalhados na disciplina, evidenciando seu caráter eminentemente comportamental e seu baixo potencial formativo. Revela ainda que se busca estabelecer uma relação dos sonhos dos jovens com formas de atuação no mundo do trabalho, fortalecendo estratégias de autoemprego e informalidade, deixando de lado a construção de estratégias de formação profissional no ensino médio, profissional e superior. Demonstra-se assim que a educação empreendedora vem penetrando na educação básica por meio de componentes curriculares complementares e difundindo uma ideia de preparação antecipada dos estudantes para o mundo do trabalho desde a educação infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Anos finais do Ensino Fundamental. Adolescência. Educação Empreendedora.

ABSTRACT

The research sought to investigate whether and how entrepreneurial education can actually contribute to the interest and participation of students in the learning process and to overcoming the challenges of the final years of Elementary Education in municipal schools. It mobilizes theoretical references to understand the categories of entrepreneurial education, final years of elementary school and adolescence. This is a research with a qualitative approach whose participants were members of the school community, from two schools in the municipal education network of a municipality in the interior of São Paulo, one located in the North and the other in the South of the city. Student participants, management staff and professors who teach the Curriculum Enrichment component were invited to participate by presenting their perceptions about entrepreneurial education developed in the teaching network. The questionnaire, made through Google Forms and an interview carried out through the Zoom platform, were used as research instruments. Data were analyzed using prose analysis (André, 1987). The results demonstrate that teachers and students consider entrepreneurial education as a positive tool in the development of young people's behavior and the positive meaning of school for adolescents and for the school community as a whole. With regard to issues related to the challenges of adolescence, it was noticed that Entrepreneurial Education developed in the municipal education network surveyed, favors the needs explained by adolescents in relation to the development of characteristics that deal with behavioral and attitudinal postures, such as entrepreneurial characteristics, interaction with colleagues and teachers, teamwork, welcoming, initiative, persistence, commitment, persuasion, dialogue, active listening, welcoming, interaction and group work. It is also identified the little emphasis on the contents worked in the discipline and its training potential, emphasizing mainly the relationship with dreams and how these students can act in the world, regardless of the social conditions they have, as well as the working conditions (self-employment and informality) and the perspectives of future studies for academic evolution and possible social ascension. It is also demonstrated that entrepreneurial education has been penetrating basic education through complementary curricular components and spreading an idea of preparing people for the world of work, from early childhood education.

KEYWORDS: Final years. Adolescence. Entrepreneurial Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Revisão de Literatura realizada na base de dados Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e UNITAU	33
Quadro 2 – Títulos selecionados para panorama de pesquisa	34
Quadro 3 – Taxa de Distorção Idade-Série - Brasil, Estado de São Paulo e Município- Triênio 2008 a 2010	45
Quadro 4 – Taxa de Distorção Idade-Série - Escolas Municipais Pesquisadas- Triênio 2008 a 2010	52
Quadro 5 – Taxa de Distorção Idade-Série - Brasil, Estado de São Paulo e Município- Triênio 2018 a 2020	54
Quadro 6 – Taxa de Rendimento Escolar Municipal -2019.	58
Quadro 7 – Taxa de Rendimento Escolar das EMEFIs pesquisadas entre 2017 a 2020.	58
Quadro 8 - Justificativas para a Educação Empreendedora	64
Quadro 9 -Competências específicas de Enriquecimento Curricular	68
Quadro 10 - Unidades Temáticas de Enriquecimento Curricular	69
Quadro 11 - Pseudônimos Professores Entrevistados	70
Quadro 12 - Pseudônimos dos Estudantes Entrevistados	71
Quadro 13 - Agrupamento inicial dos desafios indicados pelos professores	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Taxa de Distorção Idade-Série - Brasil, Estado de São Paulo e Município - Triênio 2008 a 2010	53
Gráfico 2 - Taxa de Distorção Idade-Série - Escolas Municipais Pesquisadas-Triênio 2008 a 2010	53
Gráfico 3 – Taxa de Distorção Idade-Série - Brasil, Estado de São Paulo e Município - Triênio 2018 a 2020	55
Gráfico 4 – Comparativo: distorção idade-série anos finais entre os entes da Federação	55
Gráfico 5 - Taxa de Distorção Idade-Série - Escolas Municipais Pesquisadas-Triênio 2018 a 2020	56
Gráfico 6 - Comparativo: distorção idade-série anos finais entre as escolas pesquisadas	56
Gráfico 7 - Taxa de distorção idade-série na rede pública, por série dos anos finais do Ensino Fundamental, segundo o sexo- Brasil-2020	57
Gráfico 8 - Sexo dos professores respondentes da pesquisa	72
Gráfico 9 - Faixa etária dos docentes respondentes da pesquisa	72
Gráfico 10 - Identificação da formação dos docentes respondentes da pesquisa	72
Gráfico 11 - Vínculo empregatício dos participantes da pesquisa	73
Gráfico 12 - Tempo de atuação dos participantes na educação	74
Gráfico 13 - Quantidade de docentes atuantes no componente de Enriquecimento Curricular	74
Gráfico 14 - Tempo de atuação no componente de Enriquecimento Curricular	75
Gráfico 15 - Relação com o público adolescente	75
Gráfico 16 - Contribuições que a Educação Empreendedora pode desenvolver nos estudantes	84

LISTA DE SIGLAS

BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CAPES	- Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDEMP	- Centro de Educação Empreendedora
CENPEC	- Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DCNEB	- Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
EE	- Educação Empreendedora
EMEFI	- Escola Municipal de Ensino Fundamental Integral
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
JEPP	- Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos
LAJOE	- Laboratório do Jovem Empreendedor
OCDE	- Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	- Organização Mundial de Saúde
PNE	- Plano Nacional de Educação
PNEE	- Programa Nacional de Educação Empreendedora
PRELAC	- Projeto Regional de Educação para América Latina e Caribe
SAEB	- Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SARESP	- Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo
SCIELO	- Scientific Electronic Library Online
TALE	- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNITAU	- Universidade de Taubaté

SUMÁRIO

1 MEMORIAL	14
2 INTRODUÇÃO	19
2.1 Relevância do Estudo / Justificativa	20
2.2 Problema	21
2.3 Objetivos	22
2.3.1 Objetivo Geral	22
3 PERCURSO METODOLÓGICO	24
3.1. Contexto em que o estudo foi desenvolvido	24
3.2 Participantes	26
3.3 Instrumentos de Pesquisa	27
3.4 Procedimentos do Percurso Metodológico para Coleta de Dados	28
3.5 Procedimentos para Análise de Dados	31
4 PANORAMA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	33
4.1 A Educação Empreendedora: conceitos e tensões	33
4.2 Panorama de pesquisas	39
4.2.1 O Sebrae e a Educação Empreendedora	42
4.2.2 Aprender a empreender: tensões e posicionamentos divergentes	45
4.2.3 Educação Empreendedora e Carreira	48
4.2.4 A implementação do Enriquecimento Curricular no município	50
4.2.5 O novo formato da Educação Empreendedora no município pesquisado	53
4.3 Anos finais do Ensino Fundamental: desafios	56
4.3.1 Desafio distorção idade-série	59
4.3.2 Desafio: abandono	66
4.3.3 Desafio: Adolescência	67
5 A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM UM MUNICÍPIO DO VALE DO PARAÍBA	71
5.1 Caracterização dos participantes	71
5.1.1 Anos finais e Educação Empreendedora: o que dizem os participantes respondentes do questionário?	72
5.1.2 Os desafios sob a perspectiva docente	76
5.1.3 A Educação Empreendedora sob a perspectiva dos respondentes	82
5.1.4 Os desafios dos anos finais sob a perspectiva dos entrevistados	88
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES	108
ANEXOS	116

1 MEMORIAL

Da discente à docente em construção: múltiplos olhares

Sou Josiane Saboia Oliveira Neri, esposa do Clemente, mãe da Maria Eduarda e Laura Maria e professora. Iniciei na profissão docente como forma de vencer as dificuldades financeiras da minha família e nesse percurso fui construindo-me e descobrindo-me. Este memorial versa sobre as fases que vivenciei como docente e como as experiências foram significativas para a constituição da minha identidade profissional.

Trajetória pessoal e profissional

Escrever um memorial da minha trajetória pessoal e profissional gerou em mim uma inquietude, mas também euforia. Pensar na separação da Josiane pessoa da profissional não foi uma tarefa fácil, até porque não consigo imaginar a divisão das duas. Sempre concebi que elas são indissociáveis; no entanto, ao refletir sobre os diversos temas abordados nas aulas de Profissão Docente e Desenvolvimento Profissional compreendi que não se tratava de separá-las, mas sim, de focar meu olhar nas especificidades de cada uma e atrelá-lo a minha trajetória de formação docente, compreendendo assim o sentido da profissão na minha vida e do grupo ao qual pertenço, pois conforme afirmam Sá e Almeida (2004, p.185) a observação dessas narrativas possibilitam “compreensão das formas como os professores dão sentido ao seu trabalho e como atuam nos diferentes cenários educacionais.”

A partir desse enfoque decidi dividir a minha trajetória pessoal e profissional em quatro subitens, os quais abordarei a seguir:

Os primeiros laços: o olhar discente

Sou originária de uma família negra, pobre e com pouca escolaridade. Meu amado pai estudou apenas até o quarto ano primário e minha mãezinha terminou o Ensino Médio depois que os filhos já estavam adultos. Quis iniciar a minha história frisando minha criação humilde, pois foi esse um dos fatores que favoreceram a minha inserção à docência.

Fiquei em uma creche doméstica até os seis anos de idade para que minha mãe pudesse trabalhar fora. Permanecer nesse ambiente proporcionou uma ruptura drástica quando fui inserida aos seis anos na Escola Estadual da Vila Iracema.

A escola era pequena, com apenas cinco salas e com um pequeno espaço para realizar as merendas. Estudei nesse ambiente da primeira à oitava série o final do Ensino Fundamental e recordo-me de vários professores que inspiravam por suas condutas e valores.

Por se tratar de uma escola de periferia não tínhamos, com frequência, professores substitutos e, em caso de ausência dos docentes regulares, os professores presentes se revezavam para não deixar os alunos sozinhos. Em uma dessas ocasiões, fui solicitada pelo professor de Matemática para “passar matéria” para os alunos da sexta série que estavam sem professor. Foi por meio dele que pude vivenciar a “docência” de maneira particular na sétima série por três vezes. Entrar naquele espaço, pegar o giz branco e copiar na lousa as expressões numéricas rascunhadas pelo professor na folha de almaço proporcionou-me grande alegria.

Ao concluir o Ensino Fundamental por decisão da minha mãe fui encaminhada ao Magistério, sob o argumento de que como pobres deveríamos sair do Ensino Médio ao menos com uma profissão, e a única possibilidade que se adequava ao nosso contexto social e financeiro era essa. E, assim ocorreu.

Formação e transição: da discência à docência

Cursei o magistério na Escola Estadual João Cursino, do ano 1996 a 1999. Tínhamos aulas de metodologias diversas, de Psicologia da Educação e Didática, além daquelas que pertenciam à grade do Ensino Médio. Não tenho muitas lembranças do que aprendi nessa época, mas sempre me lembro de duas professoras em particular, as quais admirava por serem docentes de excelência, pois conseguiam, mesmo com poucos recursos, favorecer o desenvolvimento da aprendizagem de futuras professoras. Eram inspiração de como eu gostaria de ser!

Iniciei o Magistério e, ao final do primeiro ano, aconteceu a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), o que alavancou, de certo modo, meu percurso formativo. Minha formação recebeu tempo de validade determinado por lei, por isso uma decisão era necessária: ou entraria em uma graduação, ou teria que buscar outras profissões.

Com formação precária, fragmentada e com tempo de validade fui inserida na profissão docente. De estagiária à auxiliar e professora titular. Atuante na rede privada, estadual e municipal. Quais efeitos essas experiências tiveram na minha prática docente? Abordarei no próximo subitem.

Redes: suporte e desenvolvimento

Fazer a experiência do estágio abriu uma infinidade de possibilidades. Trabalhei em uma pequena escola de educação infantil no subúrbio com apenas 20 alunos e em uma escola particular com mais de 10 salas por período. Enxergar as diferenças culturais e sociais propiciaram o desenvolvimento de algumas habilidades que considero fundamentais, principalmente no que tange à adequação da linguagem utilizada em cada ambiente, mas, também, às proposições de projetos e atividades.

No ano de 2001, após um ano como professora auxiliar, tornei-me professora titular de uma pequena turminha. Era uma escola de educação infantil privada e modesta. Raramente conseguia fazer a conexão com tudo o que tinha aprendido no magistério. Tinha acertos e desacertos. Tudo estava muito fragmentado. Não estava preparada para atuar, mas almejava muito vencer. Essa é, segundo Huberman (2007) a fase de descoberta, exploração e sobrevivência, e eu sobrevivi! Lecionei nesta unidade escolar por oito anos, passei por muitos desafios, mas a maior lembrança que carrego desta escola foi o meu processo de inserção e transformação profissional. Olhar como me permiti ser uma professora mais confiante com o tempo, graças ao meu esforço e, fundamentalmente, ao apoio que recebi é muito satisfatório.

Cursei Letras de 2003 a 2006 em uma universidade de São José dos Campos. Por não conseguir arcar com as despesas da universidade sozinha, ingressei no Programa Escola da Família, no qual trabalhava aos finais de semana em uma escola estadual, a fim de receber uma bolsa integral na faculdade. Esse programa foi fundamental para custear meus estudos, familiarizar-me com a escola do ensino fundamental II.

Lembro-me de um professor da graduação com quem aprendi que todos os alunos deveriam ser tratados como pessoas, pois mesmo que tivéssemos muitas turmas, conhecer os alunos, principalmente pelo nome faria a diferença. Isso se tornou minha meta. Nesse aspecto podemos citar o que nos diz Nóvoa (2017, p. 1127) “Ser professor não é apenas lidar com o conhecimento, é lidar com o conhecimento em situações de relação humana.”

Estudar uma licenciatura específica levou-me ao segmento dos anos finais em uma escola estadual próxima à minha moradia. Minha meta era ensinar e aprender. Estava iniciando novamente, mas agora em outro segmento. Os adolescentes!

Iniciei em um projeto de Recuperação e Reforço e fiquei perplexa ao perceber que os alunos não viam aquele momento como oportunidade de aprendizado, mas sim como punição. Desmistificar essa concepção e fazê-los desejar o aprendizado foi um trajeto tortuoso, mas

que eu queria muito ultrapassar. Era meu compromisso pessoal tentar fazer a diferença na vida dos alunos daquele bairro. Era o meu bairro, a minha comunidade. Eu ansiava que eles enxergassem que a educação era o caminho capaz para tirá-los da condição de pobreza e vulnerabilidade social. Aprender, naquela situação era vital! Era mudar a própria vida, a própria história.

Recebi muito apoio nesta unidade escolar, tanto dos professores mais experientes quanto da equipe gestora. A coordenadora segurou a minha mão e juntas construímos um projeto em que os alunos se tornaram mais participativos, e que por consequência, evoluíram em muitos aspectos que estavam defasados. Conduzir esse trabalho trouxe-me muito aprendizado. Pertencer aquele lugar foi transformador! Estava construindo a minha identidade profissional, como Marcelo (2009, p.114) aponta “contribui para a percepção de autoeficácia, motivação, compromisso e satisfação no trabalho dos docentes, e é um fator importante para que se tornem bons professores.”

Passei em um concurso público em Pindamonhangaba, como professora polivalente comecei a acumular cargos e responsabilidades. Trabalhei em Pindamonhangaba por cinco anos. Hoje consigo ver que essa etapa foi importante para minha formação enquanto profissional e pessoa, pois naquela cidade tive que desenvolver muitas competências socioemocionais.

Fui convidada para atuar na coordenação pedagógica da escola estadual que eu tenho um carinho imenso foi um presente com muitas pitadas de desafios. Embora não soubesse o grau de dificuldades que teria que enfrentar, sentia-me segura, pois pertencia a uma equipe que me respaldava em todas as minhas necessidades. A Diretora era e é uma referência profissional e pessoal para mim até hoje, uma líder que inspira! A supervisora estava sempre presente e atuava também como formadora. Foi um ano de muito aprendizado e dedicação.

O enredo dessa trajetória profissional teve seu clímax quando tive que escolher entre a escola que descobri e desenvolvi minhas potencialidades e a aprovação no concurso público do município de São José dos Campos e os benefícios financeiros. Difícil mensurar a angústia que passei até de fato decidir pelo futuro da minha família e melhores condições salariais. Estava na hora de encerrar um ciclo de aprendizagem e lançar-se a nova oportunidade, ciente que as redes às quais fui exposta foram essenciais para o desenvolvimento de muitas competências e habilidades. Elas constituíram a essência das minhas experiências profissionais.

Empreender a própria história: um passo de Mestre

Quando decidi construir minha família sabia que em algum momento da vida teria que abrir mão de algumas comodidades. E foi para ficar mais perto das minhas filhas, da minha casa e família que, na rede de ensino municipal de São José dos Campos, resolvi participar do projeto da disciplina de Enriquecimento Curricular (parte diversificada do currículo), cuja temática está centrada na formação para o consumo consciente, para educação fiscal e financeira e para educação empreendedora.

Impulsionada pela observação dos comportamentos dos estudantes, atrelado aos meus objetivos de progressão na carreira docente, fomentaram e aguçaram também em mim o desejo de evoluir e crescer, principalmente, no que diz respeito ao desenvolvimento de minha formação profissional. O caminho capaz de propiciar esse mergulho profundo me trouxe ao Mestrado Profissional da UNITAU. Cursei licenciatura em Pedagogia, na modalidade semipresencial e uma pós-graduação em Gestão Escolar EAD, contudo a sensação latente em meu coração era de estar sempre na superficialidade das coisas. Isso me incomodava muito. Almejava tomar novos rumos pessoais e o mestrado sempre foi um sonho. A educação empreendedora instigou-me em relação às expectativas que tinha deixado adormecer em meus planos pessoais e profissionais. Incitou-me a ir além, a buscar o novo e não deixar de perseguir meus sonhos. Compreender se e como essa modalidade de educação poderia contribuir significativamente na vida dos educandos e na comunidade escolar, como um todo, fomentou o desejo à pesquisa. Foi o meu primeiro passo para me tornar Mestre.

2 INTRODUÇÃO

Trabalhar com o segmento dos anos finais do Ensino Fundamental possibilitou a autora desta pesquisa observar as dificuldades encontradas por muitos discentes em enxergar essa etapa da escolarização como algo prazeroso e significativo, fato que causou tamanha inquietação. Ademais, percebeu-se que, para grande parte dos docentes, relacionar-se e interagir com esses alunos exigia demasiado esforço, haja vista a complexidade visível e estereotipada desta faixa etária. Ao procurar materiais para pesquisar sobre esse ciclo específico, outra constatação ficou evidente: há pouquíssimas referências que abordam tanto o tema dos anos finais do Ensino Fundamental, quanto a questão de como os adolescentes são vistos e tratados no ambiente escolar e na sociedade.

A meta e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), para o ano de 2019¹, não foram alcançados no segmento dos anos finais, nem a nível de Federação², nem no Estado de São Paulo³, tampouco no município⁴ alvo desta pesquisa, fato que representa a urgência da proposição de temas que investiguem possibilidades de melhorias, sejam no aspecto da qualidade das aprendizagens desses alunos, mas também na permanência nos anos subsequentes de estudos.

É sob esse contexto que se propõe esta pesquisa, a fim de encontrar subsídios para reflexões que abarquem a importância de olhar os discentes dos anos finais e suas particularidades, enquanto adolescentes e de observar como a educação empreendedora, nos anos finais, foi introduzida no currículo dessa etapa e se contribuiu ou não para a melhoria dos aprendizados dos estudantes.

¹ Em 2019 tiveram Ideb calculado nos anos finais do ensino fundamental: 29.718 escolas; 5.293 municípios e 27 unidades da Federação. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/o_que_e_o_ideb/nota_informativa_ideb.pdf

² O IDEB de 2019, no segmento dos anos finais do Ensino Fundamental, para o Brasil (*Total*, considerando sob esse aspecto as seguintes unidades de agregação: escolas urbanas públicas e escolas urbanas privadas), teve a meta projetada de 5.2 e obteve como resultado 4.9, a qual poderá ser observada no link: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=6105617> e <https://novo.qedu.org.br/brasil/ideb>

³ Tendo como parâmetro de pesquisa o Estado de São Paulo (*Total*, considerando sob esse aspecto as seguintes unidades de agregação: escolas urbanas públicas e escolas urbanas privadas), a meta projetada para os anos finais foi de 5.9 e obteve como resultado 5.5, a qual poderá ser observada no link: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>

⁴ O município pesquisado teve em 2019, para os anos finais do Ensino Fundamental, a meta projetada de 6.4 e obteve 5.9 como resultado.

2.1 Relevância do Estudo / Justificativa

Temas que abordam a segunda fase do Ensino Fundamental, denominado nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNEB), como Anos Finais⁵, apresentam um vasto campo para pesquisa acadêmica, contudo, poucos são os trabalhos voltados a essa temática e suas particularidades.

Nota-se o urgente direcionamento de um olhar crítico para os Anos Finais do Ensino Fundamental. É marcante a ausência de políticas públicas para este ciclo, atrelada aos fatores que o tornam mais complexo: carência de articulação entre os Anos Iniciais e os Anos Finais e entre os Anos Finais e o Ensino Médio; aumento no número de docentes - do professor polivalente aos especialistas; mudança dos conteúdos concretos aos abstratos; transição da infância à adolescência e todas suas singularidades e desafios, que expressam a importância latente em focar atenção a essa fase de aprendizagem, a fim de compreender suas necessidades e explorar suas potencialidades.

De acordo com Mansutti *et al.* (2007, p.29), “criar condições para que os alunos aprendam a estudar e sejam cada vez mais capazes de fazê-lo com autonomia é uma das prioridades do ciclo II”. Com isso, diferentes políticas públicas têm sido elaboradas buscando superar os desafios colocados para os Anos Finais do Ensino Fundamental, procurando garantir o aprendizado dos estudantes, assim como reduzir a evasão e a distorção idade-série, principal problema dessa etapa de ensino, segundo dados do Censo Escolar (2020).

Na Rede de Ensino, na qual foi realizada esta pesquisa, há, no segmento dos anos finais, o componente do *Enriquecimento Curricular*⁶, o qual aborda a temática da Educação Empreendedora, fato que diferencia este segmento das demais redes (estadual e privada) no

⁵ De acordo com as DCNEB as Etapas da Educação Básica correspondem:

Quanto às etapas correspondentes aos diferentes momentos constitutivos do desenvolvimento educacional, a Educação Básica compreende:

I – a Educação Infantil, que compreende: a Creche, englobando as diferentes etapas do desenvolvimento da criança até 3 (três) anos e 11 (onze) meses; e a Pré-Escola, com duração de 2 (dois) anos.

II – o Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, com duração de 9 (nove) anos, é organizado e tratado em duas fases: a dos 5 (cinco) anos iniciais e a dos 4 (quatro) anos finais;

III – o Ensino Médio, com duração mínima de 3 (três) anos.

⁶ Enriquecimento Curricular é o nome atribuído ao componente curricular que aborda a parte diversificada do currículo da referida rede municipal de ensino, o qual representa o Programa de Educação Empreendedora, cuja subdivisão dos organizadores curriculares correspondem ao:

6º ano- Educação para o consumo consciente; 7º ano- Educação Financeira e Fiscal; 8º ano- Educação Empreendedora: Empreendedorismo Social; 9º ano - Educação Empreendedora- Ideias Inovadoras. (Documento Norteador de Enriquecimento Curricular, 2020, p.6-7). É importante salientar que estas informações foram extraídas do documento direcionado aos professores que atuam no componente do Enriquecimento Curricular e ainda não possuem uma versão publicada em ambiente virtual de pesquisa.

município. No caso da Rede de Ensino na qual foi realizada este estudo, o componente está inserido nos Anos Finais, que busca combater os problemas apontados anteriormente. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender como e se o programa tem contribuído (ou não) para a superação dos desafios, rompendo a reprodução da exclusão de muitos jovens (11 a 14 anos) dessa etapa de ensino. A educação empreendedora seria capaz de proporcionar aos alunos a oportunidade de potencializar características como protagonismo, liderança, persistência, criatividade, curiosidade (DOLABELA, 2003), bem como o desenvolvimento cognitivo e socioemocional? Conseguiria auxiliar a comunidade escolar na persecução dessa prioridade?

Buscar-se-á compreender se e como é possível utilizar a parte diversificada do currículo da rede de ensino municipal de uma cidade, situada no Vale do Paraíba paulista, com o componente de Enriquecimento Curricular (educação empreendedora), no enfrentamento e minimização dos desafios dos anos finais. Trata-se de oportunidade para olhar para os discentes, focar nas questões peculiares da fase da adolescência (11 a 14 anos) e de como esta etapa é percebida neste ciclo de aprendizagem pelos docentes e pela comunidade escolar.

A pesquisa apresenta relevância ao investigar se e como a Educação Empreendedora pode propiciar contribuições para tornar esse segmento mais significativo para os estudantes (adolescentes) e para comunidade escolar em geral. Além disso, busca-se compreender se e como a educação empreendedora pode favorecer que o interesse e participação dos estudantes no processo de aprendizagem sejam mantidos e os desafios dos anos finais do Ensino Fundamental sejam minimizados.

2.2 Problema

Os anos finais do Ensino Fundamental é o segmento da educação básica que contempla o ensino de alunos na fase da adolescência, em regra de 11 a 14 anos, salvo aqueles que não estão na série correspondente à idade que possuem. Nesta fase, os discentes passam por diversas transformações físicas, comportamentais e sociais. Aliada às transformações advindas da adolescência, também se depara com um novo formato de ciclo escolar de aprendizagem, passando, dentre outras coisas, de um professor polivalente, dos anos iniciais, para oito ou mais professores especialistas, nos anos finais. Adaptar-se a essa nova organização de ensino propicia uma ruptura no modo de enxergar o espaço escolar e, por consequência, da sua relação com aprendizagem.

O cenário nacional apresentado nos dados educacionais do Brasil na plataforma QEDu⁷, cuja fonte neste caso é o SAEB (INEP), aponta que essa fase escolar apresenta evolução ascendente no percentual⁸ de estudantes com aprendizagem adequada obtendo em 2015 (29% Português, 13% Matemática), 2017 (34% Português, 16% Matemática) e 2019 (36% Português, 18% Matemática). Por meio destas informações percebe-se que embora haja avanços, há, todavia, índices significativos de defasagem de ensino aprendizagem e, razoável taxa de abandono (2018: 2,9%; 2019: 2,13% e 2020: 1,23%). Em contrapartida, os dados do município pesquisado demonstram uma evolução nos índices e taxas em relação ao cenário nacional, o qual apresenta os seguintes resultados no percentual de aprendizagem adequada em 2015 (48% Português, 29% Matemática), 2017 (53% Português, 34% Matemática) e 2019 (55% Português, 37% Matemática). Ainda que os resultados citados acima sejam relativamente satisfatórios, é notório que a vinculação de um regime de metas ao aprendizado dos estudantes e, conseqüentemente, aos repasses federais às prefeituras imputam uma cobrança velada por resultados cada vez mais elevados e a “obrigatoriedade” que essa evolução seja contínua e ascendente. Vislumbrar possibilidades de minimizar números diminutos e manter-se em escalada crescente é o objetivo de muitas secretarias de educação, as quais lançam mão de estratégias diversas para atingir este propósito. Observando esse aspecto, um questionamento se faz pertinente para o município foco dessa pesquisa: Se e como a educação empreendedora pode de fato contribuir para o interesse e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem e para a superação dos desafios dos anos finais do Ensino Fundamental em escolas municipais?

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo Geral

Investigar se e como a educação empreendedora pode de fato contribuir para o interesse e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem e para a superação dos desafios dos anos finais do Ensino Fundamental em escolas municipais.

2.3.2 Objetivos Específicos

⁷ Plataforma de acesso aos dados educacionais com referenciais teóricos sólidos. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/>

⁸ Considerando neste caso apenas as unidades escolares da educação pública.

- Descrever e problematizar o programa de educação empreendedora em uma rede municipal de educação básica.
- Identificar como os integrantes da comunidade escolar veem a inserção do programa de educação empreendedora no currículo escolar.
- Problematicar se a educação empreendedora pode favorecer a permanência e qualidade das aprendizagens diminuindo o abandono e a reprovação.
- Analisar o projeto de educação empreendedora face aos desafios dos anos finais do ensino fundamental.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta seção aborda os procedimentos metodológicos que foram utilizados pela autora na pesquisa, assim como todo o percurso que se percorreu a fim de responder à questão de pesquisa: Se e como a educação empreendedora pode de fato contribuir para que o interesse e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem sejam mantidos e para a superação dos desafios dos anos finais do Ensino Fundamental em escolas municipais?

O presente estudo tem como metodologia a abordagem *qualitativa de pesquisa*, a qual, conforme cita Minayo *et al.* (2004) tem o intuito de aprofundar-se “no mundo dos significados das ações e relações humanas”, assim como “permitem apreender o caráter complexo e multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural” (ANDRÉ, p. 66, 1983 *apud* TIKUNOFF; WARD, 1980). A pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO *et al.*, 2004, p.21-22).

3.1. Contexto em que o estudo foi desenvolvido

O ambiente escolhido para realização da pesquisa é um município no interior do estado de São Paulo, situado na Região Metropolitana do Vale do Paraíba com população estimada, segundo dados do IBGE (2020), de 729.737 pessoas. O município é um importante pólo tecnológico e industrial. Em seu território encontram-se diversas instituições de ensino, tais como Institutos Federais, universidades e faculdades, além de ser sede de um grande Instituto Tecnológico da Aeronáutica e de um Parque Tecnológico, que abriga várias empresas de inovação e empreendedorismo do Vale do Paraíba⁹.

A escolha da rede municipal de ensino deu-se devido ser a única da região a oferecer o componente do Enriquecimento Curricular (Programa de Educação Empreendedora) para o segmento de ensino alvo deste estudo. A rede possui 50 escolas, as quais são nomeadas como EMEFI (Escola Municipal de Ensino Fundamental Integral) e dentre essas 45 atendem a etapa dos anos finais, com o total de 15.083 alunos matriculados, em 2019, segundo dados da

⁹ O referido município não será identificado em virtude da necessidade de preservação do anonimato, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e em atendimento às normas do Comitê de Ética.

Secretaria da Educação e Cidadania. Apresenta também a taxa de escolarização 97,4 % de 6 a 14 anos de idade, de acordo com o Censo 2010 (IBGE) e obteve 5,9 IDEB em 2019. Embora o resultado apresentado pelo município demonstre avanços, é possível observar que este apenas alcançou a meta projetada para o ano de 2015.

Foram pesquisadas duas escolas: uma na região Sul do município e outra no distrito ao Norte. Para identificá-las no corpo deste trabalho utilizaremos a nomenclatura Escola Norte e Escola Sul, sendo relevante, ao corpus desta pesquisa, apresentar as caracterizações dessas unidades, a saber:

Escola Norte

Está localizada em área urbana do distrito, considerada de Proteção Ambiental Federal, por fazer parte da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. Os estudantes são, majoritariamente, provenientes da zona rural. A unidade teve registrado, em 2021, o total de 493 matrículas¹⁰ atendendo alunos da etapa do Ensino Fundamental, tanto os anos iniciais, quanto os finais. Consta em suas dependências sala de aulas, da diretoria, de professores e de atendimento especial, cozinha, laboratório de informática, sala de leitura, quadra de esportes, além de sanitários comuns e com acessibilidade. A unidade dispõe dos serviços provenientes da rede pública, tais como: água tratada, energia elétrica, esgoto e coleta de lixo, e sobretudo com o fornecimento de alimentação escolar aos estudantes. Na EMEFI há também internet banda larga e aproximadamente 70 computadores para alunos, além de equipamentos como aparelho DVD, impressora, copiadora, tv e todas as salas de aulas possuem projetores interativos. Obteve na edição do SAEB de 2019 o resultado do IDEB dos anos finais de 5,2 mediante a meta projetada de 6,0.¹¹

Escola Sul

A unidade escolar pertence à área urbana do município, na zona sul, e está localizada próxima à comunidade, que teve uma violenta reintegração de posse de área ocupada que abrigava aproximadamente 1.700 famílias, em 2012, tendo como discentes também moradores desta comunidade desocupada abruptamente. A escola atende as etapas do Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), na modalidade regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Dados do Ideb 2019 apresentaram o resultado para os anos finais de 5,8, mediante uma meta projetada 6,6. A unidade apresenta em sua infraestrutura salas de aulas, da diretoria, de professores e salas para o atendimento aos estudantes da Educação Especial, cozinha,

¹⁰ De acordo com o Censo Escolar 2021, MEC/INEP.

¹¹ Segundo os dados do IDEB 2019, INEP.

laboratório de informática, sala de leitura, quadra de esportes, além de sanitários comuns e com acessibilidade. A unidade dispõe dos serviços provenientes da rede pública, tais como: água tratada, energia elétrica, esgoto e coleta de lixo, e sobretudo com o fornecimento de alimentação escolar aos estudantes. Na EMEFI há também internet banda larga e aproximadamente 127 computadores para alunos, além de equipamentos como aparelho DVD, impressora, copiadora, tv e todas as salas de aulas possuem projetores interativos. Segundo os dados do Censo Escolar de 2021¹², a escola obteve, no referido ano, 1020 matrículas de estudantes no Ensino Fundamental regular.

3.2 Participantes

Tem como participantes integrantes da comunidade da escola Norte e da escola Sul. Buscou-se, com essa escolha, abranger pelo menos um dos membros que a compõem, sendo estes: estudantes, pais, professores e equipe gestora e professores, além de professores especialistas que lecionam a disciplina de Enriquecimento Curricular. As especificidades do grupo de participantes serão descritas a seguir.

As escolas foram selecionadas por possuir, em seu quadro docente, professores de Enriquecimento Curricular que estão na Unidade Escolar por um período superior há dois anos, haja vista a rotatividade de docentes que esse componente possui.

Os estudantes convidados são egressos do nono ano do Ensino Fundamental do ano de 2019 da rede de ensino em que a pesquisa foi desenvolvida e que possuíam, como parte diversificada do currículo, a Educação Empreendedora. A estimativa foi de conseguirmos seis estudantes participantes, sendo esses, três que participaram do projeto de criação de *startups* e que se apresentaram na feira do Empreende em 2019, e três que participaram das aulas de Educação Empreendedora e não tiveram os projetos selecionados para a feira, sendo os estudantes indicados pelos membros da equipe escolar. Contudo, dos seis estudantes, uma alegou não conseguir participar pois estava com dificuldades em conciliar os estudos remotos e o trabalho,¹³ sendo assim, dos convidados, somente cinco aceitaram participar das entrevistas deste estudo.

Os pais dos alunos foram convidados a participar da pesquisa, com o intuito de que pudessem contribuir relatando como percebem as influências (ou não) da educação

¹² Fonte: Censo Escolar 2021, INEP.

¹³ Este fato traz um alerta e uma reflexão a respeito da inserção precoce dos jovens no mercado de trabalho, colocando a vida acadêmica em segundo plano.

empreendedora no comportamento e ações de seus filhos; contudo, não houve adesão dos pais.

Todos os docentes dos anos finais das escolas eleitas para este estudo, compreendendo a quantidade de nove (professores especialistas) foram convidados a cooperar com suas considerações acerca dos anos finais e de educação empreendedora. Assim, como os 43 professores que atuam especificamente na parte diversificada do currículo do referido município.

Pretendeu-se, também, investigar a percepção dos membros da equipe gestora em relação à temática da pesquisa, sendo ao menos um representante por unidade escolar.

A diversidade dos participantes se deve ao desejo de atingir o que, segundo Poupart (2010, p. 305,) propicia,

A qualidade e a validade de uma pesquisa resultam, por sua vez, em boa parte das precauções de ordem crítica tomadas pelo pesquisador. De modo mais geral, é a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise.

É importante ressaltar que todas as ações que a pesquisadora realizou foram pautadas nos princípios de conduta ética, visando sempre o bem-estar do participante e zelando pelo sigilo e anonimato, a fim de preservá-lo em todas as etapas da pesquisa.

O estudo foi norteado pela Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016, a qual dispõe em seu 1º artigo

sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Os instrumentos utilizados e suas especificações estão descritos no subitem posterior.

3.3 Instrumentos de Pesquisa

Com a finalidade de alcançar os objetivos desta pesquisa, foram propostos a utilização de três instrumentos: pesquisa bibliográfica, entrevista (com roteiro semiestruturado) e questionário com questões objetivas e subjetivas.

- 1) Compreende-se por pesquisa bibliográfica a busca por referencial teórico: livros, dissertações, teses, artigos e periódicos e publicados em revistas e sites na internet.
- 2) A utilização do recurso da entrevista se fez atraente para este estudo, haja vista a gama de possibilidades que a interação proporciona, pois é possível fazer perguntas subjetivas e, por meio das respostas advindas dos entrevistados, investigar o ponto de

interesse com maior profundidade. Foram entrevistados cinco estudantes, dois docentes regentes das aulas de Enriquecimento Curricular das escolas que são alvo deste estudo, além de um dos membros de sua equipe gestora e a orientadora de ensino do componente de Enriquecimento Curricular da rede municipal. Totalizando 10 entrevistados.

Em atenção às normas da vigilância sanitária de distanciamento social em prevenção à Covid-19, as entrevistas foram realizadas por meio eletrônico virtual, garantindo assim a segurança dos participantes e da pesquisadora. O roteiro da entrevista semiestruturada, com seus respectivos participantes, consta no Apêndice A.

- 3) Aos professores dos anos finais das escolas selecionadas para este estudo, assim como para os demais regentes da parte diversificada do currículo, foi aplicado um questionário.

Neste estudo, foi aplicado o questionário por meio do *Google Forms*, o qual é considerado como a ferramenta mais adequada para essa situação de isolamento e para garantir o sigilo e anonimato dos participantes. Há também outras vantagens no uso da internet para aplicação de questionários, as quais são apresentadas tais como:

a conveniência: o respondente pode acessar o questionário de qualquer lugar, desde que tenha um microcomputador conectado à Internet; o custo: o acesso virtual torna-se mais barato; a escala: é possível de trabalhar com grandes amostras; a velocidade: é possível obter as respostas mais rapidamente; e a estética e a atratividade: é possível utilizar imagens, sons e hipertexto na construção dos questionários. (MOYSÉS e MOORI, 2007 *apud* NETO, 2004, p.4).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado como página inicial do questionário, no qual ficou explicitado a não obrigatoriedade de participação, bem como a desistência a qualquer momento da pesquisa. O modelo do questionário que foi respondido pelos professores situa-se no Apêndice B.

3.4 Procedimentos do Percurso Metodológico para Coleta de Dados

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.”
Paulo Freire (1996)

Para a coleta de dados algumas etapas fizeram-se necessárias. A primeira diz respeito a solicitação de autorização ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Taubaté, UNITAU/CEP, para dar início ao processo de pesquisa, assim como o lançamento do projeto na Plataforma Brasil. Em seguida, foi feita a solicitação de autorização, por meio de

protocolo, junto à Secretaria de Educação e Cidadania, a fim de que a pesquisa pudesse ser realizada na rede municipal de ensino do referido município.

Antes de ir a campo, foi realizada a verificação dos instrumentos da pesquisa, sendo formado um grupo de quatro mestradas para análise e afinação colaborativa e, em virtude disso, foi aplicado um teste preliminar dos instrumentos de pesquisa, pois conforme dizem Marconi e Lakatos (1999, p. 165) “consiste em testar os instrumentos da pesquisa sobre uma pequena parte da população do ‘universo’ ou da amostra, antes de ser aplicado definitivamente, a fim de evitar que a pesquisa chegue a um resultado falso” verificando os instrumentos a fim de tentar garantir resultados mais fidedignos.

Após a concessão da autorização da Secretaria da Educação, foi realizado o contato inicial, por meio telefônico, às escolas selecionadas a fim de agendar uma reunião, online, por meio da plataforma *Zoom*, tendo em vista de explicar o projeto de pesquisa aos gestores e, posteriormente, aos professores. Assim que a pesquisadora realizou o contato com um membro da equipe gestora da Escola Norte, este se manifestou favorável em participar do estudo e se dispôs de imediato a encaminhar o formulário aos nove professores especialistas dos anos finais e, em seguida foi agendado a entrevista com o docente que ministrava aulas de Enriquecimento, bem como com o próprio membro da equipe gestora. O link para o formulário foi encaminhado via WhatsApp para o membro da equipe gestora e, por meio dele, enviado ao grupo de professores da referida unidade escolar.

Foi solicitado, nessa ocasião, a indicação dos alunos egressos que apresentavam uma identificação maior com a disciplina e o contato de seus respectivos responsáveis para a realização do agendamento das entrevistas.

Buscou-se também realizar contato com a orientadora de ensino responsável pela parte diversificada do currículo do referido município, a fim de solicitar sua colaboração com um espaço em reunião de HTC, remoto, para explanação do projeto aos professores e envio dos questionários realizados por meio do formulário *Google*. A orientadora de ensino de Enriquecimento Curricular de pronto mostrou-se solícita em colaborar, e embora não houvesse a possibilidade de dispor de um momento em HTC, solicitou aos professores, por meio de lista de transmissão de WhatsApp, que respondessem voluntariamente ao questionário online, ressaltando a importância da pesquisa para o componente de Enriquecimento Curricular. O link do questionário foi enviado a 43 (quarenta e três) professores de Enriquecimento Curricular e 18 (dezoito) professores dos anos finais,

totalizando 61 (sessenta e um) formulários enviados e foram obtidas 39 (trinta e nove) respostas.

Após autorizações concedidas e contatos realizados com aceitação aos convites, foram agendadas, por meio do WhatsApp, as entrevistas, as quais foram realizadas entre dezembro de 2020 a março de 2021, em dias e horários que atendessem às necessidades dos participantes e por meio do aplicativo de reunião online Zoom.

Para gravação das entrevistas utilizou-se o próprio *software* de reunião Zoom, mas, também, uma câmera fotográfica para gravar áudio e imagem, assim como o celular para gravação somente de áudio, tentando garantir ao máximo que não se perdesse nenhuma informação. A pesquisadora solicitou aos participantes o preenchimento do Termo de Autorização de Uso de Imagem para a gravação em vídeo, o qual encontra-se no Anexo G.

A entrega dos TCLE dos questionários foi feita de acordo com o aceite de participação. O participante poderia escolher em clicar no botão “ACEITO” ou em “NÃO ACEITO” e de acordo com sua opção foi direcionado para as seções subsequentes ou para o encerramento do questionário. Os participantes que optaram em responder a pesquisa e clicaram no botão “aceito” puderam solicitar via e-mail o arquivo do TCLE, com assinatura digital da pesquisadora. É importante ressaltar que apenas um participante fez esta solicitação para ter uma cópia do arquivo, os demais participantes ficaram satisfeitos apenas com a leitura no início do formulário.

Aos participantes que se dispuseram em realizar a entrevista e o depoimento, o TCLE dos professores especialistas, da orientadora de ensino e dos responsáveis foram encaminhados por meio do WhatsApp e também do e-mail pessoal, bem como o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) dos participantes adolescentes, para realização de leitura prévia e, posteriormente, por meio de chamada de vídeo gravada pela plataforma de reunião online Zoom,. Foi realizada a solicitação para que os participantes verbalizassem o Consentimento pós-informação, de acordo com o Termo recebido e evidenciassem a ciência em todos os aspectos do termo recebido.

Ressaltou-se aos participantes que a adesão e participação na pesquisa era de caráter voluntário e que poderiam se retirar do estudo a qualquer momento sem nenhum ônus.

Evidenciou-se aos participantes que sempre há benefícios e riscos decorrentes da participação dos voluntários na pesquisa. Os benefícios consistem em colaborar com o desenvolvimento profissional dos participantes, promovendo a reflexão das práticas de Educação Empreendedora e dos anos finais do Ensino Fundamental, como também colaborar

com a comunidade acadêmica. O possível risco aos participantes poderia ser de sentirem-se desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação solicitada durante as entrevistas. Entretanto, com intuito de evitar que ocorressem danos aos participantes, foram, veementemente, garantidos os direitos de anonimato; da possibilidade de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que achassem por bem assim proceder; bem como de solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não fossem utilizados. A pesquisadora em tempo reforçou que caso houvesse algum dano ao participante seria garantido os mesmos procedimentos que visassem à reparação e o direito à indenização, bem como o encaminhamento ao serviço público de saúde mais próximo caso existisse algum abalo de cunho emocional.

3.5 Procedimentos para Análise de Dados

Primeiramente, após o recebimento do formulário com as respostas dos participantes, foram verificadas as questões objetivas e para compreensão foi realizada a tabulação dos dados e análise estatística, com intuito de identificar o perfil dos respondentes, bem como a caracterização do grupo dos professores dos anos finais e a verificação de quais percepções estes possuem em relação aos desafios desta etapa do Ensino Fundamental. As questões dissertativas propostas no questionário foram lidas individualmente, nas quais buscou-se elencar as convergências e divergências nas falas dos docentes, como também suas mensagens e aspectos dissonantes no grupo de participantes.

Em segundo lugar, depois da realização das entrevistas, a pesquisadora assistiu aos vídeos de todos os participantes para observar que estavam em condições de imagem e áudio para somente depois realizar as transcrições individualmente, utilizando o recurso de digitação por voz - disponível no Google Docs e atrelada ao software V Cable (Cabo de Áudio Virtual) como também a verificação minuciosa da autora para que os dados permanecessem autênticos e fidedignos.

A análise das falas foi realizada por meio da análise de prosa, apresentada por André (1983, p. 67), como:

[...] uma forma de investigação do significado dos dados qualificativos. É um meio de levantar questões sobre o conteúdo de um determinado material: o que é que este diz? O que significa? Quais suas mensagens? E isso incluiria, naturalmente, mensagens intencionais e não-intencionais, explícitas ou implícitas, verbais ou não verbais, alternativas ou contraditórias. O material neste caso pode ser tanto o registro de observações e entrevistas quanto outros materiais coletados durante o trabalho de campo, como documentos, fotos, um quadro, um filme, expressões faciais, mímicas etc.

Na abordagem da supracitada autora a Análise de Prosa constitui-se como uma ampliação à Análise de Conteúdo,¹⁴ a qual segundo André (1983), por estruturar-se em divisões fragmentadas em pequenas partes (as categorias) denota uma visão restrita da realidade, uma vez que não poderia levar ao conhecimento do todo, pois “os fenômenos apresentam uma multiplicidade de perspectivas que interagem num todo complexo e que é preciso, pois, levar em conta essas múltiplas dimensões e sua interação, para se poder entender mais completamente os fenômenos.” (ANDRÉ, 1983, p. 67).

As entrevistas foram transcritas individualmente, e separadas inicialmente em uma tabela com três colunas, sendo a primeira referente a pergunta da pesquisadora, a segunda a resposta dos participantes e a terceira com observações da pesquisadora, tais como expressões faciais/corporais dos entrevistados, exclamações que merecessem destaque na observação da pesquisa e por trechos que evidenciassem os possíveis tópicos de análise e/ou do relacionados ao referencial teórico (ANDRÉ, 1983, p. 67). Frisa-se que foram realizadas várias leituras, sendo a primeira com objetivo de verificação textual da narrativa, a segunda para compreensão das respostas dos entrevistados e as demais leituras com intuito de identificar aspectos correspondentes a busca dos principais tópicos abordados pelos participantes e o surgimento das categorias de análise.

Com a diversidade de dados provenientes de diferentes instrumentos foi necessário, depois da análise de cada instrumento, realizar, nas etapas seguintes, a triangulação dos dados para consolidar os resultados à luz do referencial teórico. A análise dos dados coletados será apresentada posteriormente neste trabalho.

¹⁴ De acordo com Bardin (2011, p.15), “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

4 PANORAMA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Este item tem por objetivo apresentar o panorama de pesquisas que abarcam o tema dos anos finais do Ensino Fundamental e seus desafios e a Educação Empreendedora. Ressalta-se aqui o corpo teórico que sustentará este trabalho.

4.1 A Educação Empreendedora: conceitos e tensões

“A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco.” (PAULO FREIRE, 2000, p. 76)

A Educação Empreendedora é uma realidade no cenário mundial abrangendo da educação básica à pós-graduação, sendo assim, para compreender a trajetória que esta metodologia tem, faz-se necessário lançar o olhar para os primórdios do conceito de empreendedorismo. Para Arruda, Buchart e Dutra (2016) o termo *entrepreneur* (empreendedor) surgiu na França, no século XII, no entanto, somente no século XVIII, obteve a primeira conceitualização feita por Cantillon (1755) que associou o *empreendedorismo* a um significado econômico e *empreendedor* ao desenvolvimento econômico. Muito tempo se passou até essa palavra começar a ganhar outros contornos.

Autores como o economista Schumpeter (1934), atrelaram o desenvolvimento econômico mundial à criação de novos empreendimentos individuais, associando os empreendedores às questões de inovação e mudanças e afastando-se da produção em larga escala. Lavieri (2010) afirma que a teoria Schumpeteriana pressupõe que o desenvolvimento econômico da sociedade somente ocorreria a partir do desequilíbrio proposto pelas mudanças e inovações dos empreendedores e define o empreendedor como:

aquele que inova, aquele que propõe formas diferentes de fazer as coisas, aquele que reorganiza os recursos produzindo ganho. Se é realmente esse o empreendedor, ou ao menos a ideia por trás da ação empreendedora, e se considerarmos o conceito de maneira ampla, indo além do aspecto econômico, toda educação que visa o desenvolvimento social poderia também ser considerada uma educação para o desenvolvimento da atitude empreendedora. (LAVIERI, 2010 *apud* LOPES, 2010, p.4)

Além da corrente econômica, outras áreas passaram a investigar o empreendedorismo, como a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia. O psicólogo David McClelland, por exemplo, afirma que “o empreendedor é o indivíduo com alta necessidade de realização” (McClelland 1976, p. 207). A abordagem desenvolvida por este autor se estabeleceu como

comportamentalista e apresentava as características específicas do empreendedor, sendo elas: tomada de decisão sobre a incerteza; autoconfiança; atividade instrumental energética e/ou original; responsabilidade individual; conhecimento dos resultados das ações; planejamento de longo alcance e habilidades organizacionais (MCCLELLAND 1976, p.207). A definição de empreendedor e empreendedorismo ganhou várias conotações no século XX. No entanto, o que nos interessa aqui é perseguir concepções mais recentes atreladas ao programa de Educação Empreendedora do SEBRAE.

Já nas condições colocadas para o século XXI, o canadense Fillion (*apud* DOLABELA, 2003, p.37) desenvolveu uma teoria que apresenta o empreendedor como aquele que “imagina, desenvolve e realiza visões” e influenciou o conceito e a perspectiva do brasileiro Fernando Dolabela, que conceitua: “é empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade” (*apud* DOLABELA, 2003, p.38). Esse é o principal autor mobilizado para fundamentar a educação empreendedora desenvolvida pelo SEBRAE e incentivada nas escolas de educação básica brasileiras.

O ensino de empreendedorismo iniciou-se nos Estados Unidos, na Escola de Administração de Harvard, em 1947, (KATZ, 2003) e somente em 1981, ocorreu no Brasil o primeiro curso com essa temática, em nível de pós-graduação, desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas também na área de administração (ARRUDA; BUCHART; DUTRA, 2016).

Neste ínterim, o campo da Educação Empreendedora obteve o reconhecimento de sua relevância, contudo, com a preocupação de se refletir sobre suas propostas e de quais ferramentas seriam mais eficazes ao seu desenvolvimento. Educar para o empreendedorismo neste país é evidentemente recente, e por isso, necessita-se de mais pesquisas e estudos para apresentá-la de modo crítico.

Segundo Lackéus (2015, p. 6), os efeitos da educação empreendedora perpassam o nível individual e o societário, haja vista que promove além da criação de empregos, o crescimento econômico e o aumento da resiliência societária, mas também incita o crescimento individual, o engajamento escolar e a igualdade (Lackéus, 2015 *apud* Arruda, Buchart e Dutra, 2016, p. 46). Questiona-se aqui: seria a educação empreendedora de fato capaz de gerar empregos? Como em uma economia em crise poderiam ser gerados empregos por meio de cursos básicos de empreendedorismo?

Este autor aponta igualmente que, embora, muitos vejam na educação empreendedora uma associação exclusivamente de desenvolvimento econômico, vários outros fatores podem ser explorados em uma visão menos restrita tais como um meio de formar pessoas e

organizações para criação de valor social voltado para o bem público (LACKÉUS, 2015 p. 18). Observa-se que esse autor pondera que a educação empreendedora é mais uma ideologia do que propriamente uma forma de criar empregos ou garantir a sustentabilidade dos estudantes.

O quadro abaixo apresenta as principais justificativas para a o desenvolvimento de uma educação empreendedora na educação básica:

Quadro 8 - Justificativas para a Educação Empreendedora

	Nível individual	Nível organizacional	Nível social
Razões frequentemente declaradas para a educação empreendedora, mas menos eficazes para escolas e abordagens integradas.			
Criação de emprego	Necessita-se de mais indivíduos dispostos e capazes de criar o aumento do emprego.	Organizações em crescimento criam mais empregos.	Empreendedorismo e inovação são caminhos primários para o aumento e a criação do emprego.
Sucesso econômico	O empreendedorismo pode conferir aos indivíduos sucesso econômico.	Renovação organizacional é fundamental para o sucesso a longo prazo de toda empresa.	Processos de inovação são fundamentais para a vitalidade das economias.
Globalização, inovação e renovação	As pessoas necessitam de competências e habilidades para prosperar em um mundo em constante mudança.	Empresas empreendedoras desempenham um papel crucial na modificação de estruturas de mercado.	Um mercado desregulamentado e flexível requer pessoas com competências gerais de níveis mais altos.
Razões raramente declaradas para a educação empreendedora, mas promissoras para escolas e abordagens integradas.			
Contentamento, compromisso, criatividade	Criação / criação de valor / criatividade é a principal fonte de alegria e orgulho para as pessoas.	Criatividade e contentamento do empregado são essenciais para a performance de organizações novas e existentes.	A riqueza econômica das nações se correlaciona com a felicidade de seus cidadãos.
Desafios sociais	As pessoas podem fazer a diferença para a sociedade, e pessoas marginalizadas podem alcançar sucesso econômico.	As corporações podem colaborar com pequenas iniciativas de empreendedorismo social para criar valor social.	O empreendedorismo social aborda os problemas na sociedade, os quais a economia de mercado falhou em resolver.

Fonte: Adaptado de Lackéus, 2015, p.18

Ao observar o Quadro 8, é possível questionar: seria a educação empreendedora capaz de cumprir todas essas “promessas” de sucesso econômico e social sem um vínculo efetivo com o desenvolvimento econômico dos países e das pessoas?

De acordo com Lackéus (2016), a maneira mais efetiva e viável de fomentar a educação empreendedora é percebê-la como meio de propiciar maior interesse, criatividade, alegria e empenho e, embora seja “uma abordagem ainda incomum, alguns pesquisadores afirmam que a educação empreendedora pode aumentar o interesse dos alunos pelas disciplinas, diminuindo a evasão escolar” (LACKÉUS, 2016 *apud* ARRUDA; BUCHART; DUTRA, 2016, p. 56). Essa é a justificativa que mais interessa ao trabalho: seria a Educação Empreendedora capaz de garantir a diminuição da evasão escolar e da distorção idade-série? Como ela seria capaz de atuar na resolução dos principais problemas sociais e econômicos enfrentados pelos estudantes?

A EE na vertente mais ampla vai muito além da criação de um negócio ou desenvolvimento econômico, nessa visão o objetivo é o desenvolvimento das competências empreendedoras, as quais são os conhecimentos, habilidades e atitudes, ou soft skills, na criação de um novo valor (ARRUDA; BUCHART; DUTRA, 2016). Tais competências abordam o desenvolvimento dos fatores cognitivos e não-cognitivos e, de acordo com Lackéus, (2015) “a interação entre os fatores não cognitivos e a educação empreendedora é uma área ainda pouco explorada pelos pesquisadores, mas extremamente promissora, tendo em vista seu potencial de melhorar a educação geral” (ARRUDA, BUCHART E DUTRA, 2016, p. 60).

Os autores Blenker *et al.* (2011) enfatizam que a EE é um componente obrigatório para a vida percebendo o “empreendedorismo como prática cotidiana”, haja vista que, segundo os autores, a atividade empreendedora podem levar a vários valores além do econômico, como também vislumbram o estímulo da mentalidade empreendedora com uma metodologia genérica aplicável nas mais diversas esferas da vida. Voltamos a questionar esses autores aqui: seria a educação empreendedora uma ideologia mais do que de fato uma estratégia de superação dos desafios dos anos finais do ensino fundamental? Qual seria de fato a função da Educação Empreendedora no contexto da educação básica: formar para o trabalho? Construir novos valores no mundo do trabalho? Contribuir na responsabilização dos trabalhadores pelas suas condições de existência? Seria ela capaz de superar a evasão e distorção idade-série?

Notoriamente, a Educação Empreendedora é um tema que suscita discussões e tensões, haja vista a existência de justificativas favoráveis e contrárias a sua implementação. A proposição de uma educação atrelada ao empreendedorismo é, em muitos momentos, desvinculada da criação de um novo negócio ou da prestação de um serviço na sociedade,

gerando recursos e rendas aos trabalhadores; fala-se em iniciativa e protagonismo dos adolescentes para a construção de projetos de vida completamente desvinculados da realidade das características da força de trabalho e do mercado de trabalho. A educação empreendedora parece contribuir para a formação de um novo tipo de trabalhador (SOUZA, 2020).

Nessa direção, Laval (2019, p. 17) afirma que uma nova ordem tende a se impor nas escolas, transformando os espaços de construção de saber, cultura e construção da cidadania em um ambiente que “considera a educação um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico”. Segundo este autor, o modelo escolar vigente sofre com a incidência de um novo capitalismo, o qual implica na “sujeição da escola à razão econômica” tendo como referência ideal um futuro “homem flexível e um trabalhador autônomo” abarcando também uma visão utilitarista da educação para que em detrimento da emancipação intelectual desenvolva-se meramente o capital humano (LAVAL, 2019, p.29).

Laval destaca que, neste formato de educação, está implantado o “aprender a aprender”, no qual os estudantes necessitam desenvolver-se ao longo da vida e “a escola é obrigada a adaptar os alunos aos comportamentos profissionais que serão exigidos deles mais tarde” (LAVAL, 2019, p.81), seja por meio da educação básica, seja pela educação profissional. Esse autor ajuda a compreender como a pedagogia do empreendedorismo tem penetrado em todos os espaços escolares, buscando reunir, cada vez mais, a escola das empresas. Com isso, a escola vai deixando de realizar uma formação ampla, humanista, para se vincular estritamente às necessidades do mundo do trabalho, desde a pequena infância. No Brasil, o SEBRAE e a Educação Empreendedora são os principais expoentes dessa proposta.

No Brasil, há um grupo de autores que versam sobre o tema do empreendedorismo, dentre eles um nome de destaque é Dornelas (2008, p. 22), que conceitua o empreendedorismo como: “o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades”. Além dele, outro autor vem desenvolvendo uma teoria da Pedagogia Empreendedora baseada nos sonhos, desde a Educação Infantil, pois segundo ele é de extrema importância desenvolver uma cultura empreendedora capaz de não aprisionar a verdadeira essência de crianças e de libertar os adolescentes e adultos (DOLABELA, 2003, página 16). Na perspectiva deste autor,

Empreender é um processo essencialmente humano, com toda carga que isso representa: ações dominadas por *emoção*, desejos, sonhos, valores; *ousadia* de *enfrentar as incertezas* e de *construir a partir da ambiguidade* e no indefinido; consciência da inevitabilidade do erro em caminhos não-percorridos; *rebeldia e inconformismo*; crença na *capacidade de mudar o mundo, indignação diante das*

iniquidades sociais. Empreender é principalmente um processo de construção de futuro. (DOLABELA, 2003, p. 29-30. Grifo nosso)

Dolabela (2003, p.32) ressalta que a “Pedagogia Empreendedora é um ambiente para a construção conjunta do conhecimento e não para a transferência linear, um ambiente de preparação para a vida, e não de formação para um emprego, uma ocupação funcional.” Almeida (2019, p.11) apresenta uma visão similar, a qual enfatiza que “a educação acompanha a própria vida, o desenvolvimento do ser humano, sua autonomia e aprendizagem por meio da experiência e da reflexão sobre a experiência”, fomentando assim novas construções, reconstruções, relações, tomada de consciência e conhecimentos, trazendo luz a aprendizagem e ao estudante protagonista de todo processo, como salienta Lockmann e Traversini (2017, p. 828),

A aprendizagem só ocupa a centralidade que é atribuída a ela nos dias de hoje, porque ela não se relaciona mais, apenas, aos conhecimentos escolares como eram tradicionalmente definidos, mas a formas de vida, ou seja, ela incorpora as maneiras pelas quais cada sujeito se torna capaz de governar a si mesmo.

Neste contexto, a Educação Empreendedora pressupõe um fortalecimento do indivíduo (sujeito) e propicia o estímulo “ao educando a construir sua própria representação de mundo de forma livre, consciente e socialmente responsável... combatendo assim a sujeição a controles externos, a obediência cega às regras, a ‘domesticação’”. (DOLABELA, 2003, p.33). O autor reforça também que a EE não tem o objetivo de “repetir modelos e processo concentradores de conhecimento e formação de capital humano”, mas sim de propiciar o desenvolvimento de instrumentos contrários a perpetuação de privilégios e competências e favoráveis à disseminação nas áreas de altas vulnerabilidades sociais e econômicas, as quais, segundo o autor possuem alta capacidade empreendedora (p.134).

Considerando as concepções apresentadas, questiona-se qual seria a especificidade da Educação Empreendedora no caso brasileiro? Como ela de fato poderia contribuir com o desenvolvimento do aprendizado dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental na condição de componente curricular? Se a Educação Empreendedora, na concepção de seus propagadores não busca estar atrelada ao desenvolvimento econômico, como ela pode contribuir para a formação humana dos estudantes da Educação Básica?

4.2 Panorama de pesquisas

Após o estabelecimento da questão e dos objetivos da pesquisa, fez-se de julho a setembro de 2020, uma revisão da literatura nas bases de dados da UNITAU¹⁵ e BDTD¹⁶, considerando os anos de 2000 a 2020. A intenção inicial foi localizar teses e dissertações que tratam do assunto, ampliando posteriormente para outras fontes.

Foram utilizados os seguintes descritores: 1) “Educação Empreendedora e Anos Finais”, “Educação Empreendedora”, “Anos Finais do Ensino Fundamental”. Observa-se, a seguir, um quadro com o indicativo das pesquisas localizadas. Foram excluídas todas as pesquisas que não tratavam diretamente dos anos finais do ensino fundamental e da noção de educação empreendedora.

Quadro 1- Revisão de Literatura realizada na base de dados Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e UNITAU.

Catálogo de Teses e Dissertações				
Banca	Descritores usados na pesquisa			Selecionados
	Educação Empreendedora + Anos finais	Anos Finais	Educação Empreendedora	
UNITAU	-	3	-	1
BDTD	4	1067	499	5
TOTAL	4	1070	499	6

Fonte: BDTD e UNITAU -julho a setembro 2020- Elaborado pela autora, 2022.

Ao observar o Quadro 1, faz-se necessário elucidar que o baixo número de pesquisas encontradas na base de dados da UNITAU dá-se pela recente implementação da pós-graduação *stricto sensu* profissional em Educação na universidade, todavia é possível verificar um aumento significativo nas produções que abordam a temática dos Anos Finais nos dois últimos anos (2020 e 2021), bem como o ano vigente (2022). O Quadro 2 apresenta os títulos selecionados, seus respectivos autores, ano de publicação e instituição.

¹⁵ O Banco de Dissertações do Mestrado Profissional em Educação abarca as pesquisas realizadas pelos estudantes desta universidade, tendo trabalhos divulgados a partir do ano de 2016, os quais podem ser observados no endereço eletrônico: <https://mpe.unitau.br/banco-de-dissertacoes/>.

¹⁶ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. O acesso a essa produção científica é livre de quaisquer custos. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

Quadro 2- Títulos selecionados

TÍTULOS SELECIONADOS				
TIPO ¹⁷	TÍTULO	AUTOR	ANO	IES
D	Educação empreendedora no Ensino Fundamental: uma investigação sobre a Educação Empreendedora SEBRAE- Jovens Empreendedores Primeiros Passos- JEPP- Pijuçara RS	Roselaine Monteiro Moraes	2019	UNISINOS
D	Impactos da Educação Empreendedora na visão de carreira profissional futura: um estudo com alunos concluintes do Ensino Fundamental da rede municipal da rede municipal de ensino de São José dos Campos/SP	Aline Campos Figueiredo	2012	UFMG
D	As representações sociais de diretores professores e alunos sobre a defasagem idade-série: fracasso escolar	Suellen Patareli Miragaia	2019	UNITAU
D	Empreendedorismo no Ensino Fundamental: uma aplicação	Laudinéia de Souza Santos	2000	Universidade Federal de Santa Catarina
D	Pedagogia Empreendedora: um estudo sobre empresariamento de si	Agnes Piangers Mengue	2019	UNISINOS
T	Educação para o empreendedorismo: implicações epistemológicas, políticas e práticas	Marival Coan	2011	Universidade Federal de Santa Catarina

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Na pesquisa na base de dados do Banco de Dissertações da UNITAU foram encontrados três trabalhos que versam sobre a temática dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Após a leitura dos títulos e resumos, foi identificado que somente a dissertação de Miraguaia (2019) oferece contribuição ao tema deste estudo. As duas outras dissertações

¹⁷ Legenda do tipo de trabalho selecionado:

D- Dissertação

T - Tese

encontradas¹⁸, embora sejam bem interessantes, apresentam um foco específico às questões de formação inicial e afetividade docente, que estão fora do escopo desta pesquisa.

As proposições de Miragaia (2019) apresentam a necessidade de se construir e aplicar uma nova forma de educação que atenda não somente aos já favorecidos pelas condições sociais, mas, também, àqueles que almejam avançar em sua escolarização e não conseguem.

O princípio democrático de uma escola para todos deverá se pautar em uma educação que se especialize nas diferenças. A escola contemporânea precisa propiciar espaços para cooperação, diálogo, criticidade, criatividade, oferecendo recursos para que os alunos consigam agir sobre seu meio, garantindo tempo para que todos possam aprender por meio de um currículo escolar que reflita sobre o meio social, estimulando o trabalho coletivo e diversificado e o pensamento crítico. (MIRAGAIA, 2019, p.44, *apud* AUBERT et al., 2016)

Verifica-se a urgência de encontrar um modelo de ensino-aprendizagem que fomente aprendizagens significativas e, principalmente, que colabore com a minimização da distorção idade-série.

A leitura da dissertação apresentou-se bastante significativa no que tange à temática, e na construção e exploração dos instrumentos, principalmente as ilustrações, as quais favoreceram uma maior compreensão das representações dos discentes e ao assunto abordado.

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações foi encontrado um número significativo de trabalhos sobre a temática de EE, após a leitura dos títulos e de parte dos resumos, percebeu-se que poucos eram os trabalhos que abordavam os Anos Finais do Ensino Fundamental, foco desta pesquisa. Foram, então, escolhidos cinco trabalhos, sendo quatro Dissertações e uma Tese.

Uma informação que se faz necessária ressaltar é o significativo volume de trabalhos que abarcam esse assunto na Região Sul do Brasil¹⁹. Dos seis trabalhos selecionados para leitura, apenas dois não pertencem à região supracitada.

¹⁸ As duas dissertações encontradas na base de dados da UNITAU, têm publicação anterior ao mês de setembro de 2020, haja vista que a busca da autora foi realizada neste espaço de tempo:

- A afetividade na história de vida de professores dos anos finais do Ensino Fundamental./ André Ribeiro Soares Borges. - 2019. 120 f.
- Expectativas, desafios e possibilidades na voz de professores iniciantes nos anos finais do Ensino Fundamental./ Eliane Carneiro de Araújo. - 2019. 158 f.

¹⁹ De acordo com Coan (2011, p.142-143), a região foi pioneira na criação de cursos e escolas de Empreendedorismo, recebendo em 1984, o primeiro curso em um Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Em 1992, é criada a Escola de Novos Empreendedores – ENE na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, com a missão de promover ações de intercâmbio com a sociedade e que resultassem na criação, desenvolvimento e consolidação de uma cultura empreendedora.

A primeira dissertação analisada da BDTD foi a de autoria de Santos (2000) que expõe a criação de uma metodologia com sete passos de aplicação, produto realizado pelo grupo de pesquisadores da Escola de Novos Empreendedores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e aplicada aos alunos da oitava série de uma escola estadual catarinense. Apresentou-se como objetivo geral “comprovar a possibilidade de desenvolver habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes no Ensino Fundamental”. Similaridade encontrada neste projeto.

A segunda produção, é a dissertação de Mengues (2019) que apresenta um vasto referencial teórico, o qual servirá de base para pesquisas futuras, além de favorecer compreensões acerca da evolução do empreendedorismo ao longo dos anos e sua multiplicidade de significados. A base de seu trabalho pauta-se nos livros de Fernando Dolabela, divulgador da cultura empreendedora no país. O estudo tenta compreender quais “pressupostos ela coloca em circulação e como ela contribui para a proliferação da educação empreendedora nas escolas”.

O estudo desenvolvido por Moraes (2019), é a terceira produção e apresenta a concepção da educação empreendedora por meio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e o material construído por essa instituição para aplicar a metodologia do JEPP (Jovens Empreendedores Primeiros Passos) aos alunos do Ensino Fundamental. Nota-se a utilização de um arcabouço teórico para enfatizar o desenvolvimento das competências nos alunos de uma escola pública do Rio Grande do Sul no que tange a transformação de seus comportamentos. A pesquisa relata uma mudança significativa em toda comunidade escolar por meio do acesso à Educação Empreendedora. Com intuito de fornecer maiores informações à pesquisa, faz-se necessário evidenciar a Educação Empreendedora promovida pelo SEBRAE, apresentada a seguir.

4.2.1 O Sebrae e a Educação Empreendedora

O SEBRAE é uma entidade reconhecida nacionalmente por atuar na formação de empreendedores orientando os interessados a abrir ou manter o seu próprio negócio. É perceptível o movimento progressivo da instituição em relação a fornecer cursos e formações também no âmbito da educação básica, estabelecendo parcerias tanto nas redes privadas de ensino, quanto nas redes públicas. De acordo com o Art. 1º da RESOLUÇÃO CDN Nº 372/2021 (p.2), o SEBRAE (Serviço Brasileiro de apoio às micro e Pequenas Empresas)

é um Serviço Social Autônomo, instituído por escritura pública sob a forma de entidade associativa de direito privado, sem fins lucrativos, regulada pelo presente Estatuto, em consonância com a Lei nº. 8.029, de 12 de abril de 1990 e alterações posteriores, regulamentada pelo Decreto nº. 99.570, de 09 de outubro de 1990, que dispuseram sobre a desvinculação da entidade da administração pública federal.

A referida resolução apresenta no Art. 5º o objetivo da instituição em

fomentar o desenvolvimento sustentável, a competitividade e o aperfeiçoamento técnico das microempresas e das empresas de pequeno porte industriais, comerciais, agrícolas e de serviços, notadamente nos campos da economia, administração, finanças e legislação; facilitar o acesso ao crédito, à capitalização e o fortalecimento do mercado secundário de títulos de capitalização daquelas empresas; promover o desenvolvimento da ciência, da tecnologia, do meio ambiente, da capacitação gerencial e da assistência social; **promover a educação, a cultura empreendedora e a disseminação de conhecimento sobre o empreendedorismo, em consonância com as políticas nacionais de desenvolvimento.** CDN Nº 372 (2021, p.2, grifo da autora).

É possível observar a vasta abrangência que a instituição possui perpassando desde aperfeiçoamento técnico de empresas, comércios, indústrias, capitalização de créditos e fortalecimento de mercado, bem como promoção da ciência, tecnologia e educação empreendedora (foco deste estudo). Esta relação polissêmica de focos de abrangência suscita o questionamento: qual a intenção implícita da instituição em assistir/assessorar tantos segmentos? No subitem subsequente poderá ser observado o que diversos autores apresentam sobre esta indagação, não obstante, neste momento é indispensável contemplar qual o objetivo do programa direcionado à educação empreendedora, bem como identificar alguns dos cursos disponíveis.

De acordo com informações advindas do Portal Sebrae²⁰ e em consonância com o objetivo salientado no Art. 5º, o de “promover a educação, a cultura empreendedora e a disseminação de conhecimento sobre o empreendedorismo” foi criado, em 2013, o Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE). Ele conta com a parceria de muitas instituições em todo o Brasil, fornece formação de professores na metodologia do programa, os quais ficam responsáveis em desenvolver com os estudantes as propostas do material de aprendizagem fornecido para discentes e docentes. Segundo informações do SEBRAE²¹ (2019), o

foco do trabalho (do PNEE) é promover consciência em torno do empreendedorismo como comportamento, voltado para projetos de vida, e não apenas como ferramenta para a criação de negócios. Assim, os jovens se tornam peças importantes para a transformação de sua realidade e a de suas comunidades.”

²⁰ Informações disponíveis no endereço eletrônico:

https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos

²¹ Disponível em: <https://cer.sebrae.com.br/blog/programa-nacional-de-educacao-empreendedora/>

O catálogo de cursos oferecidos pelo PNEE abrange todos os segmentos da educação: ensino fundamental, ensino médio, educação profissional e ensino superior, podendo citar alguns deles, como: (i) Crescendo e empreendendo - preparação dos jovens para os desafios do mercado de trabalho; (ii) Jovem Empreendedor no Campo²² - formação aos jovens, de 16 a 25 anos, para dar continuidade aos negócios de família, especialmente em propriedades rurais; (iii) Empreendedorismo para a Educação Profissional - formação implementada em cursos técnicos estimulando os estudantes a pensar em sua carreira e na construção de um projeto de vida; (iv) Empreendedorismo para a educação superior: disciplina para os alunos do ensino superior, orientando-os sobre a construção de um modelo e a elaboração de um plano de negócios; (v) E Jovens empreendedores: primeiros passos – curso desenvolvido para alunos do ensino fundamental, com o objetivo de aguçar a curiosidade e o pensamento crítico dos participantes, ajudando-os a entender e a planejar as etapas para a concretização de seus sonhos.²³

Intenciona-se direcionar o olhar para o foco de interesse deste estudo, o Ensino Fundamental, e do curso oferecido também à rede de ensino do município pesquisado. Para isso, buscou-se a compreensão do objetivo do Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP)²⁴ no Ensino Fundamental, o qual é disposto pelo SEBRAE da seguinte maneira: “disseminar a cultura empreendedora e orientar para o plano de negócios, de maneira a estimular os comportamentos empreendedores entre crianças e jovens, incentivando-os à prática do empreendedorismo e o protagonismo²⁵ juvenil.” (SEBRAE, 2020).²⁶ As propostas apresentadas nos livros instigam os estudantes no (re)conhecimento dos comportamentos empreendedores²⁷, os quais são apresentados aos estudantes para que estes

²² Material disponível para download em:

https://www.sebrae.com.br/file_source/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Jovem%20Empreendedor%20No%20Campo_MP_2.pdf

²³ Disponível para consulta em <https://cer.sebrae.com.br/blog/programa-nacional-de-educacao-empreendedora/>; Curso destinado a professores e gestores disponível em:

<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/cursosonline/crescendo-e-empreendendo.ca1f1fef5bf39710VgnVCM10000d701210aRCRD>

²⁴ Curso do JEPP. Disponível em:

<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/educacao-empreendedora-no-ensino-fundamental.0c54be061f736410VgnVCM2000003c74010aRCRD>

²⁵ O termo protagonismo refere-se a protagonista, que “vem do grego e designa o ‘lutador principal de um torneio’. Depois passou a ser usado para indicar os atores principais de um enredo [...] ou de uma trama” (GOHN, 2005, p. 9). Ser um jovem protagonista significa ser o ator, o personagem principal das ações que desencadeia.

²⁶ <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pe/sebraeaz/educacao-empreendedora.429191c67982e410VgnVCM1000003b74010aRCRD>

²⁷ Dez características do comportamento empreendedor: Busca de oportunidades e iniciativa, Busca de informações, Estabelecimento de metas, Planejamento e monitoramento sistemáticos, Persistência,

aprendam a desenvolver posturas proativas em relação às situações da vida cotidiana nos mais diversos campos.

É possível observar no material didático do JEPP, o propósito de “apresentar práticas de aprendizagem, considerando a autonomia do aluno para aprender e o desenvolvimento de atributos e atitudes necessários para a gerência da própria vida (pessoal, profissional e social).” (SEBRAE, 2012). Neste excerto é possível identificar a importância atribuída pela instituição no desenvolvimento da competência do aprender a aprender (ou conhecer), o qual faz parte do desenvolvimento da aprendizagem ao longo da vida, sendo este um dos quatro pilares da educação propostos pelo relatório²⁸ da UNESCO (1996), assim como os demais pilares: aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Castro (2020, p. 160) ressalta que o material do JEPP “visa formar para empregabilidade ou para relações flexíveis de trabalho, estabelecendo uma relação não crítica entre a instituição escolar e o mundo do trabalho, como previsto no projeto neoliberal [...]”.

No próximo subitem serão abordados os autores que, assim como Castro, possuem uma visão crítica à Educação Empreendedora.

4.2.2 Aprender a empreender: tensões e posicionamentos divergentes

Em 2002, em Havana (Cuba) foi desenvolvido o Projeto Regional de Educação para América Latina e Caribe (PRELAC²⁹), da UNESCO, a qual propõe focos estratégicos para a diminuição da pobreza e das desigualdades sociais, proposição que

Implica contribuir para discernir qual é o sentido da educação num mundo de incerteza e mudança. É preciso agregar às aptidões que oferece a educação atual, abordagens para o exercício da cidadania e para a construção de uma cultura de paz. Os quatro pilares de aprendizagem do Informe Delors são um guia excelente para interrogar-se sobre os sentidos da educação; aprender a ser, a conhecer, a fazer e a viver juntos. O PRELAC explicita, por sua importância, um pilar adicional: aprender a empreender (UNESCO/PRELAC, 2004, p. 6).

Comprometimento, Correr riscos calculados, Exigência de qualidade e eficiência, Persuasão e rede de contatos, Independência e autoconfiança. (Do livro do JEPP- Novas ideias, Grandes negócios, 9º ano- 2012)

²⁸ Educação: um tesouro a descobrir - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, cuja autoria é atribuída a Jacques Delors.

²⁹ De acordo com Coan (2011, p. 145) O Projeto Regional de Educação para a América Latina e o Caribe – PRELAC é uma declaração de consenso entre os ministros da Educação sobre a situação e a projeção da educação na região, com o slogan “educação para todos”. Foi aprovado em novembro de 2002, em Havana, Cuba. Na Revista do Escritório Regional de Educação para a América Latina e o Caribe (publicação OREALC/UNESCO) abordam o 5º pilar da educação, que consiste em educar para empreender.

Este acréscimo propiciou debates, haja vista que o acordo foi aprovado na primeira Reunião Intergovernamental³⁰ e em geral, percebe-se uma aderência à utilização da Educação Empreendedora na área educacional, por um lado, no entanto, há também críticas de diversos autores, os quais serão também abordados neste trabalho em subitens subsequentes. É importante evidenciar a visão de Coan (2011), autor da quarta produção analisada neste panorama, o qual declara que a UNESCO, ao adicionar o “pilar ‘aprender a empreender’ aos pilares do relatório Delors, procura estabelecer as diretrizes para a sua inserção no campo educacional com a missão de gerar empregos e riquezas”(COAN, 2011, p.146). Segundo este autor, uma estratégia neoliberal para formação de trabalhadores ao autoemprego e fomentando a individualização das responsabilidades ao empreendedor.

A visão de Coan (2011) diverge dos argumentos apresentados pelos demais autores³¹ que veem a Educação Empreendedora e o Empreendedorismo de maneira positiva, pois na perspectiva de Coan,

educar para o empreendedorismo não se constitui em nenhuma novidade, como querem fazer crer seus apologetas; pelo contrário, pretende revivificar, embora de forma empobrecida, as velhas formas do pensamento liberal clássico aos tempos atuais e protagonizar a formação de um indivíduo aguerrido ao desejo de realização do sucesso pessoal – aquele que tem sonhos e busca realizá-los, ao mesmo tempo em que apregoa a necessidade de formar pessoas preocupadas com as questões sociais. (COAN, 2011, p.458).

Conforme Coan, (2011, p.155) o empreendedorismo foi abordado pelo pensamento industrial brasileiro como discurso de favorecimento de desenvolvimento sustentável, sendo necessário “a formação de empreendedores, por meio de ações e programas, de cunho educacional, voltados para o empreendedorismo, inovação e competitividade”. Em sua tese, o autor enfatiza que o empreendedorismo na esfera educacional obteve ampliação e visibilidade a partir da “proposição da pedagogia empreendedora, programa de inserção do empreendedorismo na educação básica protagonizado por Fernando Dolabela e destinado às crianças e jovens com idades entre 04 e 17 anos - da pré-escola ao ensino médio.” (COAN, 2011, p.163)

³⁰ “O Projeto Regional de Educação para a América Latina e o Caribe –PRELAC foi aprovado na Primeira Reunião Intergovernamental realizada na cidade de Havana, Cuba, entre 14 e 16 de novembro de 2002. Os ministros da Educação presentes e os representantes de 34 países aprovaram-no, assim como o seu Modelo de Acompanhamento. Todos firmaram a Declaração de Havana, que ratifica a vontade política de apoio ao Projeto [...]” (UNESCO, 2004, p.7).

³¹ Os autores citados correspondem à: Moraes (2019), Figueiredo (2012), Santos (2000) e Mengue (2019).

Segundo o autor, “mesmo preconizando que o projeto visa desenvolver atitudes empreendedoras aplicáveis a qualquer dimensão da vida, a pedagogia empreendedora aponta que a participação no programa contribui para a geração de novos empregos e para o desenvolvimento da nação.” (COAN, 2011, p.163)

Corroborando com os pensamento de Coan, vários autores: Mohn (2006), Castro (2019) e Souza (2020) também apontam a Educação Empreendedora e o Empreendedorismo como ferramenta para o fomento do autoemprego, da informalidade e de trabalhadores sem direitos trabalhistas garantidos. Segundo esses autores, uma estratégia da política neoliberal para a fortalecimento/permanência da hegemonia da ordem capitalista. De acordo com Mohn (2006, p. 225),

A Educação formal do jovem não deve estar voltada à preparação de empreendedores, para um mercado de trabalho precarizado, mas sim para a formação de sujeitos que possam reconhecer e atuar sobre determinações sociais, políticas e econômicas, com autonomia intelectual sobre determinações sociais, políticas e econômicas, com autonomia intelectual e compromisso social.

Em continuidade, Mohn (2006, p.226) ressalta que “a educação empreendedora é um discurso que, sob o argumento da realização do sonho e do sucesso pessoal e profissional, apresenta-se como a solução para o trabalho do jovem, capaz de superar os desafios do desemprego e da pobreza.” Na continuação do excerto, o autor declara que o resultado dessa proposta é um “jovem protagonista empreendedor”, o qual se torna o único responsável pelo seu emprego/desemprego e, por consequência, sua sobrevivência.

A tese de Souza (2020), apresenta a proposta de compreender os sentidos da noção de qualificação profissional na política de formação profissional continuada no período de 2011 a 2015 (SOUZA, 2020, p. 199) e traz um capítulo com crítica à pedagogia do empreendedorismo, e embora não tenha relação com o ensino fundamental, foco desta pesquisa, faz sentido utilizá-la, pois suas ideias coadunam com Coan (2011) e corrobora com Mohn ao afirmar que

A pedagogia do empreendedorismo, como conteúdo da qualificação para o trabalho e construção de uma formação do empreendedor de si, responsabiliza individualmente os trabalhadores pelas suas trajetórias de formação e trajetória ocupacional, pelas suas condições de trabalho e pela situação social e econômica em que se encontram. (SOUZA, 2020, p. 238)

Na visão destes autores o empreendedorismo na educação incide no estímulo à precarização do trabalho, à responsabilização única dos indivíduos pelo emprego e/ou desemprego e, por consequência, à sobrevivência, além de não estabelecer subsídios aos jovens trabalhadores/empreendedores para a construção de uma sociedade menos desigual.

A relação de educação empreendedora e trabalho também é abordada na quinta produção abordada no subitem seguinte.

4.2.3 Educação Empreendedora e Carreira

Figueiredo (2012) desenvolveu sua pesquisa no mesmo município em que este trabalho foi realizado, com o intuito de verificar o impacto da educação empreendedora na visão de carreira futura dos estudantes concluintes dos anos finais do Ensino Fundamental. A autora traz em seu estudo a definição³² e os principais modelos de carreira³³ e faz a vinculação da carreira proteana³⁴ com o empreendedorismo e apresenta a importância da Educação Empreendedora na formação desses futuros trabalhadores e de sua empregabilidade.

A autora (2012, p.26) ressalta que "o conceito de carreira está ligado à história do indivíduo e sua atitude perante seu desenvolvimento profissional" e enfatiza que a carreira moderna "tem como característica a instabilidade, descontinuidade e horizontalidade" (FIGUEIREDO, 2012, p.31), tendência natural às exigências da sociedade contemporânea. Sendo esta menos linear, Figueiredo (2012) aponta que a "democratização do ensino proporciona ao indivíduo a possibilidade de uma maior empregabilidade e, assim, melhor condição de seguir uma carreira moderna" e reforça "a responsabilidade da sociedade em desenvolver indivíduos cada vez mais capazes de se adaptar a essa autonomia e responsabilidade sobre suas vidas e carreiras profissionais" (FIGUEIREDO, 2012, p. 26). Ademais, desperta o questionamento se a educação tem favorecido a formação desses trabalhadores para o mercado de trabalho (FIGUEIREDO, 2012, p.31).

No que tange à carreira proteana, Figueiredo (2012, p. 31) diz que neste modelo o trabalhador passa a ser "o agente principal da sua carreira que pode passar por diversos caminhos e organizações de acordo com suas aspirações, sonhos e realização pessoal". Isso significa que passa a ser o protagonista de sua carreira. Em continuidade, a autora enfatiza

³² "A origem do termo de carreira, etimologicamente, segundo Martins (2001), vem do latim via carraria, que significa estrada rústica de carro. Porém, a concepção do termo como trajetória profissional é recente e tem origem no século XIX. Chanlat (1995) indica que a palavra carreira significa "um ofício, uma profissão que apresenta etapas, uma progressão". (Figueiredo, 2012, p. 26).

³³ A autora apresenta os conceitos de Chanlat (1995) que destaca o Modelo Tradicional (conforme este modelo, as empresas são as principais responsáveis pela carreira de seus empregados) e o Moderno (este modelo é marcado pela instabilidade, descontinuidade e horizontalidade, os indivíduos são os principais responsáveis por suas carreiras, e o principal atributo de sucesso é o psicológico, inerente de cada indivíduo. (Figueiredo, 2012, p. 27).

³⁴ A autora traz o conceito de carreira proteana elucidado por Hall (1996), cujo principal objetivo é a realização pessoal, emocional e profissional do indivíduo. Neste modelo de carreira, dirigida pelas pessoas, o sucesso profissional está relacionado ao sucesso psicológico e ao objetivo de vida de cada um. (Figueiredo, 2012, p. 27).

que, neste formato, o profissional necessita desenvolver “o comprometimento com uma atitude de aprendizagem contínua que o torna apto ao desenvolvimento e direcionamento de sua carreira” (FIGUEIREDO, 2012, p.32) Neste contexto, aponta que a “educação empreendedora trabalha a concepção do desenvolvimento de potenciais humanos que sejam capazes de gerar riqueza econômica e social para o país” (Figueiredo, 2012, p.36).

A autora se baseia em Dolabela (2003) para abordar a temática da Educação Empreendedora e enfatiza que dentro dessa perspectiva, o objetivo é estimular a formação de pessoas/trabalhadores capazes de “sonhar e realizar seus sonhos” (FIGUEIREDO, 2012, p.38). Pontua que Dolabela (2003) defende a relevância de atrelar o aprendizado aos sonhos dos indivíduos e reforça que o autor argumenta

que o sonho gera a emoção que impulsiona a vontade de aprender para se realizar. É a partir do sonho dos alunos que deve ser ajustado o guia de ensino que terá como objetivo o desenvolvimento de cidadãos capazes de promover a reconstrução de uma sociedade pautada na justiça social. (DOLABELA, 2003 *apud* FIGUEIREDO, 2012, p. 38).

A autora expressa que a proposta da EE tem “como objetivo desenvolver pessoas ativas e capazes de protagonizar suas vidas, garantindo, assim, uma sociedade mais independente, desenvolvida e democrática”, e salienta que essa tem alinhamento com a “formação básica e o mundo do trabalho”, favorecendo o desenvolvimento de pessoas com perfil mais adequado ao modelo de carreira moderna/proteana (FIGUEIREDO, 2012, p. 39).

Em sequência, a autora apresenta em seu estudo o contexto histórico da implementação e continuidade da Educação Empreendedora na rede de Ensino, o qual faz-se necessário também nesta pesquisa, haja vista favorecer a compreensão de como ocorreu o processo inicial de efetivação da EE no município e qual a situação do programa dez anos após a realização do trabalho de Figueiredo (2012), o que será realizado no próximo subitem.

Por fim, a autora realizou a pesquisa de campo com os estudantes concluintes dos anos finais e afirma que

Os jovens saem do 9º ano do ensino fundamental com uma perspectiva de mudança social e com potencial para realização de seus sonhos e com conhecimento diferenciado para negócios. Com essa base, o município vem se desenvolvendo e melhorando a qualidade de vida da população que se torna mais ativa e capaz de promover mudanças positivas na comunidade em que estão inseridas (FIGUEIREDO, 2012, p. 42-43).

Diferentemente de Figueiredo, a proposição desta pesquisa, não intenciona verificar quais carreiras futuras os estudantes poderão escolher para se inserir no mercado de trabalho, mas sim propõe-se a investigar como a inserção do componente curricular educação

empreendedora pode contribuir para a permanência dos estudantes e promoção da qualidade das aprendizagens nos anos finais do ensino fundamental. Por fim, é preciso ressaltar que Figueiredo (2012) não apresenta nenhuma crítica ao processo de implementação da educação empreendedora, como sinalizado em item anterior, o que pode demonstrar uma aderência da autora ao programa implementado na Rede Municipal estudada.

Vê-se no hall deste panorama de pesquisa, por meio dos autores Moraes (2019), Santos(2000), Mengue (2019), Coan (2011) e Figueiredo (2012), além de Mohn (2006) e Souza (2020), posições largamente díspares em relação à educação empreendedora, a qual representa em pequena escala as tensões que este tema abarca: de um lado adeptos não críticos à relação com o trabalho e aspectos sociais, de outro lado aqueles fundamentados na visão de uma educação que não seja minimizada por temas estritos ao mercado de trabalho que impliquem em menores possibilidades dos estudantes em continuar sua formação profissional e ampliar sua formação humana.

O tópico abaixo apresentará como ocorreu a implementação da parte diversificada na rede de ensino pesquisada.

4.2.4 A implementação do Enriquecimento Curricular no município³⁵

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³⁶ (LDBEN,1996) proporcionou mudanças significativas na Educação Nacional, fato que pode ser evidenciado, dentre outras maneiras, nos Artigo 26 e 27, a saber:

Art. 26. Os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, **a ser complementada**, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, **por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade**, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996. Grifo da autora).³⁷

Art. 27 - Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III - *orientação para o trabalho*;

IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais. (LDBEN, 1996. Grifo da autora)

³⁵ A Educação Empreendedora na rede alvo deste estudo foi implantada em 2002, a partir da Resolução CME n. 03/02, que incluiu os projetos no currículo das escolas municipais.

³⁶ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- (LDBEN)- Lei Federal 9394/96- promulgada em 20 de dezembro de 1996.

³⁷ Redação do Artigo alterada pela lei Lei nº 12.796, de 2013

Atrelada à LDBEN, a Resolução CNE/CEB n.º 2/1998³⁸, bem como o Parecer CNE/CEB n.º 4/98³⁹ os quais enfatizaram a necessidade de a parte diversificada estar integrada a base nacional comum, orientar para o trabalho e corroborar para “legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica”.

Diante deste cenário nacional, o Conselho Municipal de Educação do município pesquisado aprovou a implementação da parte diversificada como enriquecimento curricular, com projetos direcionados à formação para o trabalho já nos anos finais do ensino fundamental, a qual pode ser observada no Parecer CME n.º 03/02

Solicito parecer deste egrégio Conselho sobre a inclusão, com fulcro no inciso III do art. 27 da Lei Federal n.º 9.394/96 (LDB), na grade curricular das escolas municipais de ensino fundamental, a título de enriquecimento curricular, dos projetos a seguir relacionados:

- Informática;
- Educação do Consumidor;
- Artes Práticas;
- Profissional do Futuro;
- Aprendiz de Turismo;
- Miniempresa.

A orientação para o trabalho foi o motivador para a implementação do Enriquecimento Curricular na rede de ensino municipal, ao qual foi integrado o projeto de Educação Empreendedora analisado nesta pesquisa.

Em 2004, foi inaugurado o Centro de Educação Empreendedora (CEDEMP) cuja missão consistia em subsidiar e coordenar os projetos implementados para a formação para o trabalho, assim como as atividades desenvolvidas pelas escolas, como também estimular a disseminação da cultura empreendedora na cidade, tanto para os estudantes da rede municipal de ensino, bem como para estudantes pertencentes à Educação Profissional Básica (LOPES, 2010, p.56).

³⁸ Resolução CNE/CEB n.º 2, de 7-4-98:

Art. 3º - São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:

[...] IV - Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional. A base comum nacional e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a educação fundamental e:

a) a vida cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como:

1. a saúde; 2. a sexualidade; 3. a vida familiar e social; 4. o meio ambiente; 5. o trabalho; 6. a ciência e a tecnologia; 7. a cultura; 8. as linguagens.

³⁹ Parecer n.º CNE/CEB 4/98, homologado pelo Senhor Ministro da Educação e do Desporto em 27-3-98:

[...]c) Parte Diversificada: envolve os conteúdos complementares, escolhidos por cada sistema de ensino e estabelecimentos escolares, integrados à Base Nacional Comum, de acordo com as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela, refletindo-se, portanto, na Proposta Pedagógica de cada Escola, conforme o art. 26.

De acordo com Lopes (2010), os primeiros programas da Educação Empreendedora implementados na rede municipal estão listados no Quadro 3.

Quadro 3- Programas de Educação Empreendedora implementados na REM⁴⁰

Programa	Público-alvo	Periodicidade	Descrição
Profissional do Futuro (1999)	Estudantes da 7ª e 8ª séries ⁴¹	Duas aulas semanais.	Desenvolvimento da competência empreendedora por meio de resolução de problemas, tendo três eixos estruturantes: Relações intra e interpessoal; Planejamento pessoal e profissional; Comunicação, marketing pessoal e planejamento de negócios.
Feira do Jovem Empreendedor ⁴² (2000)	7º ao 9º séries do Ensino Fundamental ⁴³	Anual	Desenvolvimento do espírito empreendedor, por meio de projetos inovadores criados pelos estudantes, baseados em pesquisa de campo realizada nas comunidades do entorno da unidade escolar e apresentados na feira.
Programa Aprendiz de Turismo (2002)	Estudantes da 7ª e 8ª séries	Duas aulas semanais.	Conscientização da importância do turismo para a comunidade e para o Brasil. Programa desenvolvido em convênio da prefeitura com a Agência de Viagens e Turismo Brasil. ⁴⁴
Jovens Empreendedores Primeiros Passos (2002)	Estudantes da 2ª a 8ª séries	--- ⁴⁵	Desenvolvimento do programa de Educação Empreendedora para o Ensino Fundamental por meio de temas ⁴⁶ escolhidos pelo Sebrae, a fim de possibilitar uma experiência real de negócio para os estudantes.
Junior Achievement (2002)	Estudantes da 8ª série	3 horas e meia por 15 semanas	Desenvolvimento de competências empreendedoras por meio da criação e gestão de miniempresas.
Pedagogia Empreendedora (2003) ⁴⁷	Estudantes de 4 anos de idade até o final do Ensino Fundamental	---	Visa despertar os sonhos dos estudantes e da preparação das ações para realizá-los, despertando assim o espírito empreendedor.

Fonte: Elaborada pela autora com base em Lopes (2010).

Da implementação do programa até o período pesquisado por Figueiredo (2012), passaram-se dez anos e, de acordo com Lopes (2010), nesse ínterim foi criado o Laboratório do Jovem Empreendedor (LAJOE) cujo objetivo era o de aprimorar os projetos apresentados

⁴⁰ REM- Sigla de Rede de Ensino Municipal.

⁴¹ Nomenclatura utilizada antes da Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, a qual amplia o Ensino Fundamental de oito para nove anos. A respectiva equivalência é: sétima série= oitavo e, oitava série= nono ano.

⁴² Oficializada pelo Decreto n. 10.775/2002. Em 2000 foram apresentados projetos somente por dez escolas.

⁴³ Participavam da Feira os alunos do Ensino Fundamental da rede municipal, mas também estudantes secundários de escolas vocacionais, públicas e privadas.

⁴⁴ O programa conquistou cinco vezes o Prêmio Aldo Papone de iniciativa da ONG Global Travel & Tourism Program (GTTP) – programa internacional que incentiva trabalhos na área de turismo. Disponível em: https://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=4618

⁴⁵ Não foram encontrados dados referentes a periodicidade destes encontros na rede de ensino municipal.

⁴⁶ Os projetos desenvolvidos nesta implementação foram: 2ª série- Fábrica de brinquedos; 3ª série- Praticando a Natureza; 4ª série- Locadora de Gibis; 5ª série- Quem sabe faz a hora; 6ª série- Oficina de Estamparia; 7ª série- Show room de papel; 8ª série- Desenvolvimento Empreendedor. (LOPES, 2010).

⁴⁷ Baseado na Teoria Empreendedora dos Sonhos de Fernando Dolabela (2003)

na Feira do Jovem Empreendedor, através de ações que proporcionem conhecimentos técnicos e em gestão de negócios, agregando melhorias tornando-os competitivos no mercado (Figueiredo, 2012, p.42). Assim, os projetos alcançaram números cada vez maiores, obtendo na Feira do Empreendedor de 2012 mais de 100 mil visitantes⁴⁸.

Entre o período da pesquisa realizada por Figueiredo (2012) e esta pesquisa tem-se o espaço-tempo de mais uma década, no qual o programa passou por diversas transformações, principalmente de ordem político-partidária⁴⁹. O quadro de aulas de Enriquecimento Curricular passou por uma reestruturação obtendo novos temas para as aulas que, de acordo com o Parecer CME nº 01/2016, passa a ter: Educação para o consumo consciente; Educação para o turismo sustentável; Educação Fiscal; Educação para cidadania e Artes Plásticas⁵⁰.

O programa de Educação Empreendedora passou a ter as aulas de Enriquecimento Curricular, sem a adesão de projetos externos e o CEDEMP foi desativado, instalando-se no seu prédio o Laboratório de Educação Digital e Interativa (LEDI)⁵¹. No período de 2013 a 2016 não ocorreu a Feira do Jovem Empreendedor, tendo nova edição no ano de 2017 com a troca de governo da gestão municipal.

4.2.5 O novo formato da Educação Empreendedora no município pesquisado

A partir de 2017, o programa de Educação Empreendedora é retomado em virtude do ofício nº 1625/SEC/17, de 09/08/17, “solicitando manifestação do Conselho Municipal de Educação quanto à proposta de reestruturação da Parte Diversificada do Currículo das escolas de ensino fundamental, através da execução do Programa de Educação Empreendedora”⁵². As atividades foram retomadas nas aulas de Enriquecimento Curricular e os projetos e conteúdos revistos por uma comissão formada por professores convidados e pela equipe técnica da Secretaria de Educação⁵³ com os seguintes temas:

⁴⁸ Disponível em : https://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=12780

⁴⁹ Em 2012, o prefeito eleito do referido município pertencia a um partido diferente dos anos que o precederam, e a partir de 2013, o programa de educação empreendedora recebeu reformulações, dentre elas a eliminação da Feira do Jovem Empreendedor e a desativação do CEDEMP.

⁵⁰ Parecer disponível em: https://www.sjc.sp.gov.br/media/4030/parecer_cme_01_16.pdf

⁵¹ Criado pela Prefeitura, em agosto de 2015, para desenvolver conteúdos pedagógicos aliados à tecnologia.

Disponível em: https://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=25376

⁵² Para visualizar as informações referente a retomada do programa, vide páginas 18 e 19.

<https://servicos.sjc.sp.gov.br/governo/boletim/boletimPDF/20171006215337279642e3-fa1b-4768-935f-629ca2935033.pdf>

⁵³ Comissão formada por professores efetivos e de prazo determinado que atuavam no componente de Enriquecimento Curricular, com a finalidade de adequar os projetos à BNCC, bem como construir um documento Norteador para atuação nas referidas aulas. (Documento Interno do CEDEMP).

- 6º ano: Educação Financeira e Consumo Consciente
- 7º ano: Educação Financeira e Educação Fiscal
- 8º ano: Educação Empreendedora - Empreendedorismo Social
- 9º ano: Educação Empreendedora- Ideias Inovadoras

Neste novo formato, é possível perceber que houve uma mescla dos temas propostos anteriormente, sendo desenvolvidos atualmente os projetos da Pedagogia Empreendedora dos sonhos (para as crianças de quatro e cinco anos) no Pré II; bem como o JEPP para os estudantes do quarto, oitavo e nonos anos. O Centro de Educação Empreendedora foi reativado desenvolvendo oficinas de empreendedorismo, robótica, tecnologia e liderança aos estudantes de oitavo e nono anos do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino. A feira do jovem empreendedor teve novas edições com um novo nome: *Empreende-startups educacionais* e em 2020 e 2021 as edições ocorreram de maneira virtual,⁵⁴ sendo previsto o retorno do evento presencialmente neste ano (2022).

O viés da formação da parte diversificada do currículo no município tem como autor de referência Fernando Dolabela. De acordo com as informações relatadas pelos entrevistados, os professores que têm aulas atribuídas nesse componente participam de encontros formativos em HTCs com a Orientadora de Ensino responsável pela educação empreendedora na rede de ensino e recebem o Documento Norteador⁵⁵, o qual apresenta, em sua estrutura, as Unidades Temáticas, os Objetos de Conhecimento e as Habilidades, e versa sobre o objetivo de desenvolver, principalmente,

o “aprender a empreender”, pois é por meio dele que se busca construir os saberes necessários para transformar os sonhos e projetos em ações concretas, reais e tangíveis. Isso consiste na orientação de um sujeito mais autônomo, protagonista e que busque com afinho o autoconhecimento e a autogestão, características que contribuirão para que se tornem adultos mais resilientes e conscientes quanto aos caminhos que devem trilhar para alcançar seus objetivos. (Documento Norteador, 2020, p.7)

⁵⁴ <https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2021/novembro/10/empreende-2021-sera-virtual-com-abertura-nesta-quinta/>

⁵⁵ De acordo com informações do Centro de Educação Empreendedora, o documento foi construído colaborativamente pela Orientadora de ensino do componente de Enriquecimento Curricular e docentes atuantes na parte diversificada do currículo, para o desenvolvimento das aulas de EC nos anos finais do Ensino Fundamental da rede municipal estudada.

Neste documento é possível verificar que algumas competências específicas de Enriquecimento Curricular, constante no programa de Educação Empreendedora, conforme pode ser visto no quadro 9, relacionam-se diretamente às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁵⁶.

Quadro 9 - Competências específicas de Enriquecimento Curricular

Construir argumentos, com base nos conhecimentos de empreendedorismo, para negociar, criar, produzir, implementar e defender novas ideias, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Utilizar a capacidade de criar e inovar. Desenvolver resiliência, sociabilidade, proatividade e autoconfiança. Ampliar a comunicação, a postura investigativa e a resolução de problemas.
Agir individualmente e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação.
Propor ideias, ações e projetos para soluções de problemas, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.
Nomear e expressar sentimentos, refletir sobre desejos e objetivos de vida presentes e futuros. Aprender a organizar-se, através do planejamento e estabelecimento de metas. Exercitar a determinação, autoconfiança e persistência.

Fonte: Documento Norteador de Enriquecimento Curricular. 2022

Abaixo, são apresentadas as Unidades Temáticas previstas para ser desenvolvidas em cada um dos anos finais do ensino fundamental em relação à educação empreendedora:

Quadro 10 - Unidades Temáticas de Enriquecimento Curricular

	UNIDADES TEMÁTICAS
7º ANO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Protagonismo Juvenil
8º ANO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Empreendedorismo e Empreendedorismo Social ▪ Empreendimentos Sociais e Projetos ▪ Contexto Social, Pesquisa de Campo e Planejamento ▪ Projeto Empreendedor
9º ANO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Empreendedorismo: Criatividade e Inovação ▪ Ideias Inovadoras e Planejamento das Ideias

⁵⁶ As competências gerais da Base Nacional Comum Curricular encontram-se disponíveis em: https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2018/03/BNCC_Competencias_Progressao.pdf. Acesso em agosto de 2022.

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Modelo de Negócios Canvas ▪ Projeto de vida
--	--

Fonte: Elaborado pela autora com base no Documento Norteador de Enriquecimento Curricular. 2022

De acordo com as informações constantes no Documento Norteador (2020, p.7), as propostas para o desenvolvimento dos objetos de conhecimento das Unidades Temáticas citadas acima, podem contribuir para que os discentes tenham possibilidades de resolver situações-problemas, inovar, pensar e transformar ideias em realidade, propiciando o aprender a ser, fazer, conhecer, conviver e o aprender a empreender, atrelando-se o estímulo às vivências práticas das habilidades socioemocionais, fomentando, a priori, o protagonismo dos estudantes no centro do processo que culmina em uma feira de criação de startups educacionais.

Observa-se que o Documento Norteador da Educação Empreendedora no município pesquisado está em consonância com o que propõe os principais referenciais mobilizados pelo projeto do SEBRAE. Essas instituições têm atuado diretamente na Secretaria de Educação do município pesquisado para o desenvolvimento da pedagogia do empreendedorismo. Essa ligação/relação fomenta alguns questionamentos: Qual será a visão da comunidade escolar em relação à contribuição da educação empreendedora frente aos desafios dos anos finais? Como a Educação Empreendedora pode contribuir para a superação dos desafios dos anos finais do ensino fundamental? Qual a relevância de um direcionamento precoce das crianças para o mundo do trabalho?

O desfecho desse e dos demais questionamentos serão analisados nos próximos itens da pesquisa.

4.3 Anos finais do Ensino Fundamental: desafios

Pesquisar sobre os desafios colocados para os anos finais propicia a visualização de grande quantidade de materiais disponíveis em base de dados diversas, as quais abordam o assunto vastamente. No entanto, percebe-se, após a leitura dos títulos dos trabalhos, que há uma valorização e predominância de pesquisas e trabalhos nas áreas dos conhecimentos específicos como, por exemplo, matemática, ciências, geografia, história etc. Eles compõem o

currículo⁵⁷ proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁵⁸ e os demais trabalhos discorrem sobre questões que impliquem em suas vulnerabilidades, tais como bullying, drogas, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez.

Aspectos que propiciem um olhar direcionado a esse segmento em sua totalidade e especificidade raramente foram abordados. Partindo dessa dificuldade, optou-se por analisar o caderno quatro do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) “Educação na segunda etapa do Ensino Fundamental” (2007) e a pesquisa da Fundação Carlos Chagas intitulada “Anos finais do Ensino Fundamental: aproximando-se da configuração atual” (2012).

O material produzido pelo CENPEC (2007) expressa o desejo de “iluminar um ciclo esquecido” e traz reflexões relevantes acerca da complexa situação de ruptura entre os anos iniciais, das peculiaridades da adolescência, da forma de como a escola tem propiciado o aprender a ler, a escrever, a estudar. Além de abordar as características que este segmento obtém na esfera nacional, apresentando-se como:

- ensino organizado num conjunto de disciplinas ministradas por professores especialistas que partem do pressuposto de que o aluno já tenha se alfabetizado e adquirido trânsito mais competente na leitura e escrita, assim como maior autonomia para aquisição de novos conhecimentos e competências;
- ensino dirigido a pré-adolescentes e adolescentes;
- ensino majoritariamente gerido pela esfera de governo estadual (Mansutti *et al.*, 2007, p.9).

É sob essas peculiaridades que o ensino dos anos finais é oferecido atualmente no Brasil. Atrelado a isso vê-se as mudanças físicas, emocionais e psicológicas agindo fortemente no público-alvo dessa faixa etária, fato que ocasiona também mais um ponto de desafio. Propiciar no ambiente escolar um meio de potencializar as qualidades dos alunos adolescentes e tornar a escola um espaço significativo para eles é outro entrave lançado a esta etapa de ensino.

Segundo Mansutti *et al* (2007, p. 11), o modo de vida desses adolescentes é geralmente ignorado ou mesmo combatido socialmente que concebem a ideia “de que é

⁵⁷ De acordo com o Portal do MEC - O atual Conselho Nacional de Educação-CNE, órgão colegiado integrante do Ministério da Educação, foi instituído pela Lei 9.131, de 25/11/95, com a finalidade de colaborar na formulação da Política Nacional de Educação e exercer atribuições normativas, deliberativas e de assessoramento ao Ministro da Educação.

⁵⁸ Lei 13.145, de 16.02.2017- A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

preciso preparar os adolescentes para a vida adulta e pouco se perguntam sobre o que eles precisam viver agora, em termos de valores a serem privilegiados em sua formação”.

Acredita-se que é função da escola favorecer a potencialidade dos seus educandos, todavia no referido material de estudo há a constatação de que “tanto a sociedade quanto a escola acabam perdendo a capacidade de diálogo com os adolescentes e não conseguem promover, para a maioria, o tão almejado preparo consistente para a vida adulta” (MANSUTTI et al., 2007, p.11).

É notório que as características que se revelam mais preponderantes aos olhos da escola e da sociedade são aquelas de nuances negativas à essa fase de vida e de escolarização. Buscar alternativas que propiciem ações em que o engajamento dos alunos e professores sejam alcançados, é outro ponto desafiador deste segmento.

Outro fator que merece atenção é a formação do professor especialista para abordar e lidar com as questões da adolescência, pois de acordo com o estudo trazido pelo CENPEC, os docentes não recebem a formação adequada para trabalhar com esse público-alvo, o que “compromete a capacidade formativa da escola, que não consegue contribuir para a construção da identidade e do projeto de vida de seus alunos.” (MANSUTTI *et al.* 2007, p. 11).

Ambos os materiais acentuam a necessidade de políticas públicas para o desenvolvimento e recuperação dessa fase de ensino, incluindo também a relevância e produção teórica sobre o assunto nomeando de descaso que “parece indicar não só a baixa prioridade dada a pesquisas e projetos inovadores nesse segmento, como também, sobretudo, um vazio de políticas públicas para produzir mudanças efetivas e necessárias” (MANSUTTI *et al.*, 2007, p. 11).

A pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas, publicada em 2012, e de autoria de Davis *et. al.*, traz o intuito de evidenciar as especificidades dos anos finais do Ensino Fundamental e seus desafios, assim como subsidiar novos estudos. O que de fato já corrobora com o intuito do trabalho desenvolvido pelo CENPEC, em 2007.

Nota-se no estudo uma preocupação em evidenciar os processos que constituíram os anos finais no formato que se conhece atualmente, tanto no que tange aos aspectos legais, quanto na abrangência das políticas públicas e curriculares.

Outro ponto que merece destaque é o citado por Davis *et. al* (2012), que aborda a turbulenta transição dos discentes que frequentam os anos iniciais e ingressam nos anos finais. Encontrar recursos que minimizem essa brusca ruptura também pode ser elencado como mais

um dos muitos desafios que este segmento acomoda “delinear outras possibilidades de tratar os anos finais do Ensino Fundamental de maneira diversa de seus anos iniciais, assegurando a esse momento da vida um tratamento compatível com suas muitas transições.” (Davis *et. al*, 2012, p. 176).

A inevitável constatação que se chega, por meio do estudo do material, é que aliado a todos fatores mencionados no corpus deste item, pode-se acrescentar o agravante da defasagem idade-série e abandono escolar, o que evidencia a presença do fracasso escolar nos anos finais dos Ensino Fundamental e de práticas seletivas e excludentes (Davis *et. al*, 2012, p. 153).

4.3.1 Desafio distorção idade-série

Com o intuito de fazer uma análise comparativa dos dados⁵⁹ que representam a taxa de distorção idade-série⁶⁰ (do Brasil, do Estado de São Paulo e do Município pesquisado), considerando como parâmetro a determinação da LDB, art. 32 e da Resolução da Câmara de Educação Básica nº 6/2010 (p. 17) que diz, em seu artigo 3º, que “para o ingresso no primeiro ano do Ensino Fundamental, a criança deverá ter idade de 6 (seis) anos completos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula”. Partindo dessas normatizações, os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental que não estão no quadro da distorção de idade-série, deverão ter entre onze (11) a quatorze (14) anos ao cursar este segmento do Ensino Fundamental.

Neste momento, percebe-se a pertinência em identificar, no corpus deste trabalho, os termos abandono escolar e evasão escolar. Sendo assim, é importante ressaltar que, embora os dois termos representem exclusões escolares, os significados são distintos. O termo *ABANDONO* escolar se refere “a porcentagem de alunos que deixaram de frequentar a escola após a data de referência do Censo.” (BRASIL. Inep, 2018, p.2). Isso significa um estudante que finaliza o ano letivo sem a identificação de aprovação ou reprovação (KLEIN, 2003). Já a

⁵⁹ Serão apresentados posteriormente neste tópico.

⁶⁰ A distorção idade-série é a proporção de alunos com mais de 2 anos de atraso escolar. No Brasil, a criança deve ingressar no 1º ano do ensino fundamental aos 6 anos de idade, permanecendo no Ensino Fundamental até o 9º ano, com a expectativa de que conclua os estudos nesta modalidade até os 14 anos de idade. O cálculo da distorção idade-série é realizado a partir de dados coletados no Censo Escolar. Disponível em: [OEdu Conteúdos - Distorção Idade-Série](#). Acesso em julho de 2022.

EVASÃO ESCOLAR relaciona-se “ao fluxo/transição entre os anos”. Para os objetivos desta pesquisa, utilizar-se-á a nomenclatura abandono.

Para compor, de maneira mais abrangente, o cenário deste desnivelamento, a proposta da pesquisadora foi buscar informações de uma década após a implementação da LDB, bem como em um período contemporâneo aos dos referenciais observados (2007 e 2012), que fornecessem dados mais recentes e próximo à fase em que esta pesquisa está sendo realizada.

Através dessas premissas, elenca-se um triênio, sendo este 2008, 2009 e 2010 com o intervalo de uma década entre o outro período, estabelecendo-se assim 2018, 2019 e 2020, e tendo como base de dados o Censo Escolar, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Escolhe-se lançar o olhar para o macro, o país como um todo, e vir escalonando o zoom no Estado de São Paulo, em seguida no município em que se localiza as unidades escolares que são o alvo desta pesquisa, que corresponde a uma microcélula dentro deste segmento em nível de Brasil. Cabe ressaltar que em relação ao município, escolhe-se observar apenas as escolas pertencentes à rede municipal de ensino estudada.

Observando o primeiro triênio selecionado, é possível verificar variações significativas entre os índices apresentados em nosso país, o estado e o município. Calculando-se a média da distorção idade-série dos anos finais no referido triênio tem-se o valor de 28,3 pontos percentuais (p.p) para a esfera nacional (Brasil); 13,7 p.p. para o estado de São Paulo e 5,4 p.p. para o município.

Através do quadro afere-se que os índices do sexto ano são muito expressivos no que diz respeito ao Brasil e um declínio de mais de seis pontos ao nono ano, encerramento do ciclo dos anos finais. Fato inverso ocorre com os dados do estado e município, nos quais observa-se uma crescente do percentual do nono ano em relação aos números do sexto ano. Outro ponto relevante a ser destacado é uma leve crescente nos índices de distorção idade-série no sétimo ano do Ensino Fundamental nos anos de 2009 e 2010 na esfera municipal.

Não obstante, é importante ressaltar que os índices do município pesquisado, apresentam em todas as séries dos anos finais, um número expressivamente inferior ao Estado e ao país no que tange ao triênio de 2008 a 2010, conforme pode ser observado no Quadro 4, a saber:

Quadro 4 Taxa de Distorção Idade-Série - Brasil, Estado de São Paulo e Município

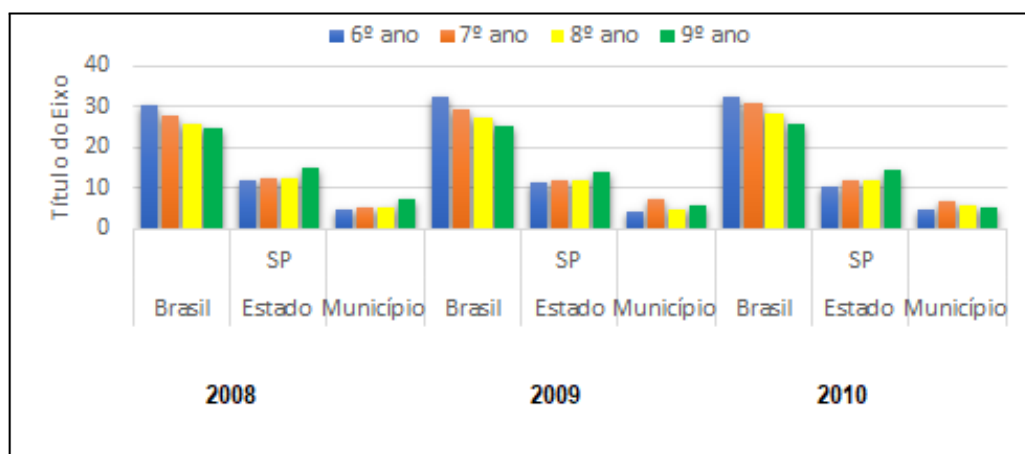
Triênio 2008 a 2010 (%)

Ano/ Série	2008 (%)			2009 (%)			2010 (%)		
	Brasil	Estado SP	Município	Brasil	Estado SP	Município	Brasil	Estado SP	Município
6º ano	30,3	11,9	4,7	32,6	11,4	4,3	32,5	10,5	4,5
7º ano	27,8	12,6	4,9	29,5	11,7	7,2	30,7	11,9	6,6
8º ano	25,8	12,1	5,2	27,5	11,8	4,4	28,3	11,9	5,9
9º ano	24,9	14,9	7	25	13,9	5,9	25,7	14,5	5,4

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP. 2022

Fica evidente, por meio da imagem do Gráfico 1, o árduo caminho que se tem que percorrer para minimizarmos o impacto deste desnível na vida acadêmica dos estudantes e na sociedade.

Gráfico 1 Taxa de Distorção Idade-Série - Brasil, Estado de São Paulo e Município
Triênio 2008 a 2010

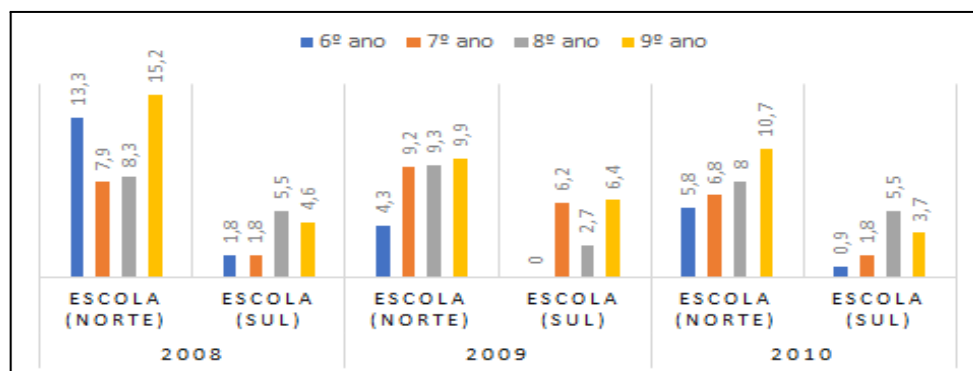


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP. 2022

É notório que o município selecionado apresenta melhores resultados em comparação com os outros entes da federação, o que representa um fator positivo dentro de uma perspectiva educacional. No entanto, é importante verificar quais serão os índices apurados quando o parâmetro de análise se refere às unidades escolares pertencentes à mesma cidade,

separadas geograficamente entre as regiões Norte, sendo esta rural e Sul, localizada na zona urbana, no mesmo espaço- tempo determinado pelo triênio de 2008 a 2010.

Gráfico 2 - Taxa de Distorção Idade-Série - Escolas Municipais Pesquisadas- 2008 a 2010



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP. 2022

Percebe-se, por meio das informações contidas no quadro que a Escola Norte apresentava no triênio observado, um índice bem elevado em comparação à média do município, ultrapassando, inclusive, alguns números pertencentes ao Estado de São Paulo. Isso demonstra a necessidade de implementação de ações educacionais, de correção de fluxo e políticas públicas que impactem de maneira positiva sobre o cenário exposto e minimizem as consequências deste alto índice.

Em contrapartida, a Escola Sul demonstra uma oscilação nos índices variando de 6 p.p a menos de 1 p.p, ocorrência que sinaliza uma redução crescente da taxa de distorção idade-série, conforme pode ser visualizado acima no Gráfico 2.

Ao direcionar o olhar para o segundo triênio analisado, 2018 a 2020, tem-se a constatação que houve ganhos significativos na diminuição dos percentuais em relação aos primeiros três anos verificados, no que diz respeito ao Brasil e ao estado de São Paulo. É possível constatar que, a nível de país, a série que alcança o percentual de distorção mais elevada situa-se no sétimo ano, diferentemente no triênio anterior, no qual o lugar era ocupado pelo sexto ano dos anos finais do Ensino Fundamental.

Ao observar o Quadro 5, percebe-se que os índices na esfera estadual contemplam uma irregularidade nas séries dos anos finais, transitando em maior número ora no sétimo, assim como no país e, em 2020, no nono ano com 11,5 p.p., o que representa uma diferença de 10 pontos em comparação com os dados da nação no mesmo período.

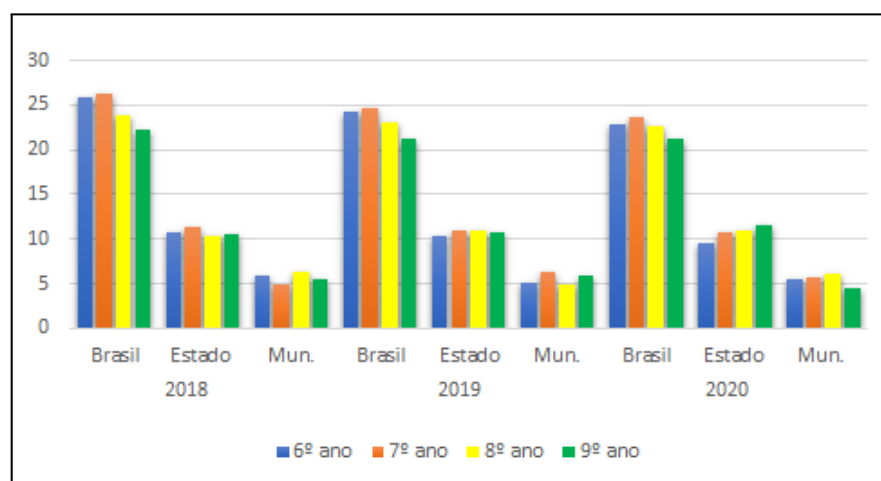
Quadro 5 - Taxa de Distorção Idade-Série - Brasil, Estado de São Paulo e Município
Triênio 2018 a 2020 (%).

Ano/ Série	2018			2019			2020		
	Brasil	Estado SP	Município	Brasil	Estado SP	Município	Brasil	Estado SP	Município
6º ano	25,8	10,8	6,8	24,3	10,3	5,1	22,8	9,6	5,5
7º ano	26,2	11,4	4,8	24,6	11,0	6,3	23,7	10,7	5,7
8º ano	23,9	10,3	6,3	23,1	10,9	4,9	22,6	11,0	6,2
9º ano	22,3	10,6	5,5	21,3	10,8	5,9	21,3	11,5	4,4

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP. 2022

Verifica-se que o menor índice apresentado (4,4%) se refere ao nono ano de 2020 na esfera das unidades escolares municipais, ocorrência que apresenta uma queda de um ponto percentual em relação ao ano de 2010.

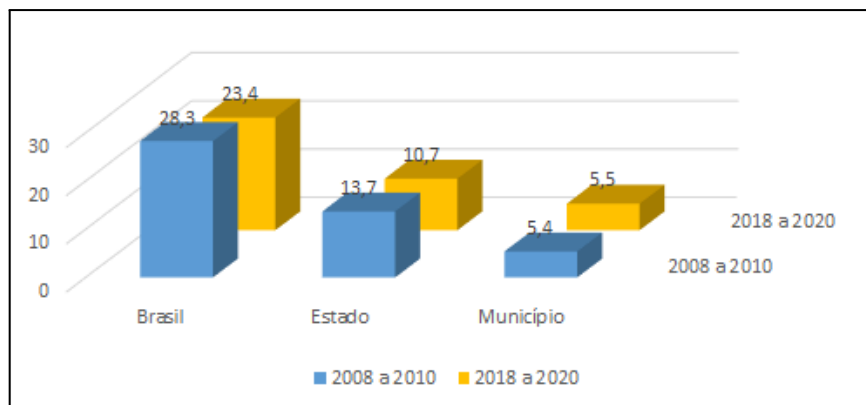
Gráfico 3 - Taxa de Distorção Idade-Série - Brasil, Estado de São Paulo e Município
Triênio 2018 a 2020



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP. 2022

É importante reiterar que, embora os níveis dos índices da nação para esta análise ainda sejam altos (23,4%), houve um declínio acentuado de mais de cinco pontos percentuais em relação ao triênio de 2008 a 2010 (28,3%), número representativo de significativos avanços, conforme podem ser observados nos Gráficos 3 e 4.

Gráfico 4 - Comparativo: distorção idade-série anos finais entre os entes da Federação (%)



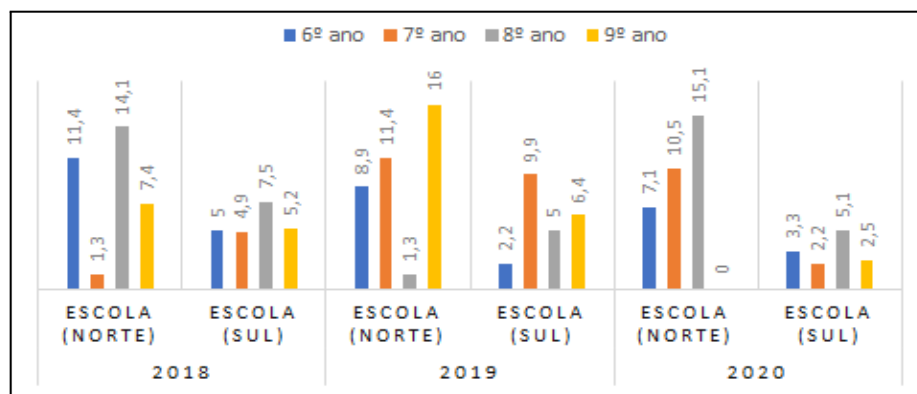
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP. 2022

Nos índices apresentados pela média do triênio 2018 a 2020, a rede municipal de ensino do município pesquisado já atende ao que está disposto no Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024)

Universalizar o ensino fundamental de 9 (nove) anos para toda a população de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e garantir que pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência deste PNE. (BRASIL 2014)

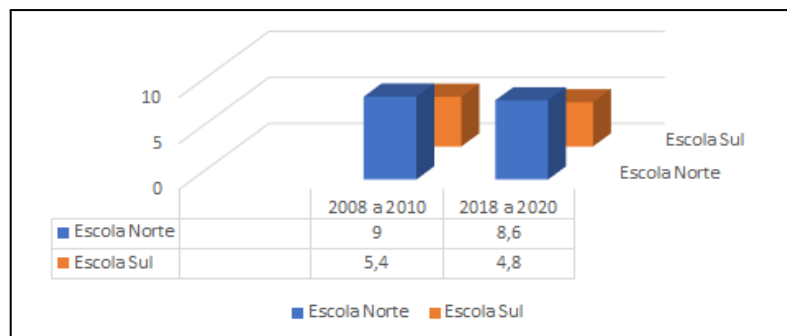
Necessita-se, contudo, de ações e intervenções pontuais para contemplar também as unidades com especificidades como a Escola Norte, situada no distrito do município e com estudantes majoritariamente provenientes da zona rural. Por meio dos gráficos 5 e 6, é notório que houve reduções, todavia, a discrepância entre as unidades da mesma rede de regiões diferentes permanece com um fator que merece maior atenção para o quadro geral da rede municipal.

Gráfico 5 - Taxa de Distorção Idade-Série - Escolas Municipais Pesquisadas -Triênio 2018 a 2020.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP. 2022

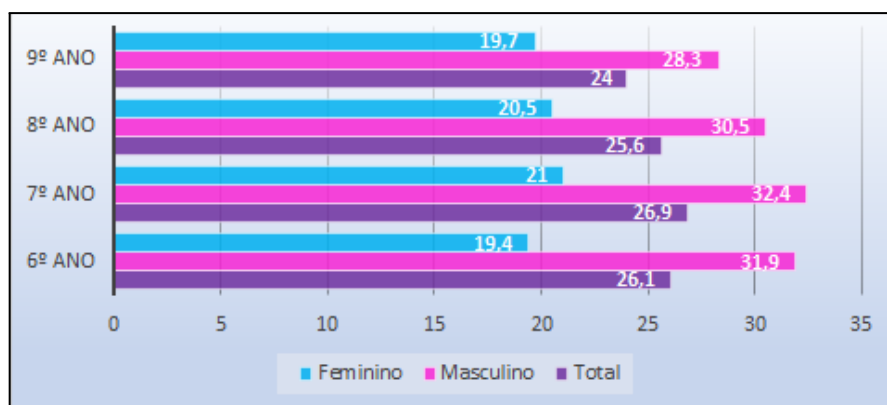
Gráfico 6 - Comparativo: distorção idade-série anos finais entre as escolas pesquisadas



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP, 2022

Percebe-se, com a análise dos gráficos, que a Escola Sul apresenta um número percentual bem menor que os estudantes da Escola Norte, evidenciando uma discrepância na mesma rede de ensino. Outro dado que merece destaque, e que propicia reflexão, é o divulgado pelo Censo Escolar 2020, o qual evidencia que os alunos do sexo masculino apresentam taxas de distorção idade-série maiores para todos os anos do ensino fundamental em relação às alunas. A maior discrepância na taxa de distorção é observada no 6º ano, que apresenta uma diferença de 12,5 p.p., conforme pode ser observado no Gráfico 7.

Gráfico 7- Taxa de distorção idade-série na rede pública, por série dos anos finais do Ensino Fundamental, segundo o sexo- Brasil-2020 (%)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Censo da Educação Básica, 2022.

Alguns questionamentos pertinentes após a leitura desses dados são: como a escola e a sociedade encaram as diferenças entre meninos e meninas? Quais ações devem ser elaboradas para reforçar as potencialidades dos garotos e diminuir suas dificuldades de aprendizagem, a fim de garantir-lhes o sucesso escolar e a minimização da taxa de distorção idade-série? Esta distorção pode estimular/fomentar o abandono escolar? Buscar respostas a essas reflexões

pode, futuramente, abarcar novos trabalhos e pesquisas, principalmente no que tange a discrepância na dimensão de gênero.

4.3.2 Desafio: abandono

A fim de evidenciar dados referentes aos indicadores educacionais da rede de ensino municipal alvo da pesquisa, apresenta-se as taxas de rendimento escolar dos anos finais. Foi selecionado o ano de 2019, com dados anteriores ao contexto da pandemia de Covid-19, que melhor representou o cenário em que os entrevistados estavam imersos.

Quadro 6 - Taxa de Rendimento Escolar Municipal -2019.

REDE MUNICIPAL DE ENSINO - 2019		
TAXA DE APROVAÇÃO	TAXA DE REPROVAÇÃO	TAXA DE ABANDONO
99,7	0,2	0,1

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do INEP, 2019.

Na leitura das informações do Quadro 6, é notório observar que as escolas da rede municipal de ensino têm um baixo índice de reprovação e abandono, fato que apresenta um fator positivo em relação aos inúmeros municípios brasileiros que possuem números alarmantes, além de cumprir ao disposto na LDB (1996) no que diz respeito ao acesso e permanência. Abaixo também é possível verificar as taxas de rendimento alcançadas na etapa dos anos finais das unidades Norte e Sul do município alvo desta pesquisa.⁶¹

Quadro 7 - Taxa de Rendimento Escolar das EMEFIs pesquisadas entre 2017 a 2020.

		Reprovação	Abandono	Aprovação
2017	Escola Norte	1,1% 3 reprovações	0,0% 0 abandonos	98,9% 268 aprovações
	Escola Sul	3,3% 15 reprovações	0,7% 3 abandonos	96,0% 435 aprovações

⁶¹ Os dados foram pesquisados no Portal Qedu. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/>. Acesso em julho de 2022.

2018	Escola Norte	0,0% 0 reprovações	0,0% 0 abandonos	100,0% 273 aprovações
	Escola Sul	3,6% 16 reprovações	0,0% 0 abandonos	96,4% 436 aprovações
2019	Escola Norte	0,0% 0 reprovações	0,0% 0 abandonos	100,0% 277 aprovações
	Escola Sul	0,5% 2 reprovações	0,0% 0 abandonos	99,5% 437 aprovações
2020	Escola Norte	0,0% 0 reprovações	0,0% 0 abandonos	100,0% 263 aprovações
	Escola Sul	0,0% 0 reprovações	0,0% 0 abandonos	100,0% 446 aprovações

Fonte: Elaborada pela autora com base nas Taxas de Rendimento - INEP- 2022.

Criar métricas e parâmetros para identificar os êxitos e fracassos das aprendizagens dos estudantes e a qualidade do ensino ofertado é um grande desafio, buscar formas de manter o interesse dos estudantes nos anos finais abarcam também um outro: a adolescência, cujo tema será abordado no próximo tópico.

4.3.3 Desafio: Adolescência

"o conhecimento só emerge em sua dimensão vitalizadora quando tem algum tipo de ligação com o prazer" (ASSMANN, 1996, p. 30)

A palavra adolescência é derivada do substantivo latino *adollacentia* que significa “crescer” ou crescer em direção à maturidade. No Brasil, ouvir frases que abordam a adolescência, ou o comportamento adolescente como um aspecto negativo é algo corriqueiro, tanto dentro das unidades escolares, quanto na sociedade em geral. É comum ouvir no discurso de diversas pessoas a troca intencional da palavra adolescente para “aborrecente”, trazendo a esta fase e a estes sujeitos o conceito de que são indesejados, chatos e que causam aborrecimento. Conforme Aguiar aponta (2007, p.55), esse “estigma do aborrecente” é uma construção social. Notoriamente esta visão estigmatizada propiciou um distanciamento entre esses meninos e meninas e seus respectivos adultos responsáveis, sejam eles pais e/ou professores. Como é possível enxergar o crescimento ou o desenvolvimento da maturidade como algo intolerável?

Siegel (2016, p.10) afirma que "adolescentes que estejam absorvendo mensagens negativas sobre quem são e o que se espera deles podem afundar para aquele nível em vez de cumprir seu verdadeiro potencial". Por esta afirmação é tangível perceber que o

desconhecimento sobre essa fase da vida propicia incompreensão de como “lidar” com estes sujeitos a fim de propiciar o melhor aproveitamento das potencialidades que esse período abarca.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) divide a adolescência em três fases, sendo considerada como primeira fase a Pré-adolescência, a qual está situada dos 10 aos 14 anos, a segunda fase como a Adolescência que é identificada dos 15 aos 19 anos completos e a terceira fase que corresponde a Juventude, sendo esta dos 20 aos 24 anos. No Brasil, porém, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), apresenta a adolescência como a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos. Neste trabalho, o termo adolescência equivale a idade dos 10 aos 14 anos.

Ainda que haja muitos estudos cujo tema central seja a adolescência, vê-se a pouca familiaridade que este assunto tem nos ambientes escolares e nas formações docentes. É comum observar, durante as pautas formativas, tópicos sobre o desenvolvimento da criança, contudo o mesmo não ocorre com os professores especialistas em relação ao desenvolvimento e comportamento do adolescente. As autoras Davis *et. al* (2012, p.118) apontam que o professor especialista tem pouco contato com as questões pedagógicas e pouco preparo para lidar com as especificidades dos anos finais, desconhecendo, muitas vezes, as particularidades dos estudantes que se encontram nessa faixa etária.

Nota-se que é necessário reformular o conceito de adolescência, transformando a visão deturpada e estereotipada que se tem atualmente, uma oportunidade para ampliar o seu desenvolvimento e criar uma perspectiva construtiva dessa etapa, sendo assim, compreender como se desenvolvem biologicamente, intelectualmente, como se comportam socialmente, culturalmente é fundamental. Pereira (2005, p. 5) afirma que o desenvolvimento é “um processo descontínuo que segue uma direção orientada para a maturidade. É um processo de transição, de interação entre o organismo e o ambiente, portanto, modificável pela experiência.” Neste sentido, constata-se a adolescência como a fase da oportunidade de fomentar experiências sólidas para construção de aprendizagens significativas e coletivas.

Do ponto de vista do desenvolvimento físico, os hormônios ditam o crescimento e a transformação corporal no período da puberdade, refletindo em “dois conjuntos de mudanças físicas: o desenvolvimento de estatura e peso, que transforma a criança em um adulto, e as transformações sexuais, que faz dela um homem ou mulher capaz de se reproduzir” (PEREIRA, 2005, p. 5).

Na vertente da psicologia do desenvolvimento adolescente, pode-se citar as contribuições da psicanálise de Anna Freud, a qual "caracteriza a adolescência como um período de conflitos internos, desequilíbrio psíquico e comportamento inconstante ou errante." (PEREIRA, 2005, p.16). Já Erik Erikson aborda a teoria psicossocial que busca compreender como as características psíquicas são adquiridas no decorrer da existência (PEREIRA, 2005, p.25). Foi este autor que apresentou o conceito de *crise de identidade* e justifica-se na necessidade imprescindível de o adolescente desenvolver o senso da própria identidade para atingir a maturidade e explorar as potencialidades além do universo infantil. Dentro deste tópico é impensável não abordar as contribuições de Urie Bronfenbrenner com a visão ecológica do desenvolvimento na adolescência. Na concepção deste autor "a adolescência é um processo individual, influenciado pelo contexto social e cultural no qual se desenvolve." (BRONFENBRENNER, 1996).

É sob esta gama de transformações que milhares de jovens brasileiros estão nas escolas, em busca de encontrar formas de conectar-se consigo mesmo, com seus pares, sua escola e a sociedade. É notório que, dadas as condições das necessidades formativas dos professores, percebe-se ainda um esforço hercúleo de muitos para "afetar" positivamente cada aluno que está sob sua responsabilidade e propiciar uma aprendizagem sólida.

Tecer movimentos que favoreçam a participação real dos educandos é uma ação urgente e necessária, pois de acordo com Davis *et. al*, 2012 p. 115 (*apud* HARGREAVES; EARL; RYAN, 2001)

Experiências que promovam a observação e experimentação, o estabelecimento de relações entre fatos e acontecimentos, que agucem a curiosidade e a capacidade criativa e imaginativa são fundamentais não só para o desenvolvimento cognitivo dos adolescentes como também para que eles atribuam significados e importância à passagem pela escola.

Desta forma, ao observar tantas potencialidades e tantos desafios propostos pelo segmento dos anos finais do Ensino Fundamental, faz-se necessário pensar o papel da escola na minimização desses problemas. Para isso, a recomendação é o emprego de técnicas, ferramentas e metodologias que incentivem a interação, o trabalho em grupo, o reconhecimento e validação das características dos adolescentes dessa faixa etária e deste segmento. "Se a escola não levar em conta os reais interesses e necessidades dos jovens, ela não conseguirá propiciar a expressão de sociabilidades mais significativas de alunos que são muito diversos entre si" (Davis *et. al*, 2012, p. 178).

Considerando as análises apresentadas acima, se questiona como a Educação Empreendedora poderia contribuir para o desenvolvimento dos adolescentes na Educação Básica? Seria ela capaz de tornar a escola mais atrativa por meio de sua relação com o mundo do trabalho, como prometem seus propositores?

Os dados de abandono e distorção idade-série demonstram que o município ainda enfrenta muitos problemas nos anos finais do ensino fundamental e a Educação Empreendedora vem como uma proposta de tornar a escola mais atrativa aos adolescentes. Considerando esse cenário, seria ela capaz de fato com a superação desses desafios? A pesquisa aqui apresentada buscou coletar dados para observar como professores e estudantes têm percebido esse componente curricular face às questões colocadas por essa etapa do ensino, que serão demonstrados a seguir.

5 A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM UM MUNICÍPIO DO VALE DO PARAÍBA

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, e sim em ter novos olhos.”

Marcel Proust

Este capítulo final tem como finalidade apresentar a caracterização dos participantes da pesquisa, bem como os principais resultados da pesquisa. Os dados que seguem evidenciam tensões e consentimentos em torno da implementação da Educação Empreendedora no município em que o estudo foi realizado.

5.1 Caracterização dos participantes

Para identificar os respondentes dos questionário, as falas dos professores serão iniciadas pelo letra inicial “D”, a qual se refere à palavra “Docente”, seguido de um número, cuja correspondência está na ordem em que suas falas estão na planilha, gerada pelo formulário Google utilizado neste estudo, sendo assim, o código D 01, diz respeito ao primeiro docente a responder ao questionário e assim, sucessivamente.

A fim de diferenciar as respostas dos professores, gestores e orientadores que participaram das entrevistas, a pesquisadora utilizou o nome que corresponde ao cargo ocupado pelos entrevistados, conforme pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 11 - Pseudônimos dos Professores Entrevistados

Pseudônimo	Função	Idade	Sexo	Formação
Gestor 1	Orientadora de Ensino	54 anos	Feminino	Matemática
Gestor 2	Assistente de direção	42 anos	Feminino	História
Gestor 3	Assistente de direção	41 anos	Masculino	Geografia
Professor 1	Professora	54 anos	Feminino	Matemática
Professor 2	Professora	34 anos	Feminino	Pedagogia

Fonte: Elaborada pela autora.2022

Com intuito de diferenciar os estudantes entrevistados, sem expor suas verdadeiras identidades, todos foram chamados de estudantes, diferenciando-se por um número sequencial, a saber:

Quadro 12 - Pseudônimos dos Estudantes Entrevistados

Pseudônimo	Sexo	Idade	EMEFI
Estudante 1	Feminino	15 anos	Escola Sul
Estudante 2	Masculino	15 anos	Escola Sul
Estudante 3	Feminino	16 anos	Escola Sul
Estudante 4	Masculino	16 anos	Escola Norte
Estudante 5	Feminino	16 anos	Escola Norte

Fonte: Elaborada pela autora.2022

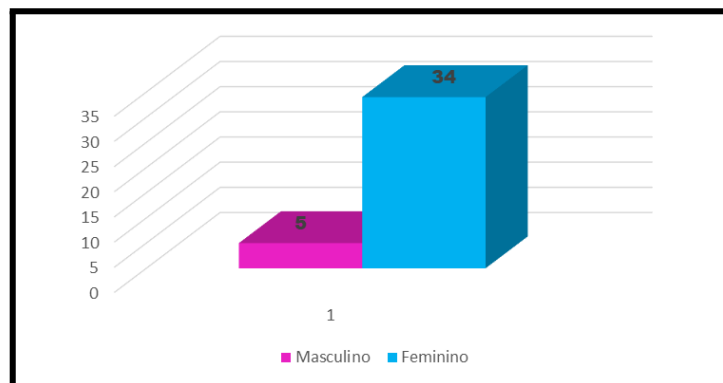
5.1.1 Anos finais e Educação Empreendedora: o que dizem os participantes respondentes do questionário?

Para dar início a análise, a autora considerou pertinente observar as informações contidas no questionário, haja vista que abarca o maior número de professores respondentes. É importante ressaltar que o questionário foi dividido em questões objetivas e dissertativas e destas foram retirados trechos para a análise.

Os gráficos representando as questões objetivas encontram-se na mesma ordem em que as perguntas foram disponibilizadas no questionário enviado aos docentes. Cabe mencionar que o instrumento está dividido em quatro seções: a primeira corresponde ao TCLE; a segunda versa sobre a identificação do perfil do professor participante; a terceira abarca questões que tangem às especificidades dos anos finais e da Educação Empreendedora e a quarta apresenta um agradecimento da autora pela participação dos voluntários na pesquisa.

A questão que inicia o questionário visa a identificação do sexo dos professores participantes. No Gráfico 08 observa-se que, dos 39 (trinta e nove) respondentes, 34 (trinta e quatro) são do sexo feminino e cinco são do sexo masculino, o que representa uma predominância majoritária de docentes mulheres, fator que coaduna com percentual de 79,28% de professoras atuantes na educação básica de acordo com a Censo Escolar da Educação Básica (2021).

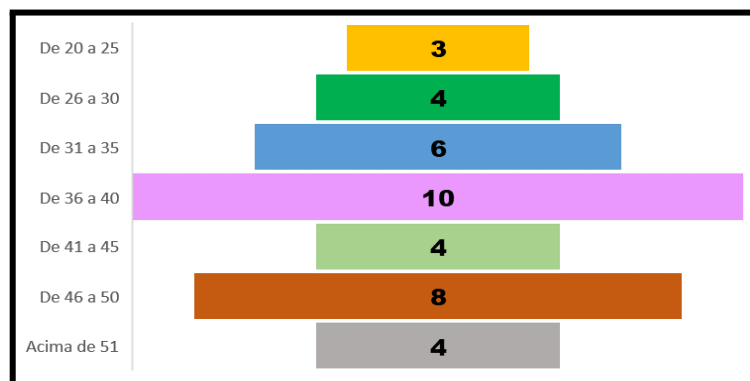
Gráfico 8 - Sexo dos professores respondentes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora. 2022

A faixa etária dos participantes, como retratado no Gráfico 09, apresenta-se díspar, haja vista que contempla docentes dos vinte (20) aos mais de 51 (cinquenta e um) anos, contudo, é notório ressaltar que as idades dos professores respondentes estão em maior quantidade dos 36 (trinta e seis) aos quarenta anos e, dos 46 (quarenta e seis) aos 50 (cinquenta) anos, fato que indica um profissional experiente, como pode ser observado no gráfico apresentado abaixo.

Gráfico 9 - Faixa etária dos docentes respondentes da pesquisa

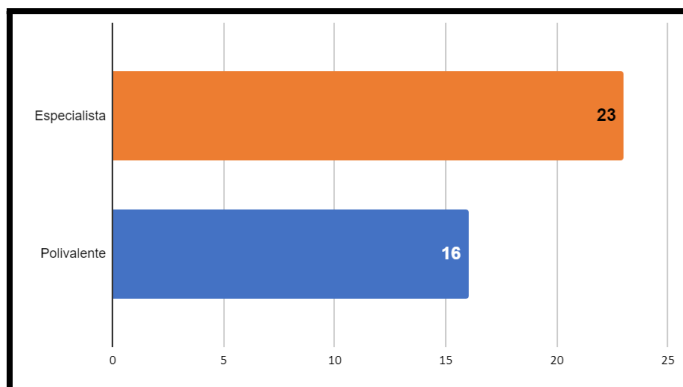


Fonte: Elaborado pela autora. 2022

Dos participantes que responderam à pesquisa, 23 (vinte e três) têm formação de professores especialistas e 16 (dezesesseis) são professores polivalentes, como destacado no Gráfico 10, fato que pode parecer contraditório, haja vista que este estudo foi desenvolvido com professores atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental. No entanto, para os docentes atuarem no componente do Enriquecimento Curricular não é necessário uma

formação específica, por isso professores com formação em Pedagogia podem ter aulas atribuídas nesta disciplina.

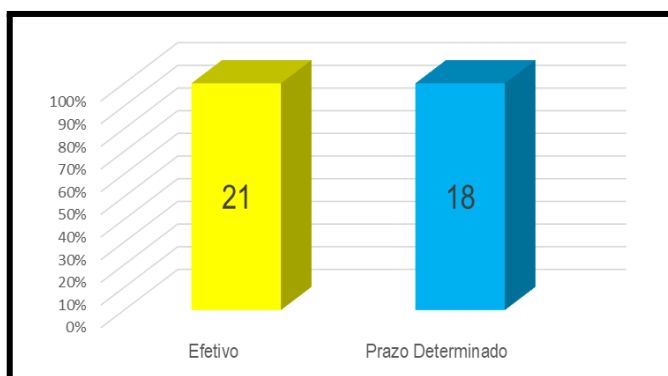
Gráfico 10 - Identificação da formação dos docentes respondentes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora. 2022

Por se tratar da parte diversificada do currículo, verificar o vínculo dos docentes neste componente foi um fator considerado importante, visto que a permanência ou não dos professores pode impactar em resultados significativos para as aprendizagens dos discentes. Neste cenário, observa-se, no Gráfico 11, que o número de professores efetivos está bem próximo à quantidade de docentes com um vínculo estabelecido por contrato temporário com prazo determinado.

Gráfico 11 - Vínculo empregatício dos participantes da pesquisa

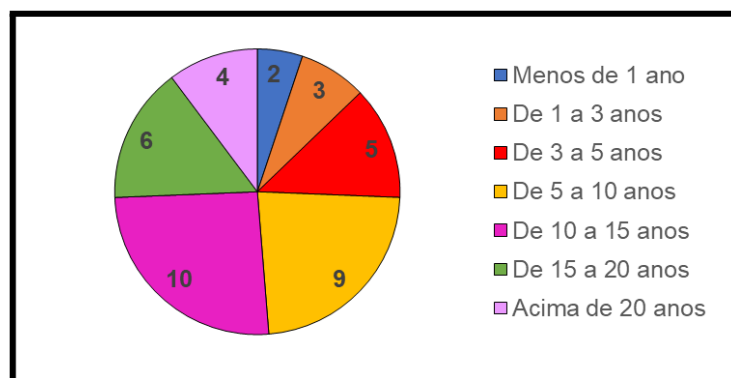


Fonte: Elaborado pela autora. 2022

O Gráfico 12 traz o tempo de atuação dos participantes da pesquisa na educação. Nota-se que, em sua maioria, os professores participantes já passaram da fase inicial da

atuação docente, nuance favorável para o exercício de práticas mais assertivas e efetivas na educação, uma vez que os professores com mais anos de experiência profissional tendem a desenvolver práticas menos instáveis.

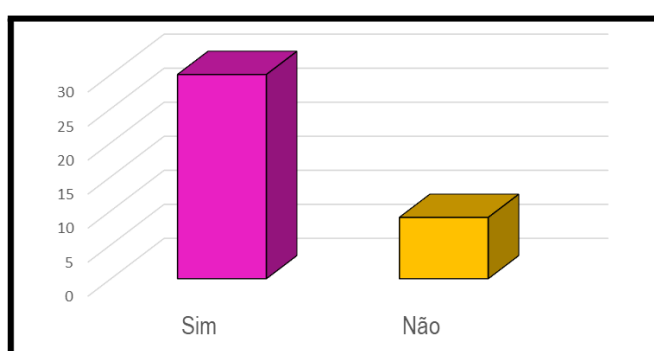
Gráfico 12 - Tempo de atuação dos participantes na educação



Fonte: Elaborado pela autora. 2022

O fato de a orientadora de Ensino do componente ter disparado o formulário com as questões da pesquisa, pode ter favorecido ao grande número de resposta ser advindas dos professores que esta profissional orientava. A mesma adesão não foi observada com os professores atuantes nos anos finais em outros componentes, em que somente seis docentes responderam ao questionário, conforme poderá ser observado no Gráfico 13 apresentado abaixo.

Gráfico 13 - Quantidade de docentes atuantes no componente de Enriquecimento Curricular

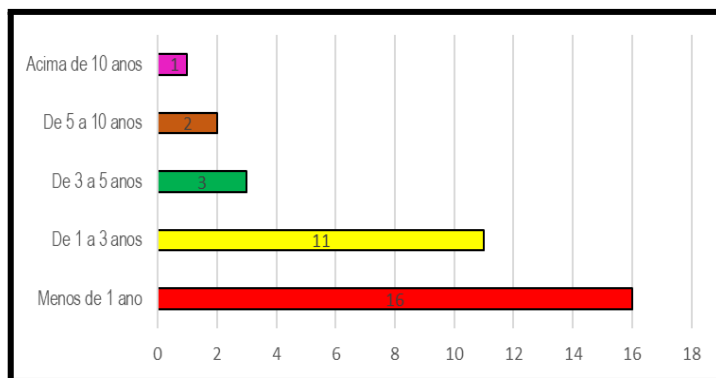


Fonte: Elaborado pela autora. 2022

Foi possível constatar que embora os professores já sejam atuantes na educação básica há mais de cinco anos, o que se percebe, no Gráfico 14, é que o tempo na parte diversificada do currículo não se equivale ao tempo de docência, ou seja, a maioria dos docentes têm menos

de um ano de trabalho no referido componente, informação que reforça a escolha da pesquisadora em entrevistar professores que atuavam há mais de dois anos nesta disciplina.

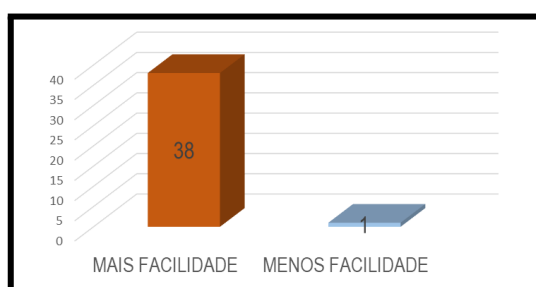
Gráfico 14 - Tempo de atuação no componente de Enriquecimento Curricular



Fonte: Elaborado pela autora. 2022

As próximas questões versam sobre aspectos das especificidades dos anos finais e da Educação Empreendedora. No Gráfico 15 é possível constatar que os professores respondentes alegam ter facilidade em atuar com o público adolescente, dado de significativa importância, tendo em vista que grande parte dos professores do segmento dos anos finais, demonstram ter menos facilidade com os estudantes da faixa etária. É importante frisar que essas respostas dizem respeito aos docentes, sendo assim um questionamento torna-se plausível: será que os estudantes têm essa mesma percepção? Adiante, na análise dos dados da entrevista dos alunos poderá se ter um consenso ou um dissenso na forma em que cada grupo concebe essa relação.

Gráfico 15- Relação com o público adolescente



Fonte: Elaborado pela autora. 2022

5.1.2 Os desafios sob a perspectiva docente

As questões de 10 a 15 eram dissertativas, as quais propunham aos professores uma oportunidade de falar de forma mais aberta. Sendo assim, a pergunta de número 10 questionava os professores participantes acerca de quais acreditavam, sob o ponto de vista

docente, serem os principais desafios dos anos finais e os motivos deste segmento não alcançar a meta prevista do IDEB no ano de 2019. Vários foram os apontamentos que trouxeram:

Quadro 13 - Desafios indicados pelos professores no questionário

Estrutura	Falta de investimento em estrutura Falta de investimento nos professores; Falta de apoio da gestão Transição dos anos iniciais para os finais Alfabetização não consolidada nos Anos iniciais Salas cheias (excesso de turmas) Problemas sociais, psicológicos e emocionais Formação de professores Sistema de ensino
Estudantes	Defasagem escolar Falta de organização e rotina de estudo (Des)Interesse dos alunos; Aprendizagem relacionada à vida Compreender a relevância dos estudos Falta de Planejamento (posturas descompromissadas) Facilidade de acesso aos conteúdos e informações Dificuldades nas habilidades socioemocionais
Professores	Necessidade de Escuta ativa Utilizar-se das estratégias que interessam aos alunos (aulas mais atrativas e menos tradicionais) Conhecer os gostos/preferências dos estudantes adolescentes Compreender questões relacionadas à adolescência Excesso de informação (conteudistas) Metodologias de ensino Projetos interdisciplinares
Políticas	Progressão continuada Currículo extenso e distante da realidade dos estudantes Política e Sistema de avaliação Metas de Ensino (conscientização acerca do IDEB)
Famílias	Participação das famílias (apoio) Aproximação com a escola (des) Estrutura familiar

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Após observar os tópicos acima, constatou-se a formação de uma categoria a qual se atribuiu o nome de "Este problema não é meu", pois os tópicos evidenciam a visão docente em relação aos desafios dos anos finais do ensino fundamental. Nota-se uma forte tendência a não observância dos desafios como fator de responsabilidade dos diversos setores, como também de foco coletivo, na qual os diversos segmentos deveriam interagir e colaborar entre si a fim de minimizar ou eliminar os desafios apontados. O que de fato é possível perceber, de acordo com as falas dos respondentes, é uma transferência de responsabilidade para os demais segmentos, isentando-se da co-responsabilização da proposição de ações favoráveis à aprendizagem dos estudantes e a melhoria da educação de maneira sistematizada.

Em continuidade e com o intuito de elucidar os tópicos pré-selecionados acima, a autora selecionou alguns excertos que trazem uma amostragem do que dizem os professores dessa rede de ensino sobre os desafios dos anos finais e, dos motivos pelos quais a meta do IDEB não foi atingida neste segmento.

Poderia listar três grandes desafios com os quais as escolas e sistemas de educação precisam lidar e que a meu ver, melhorariam o desempenho da educação no geral:

1- Apropriar-se, estrategicamente, dos instrumentos que fazem parte da realidade dos educandos, utilizando-os como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem (os jogos digitais são um exemplo); 2. Aproximar as famílias do ambiente escolar e prestar atendimento psicológico, pois é evidente que o emocional influencia muito no desempenho escolar e infelizmente, existem muitos alunos em situações emocionalmente complicadas, principalmente nas comunidades mais carentes; 3. Procurar introduzir projetos interdisciplinares, contextualizados com a realidade local da comunidade escolar, pois é perceptível que há um maior engajamento dos estudantes em atividades como essa, e inclusive pode ser uma estratégia para aproximar as famílias. (D 16)

A defasagem trazida de anos anteriores, tornando-se um efeito cascata. A falta de estrutura familiar. E a certeza de que independente da sua postura e comprometimento com a aprendizagem, os alunos têm ciência que ao final passarão de ano. (D 17)

Atualmente o aluno está preso ao currículo (aprende a que se deve aprender e isso ele não quer e o processo de ensino e aprendizagem é uma mão de duas vias); Fazer o aluno compreender que toda aprendizagem deve ser relacionada a sua vida; (D 18)

Falta de foco nos conteúdos básicos; Conteúdos diversificados e desconexos com a realidade; Insistência em um método de ensino que prova não formar cidadãos reflexivos (D32) .

Otimizar o aprendizado nos anos iniciais. Trabalhar com dados reais. Esclarecer o que ocorre com o aluno na transição do 5 para o 6 ano. (D34)

Adequação do currículo escolar às reais necessidades de aprendizagem, participação e apoio da família no desenvolvimento dos estudantes e promoção do hábito da leitura. (D37)

É plausível apresentar a fala de um dos participantes que reflete sobre qual o tipo de cidadão a educação deseja formar e a partir da concepção ideológica propor as práticas e metodologias que atinjam essa finalidade.

Acredito que precisam acontecer mudanças no âmbito ideológico do sistema de ensino. Que cidadão queremos formar? É a partir desta reflexão que se pode pensar em mudanças para uma educação transformadora. No entanto, alguns aspectos que apontam o fracasso já se evidenciam como, por exemplo: a desvalorização do profissional da educação; a falta de investimento e formação dos profissionais em tecnologias voltadas para a educação; a perda do vínculo com a família, sem esta parceria o caminho para o sucesso da educação se torna muito longo. (D 28)

A questão número onze versou sobre quais as possíveis dificuldades eram encontradas pelos discentes e os apontamentos apresentaram maiores discrepância nas respostas, contudo a tríade “falta de apoio familiar, defasagem e comportamento/compromisso com os estudos” obteve o maior número de citações nas verbalizações de vários docentes.

Defasagem (leitura, escrita, interpretação, raciocínio), problemas estruturais familiares/comunidade, problemas comportamentais. (D01)

Os alunos já vem defasados pelo sistema de progressão continuada, interpretação defasada dos alunos por falta de estímulo neural para ler as atividades, falta de acompanhamento dos responsáveis na vida escolar do filho. (D23)

Decorrências de defasagens de ensino, insuficiência de capital cultural, falta de estrutura de apoio aos estudos e ao adolescente por parte da família e da sociedade. (D37)

Outros fatores elencados foram as questões relativas ao comportamento, conduta e atitudes; à falta de autonomia para o desenvolvimento das atividades e a compreensão da importância e utilidade dos estudos e a organização para que isso ocorra; o pouco interesse e participação durante as aulas; o curto período de duração que elas possuem; as turmas com muitos alunos; à falta de perspectiva futura dos estudantes, de modelos sociais, de acesso/utilização da cultura de qualidade e de relacionar a aprendizagem com a vida; apontaram também que os alunos têm vergonha de expor suas dúvidas e dificuldades em conciliar tantas disciplinas em um formato de aula não atrativa, além de ressaltar que muitas das dificuldades foram agravadas pelo contexto pandêmico.

Organização de tempo para estudar, enxergar significado e uso nos conteúdos a serem estudados e valorizar a escola. (D06)

Compromisso, Sistematização de estudo e Motivação. (D10)

Entender o que é escola, aprender a aprender, aprender a contextualizar o que se aprende na vida. (D11)

Exposição da faixa etária à intensa informação de baixa qualidade e em alto volume e frequência, de forma fragmentada e imediata; Falta de perspectiva e referências sociais positivas integradas à educação, pesquisa e inovação; Falta de cultura ampla da importância do estudo formal. (D12)

Concentração; Falta de perspectiva no presente e futuro; dificuldade de leitura; relacionar a leitura a sua vivência. (D18)

É importante destacar que um docente trouxe um apontamento diferente dos demais ao relacionar à falta de compreensão acerca da avaliação externa e suas implicações no cenário escolar.

Compreender uma prova que não tem o resultado, prova longa e pressão da escola. (D30)

Evidencia-se na fala dos respondentes apontamentos que dizem respeito às dificuldades dos discentes em aceitar e conciliar propostas diferenciadas como instrumento válido para a construção da aprendizagem.

Excesso de alunos por sala; conseguir identificar e reparar a defasagem; fazer com que o aluno veja as aulas que tenham dinâmicas e práticas com mais importância. (D39)

Conciliar todas as disciplinas e lidar com métodos de ensino diferentes. (D21)

Críticas às práticas pedagógicas de alguns docentes e ao ambiente escolar, em muitos casos aferindo o juízo de valor dos pares, podem ser observadas nas respostas dos participantes.

Falta de incentivo, Professores sem criatividade pedagógica e Desânimo. (D20)

Ambiente de aprendizagem hostil, falta de limites e questões sociais. (D22)

Professores pouco comprometidos com a didática, com o aluno. (D32)

Nota-se, por outro lado, que um docente, além de identificar as possíveis dificuldades, preocupou-se em pensar em soluções para minimizá-las ou eliminá-las, responsabilizando-se pela aprendizagem dos seus estudantes, independentemente, do contexto precedente, diferindo-se dos apontamentos dos demais professores.

As duas primeiras que irei citar são dificuldades comuns, e a terceira é proveniente do contexto de pandemia:

1. Dificuldade em se concentrar e inserir-se nas atividades propostas em sala, boa parte dos alunos se dispersa muito facilmente, o que me fez procurar outras estratégias para abordar os assuntos da disciplina;
2. Outra dificuldade notada é que uma parte considerável dos alunos costumam tirar dúvidas com o professor em último caso, muitas vezes preferem fazer errado e depois refazer do que pedir explicações sobre como deve ser feito. Esse é um problema percebido mesmo em sala de aula, mas agravou-se mais com a pandemia, pois os meios de interação entre professor e alunos ficaram mais limitados;

3. Muita dificuldade em utilizar as diferentes tecnologias. É comum acreditar que os jovens possuem maior facilidade para mexer nos instrumentos tecnológicos, mas o que pude notar é que os alunos têm facilidade somente com aqueles que lhe são comuns, como as variadas plataformas de jogos e redes sociais. Ao tentar trabalhar com algumas ferramentas de cunho pedagógico na web, pude perceber que ainda existe uma certa dificuldade na utilização desses meios. (D16)

A observação das respostas dos docentes permite a evidência da baixa responsabilização dos docentes em relação aos desafios dos anos finais e da educação em âmbito geral, pois estes atribuem a diversos fatores e segmentos o insucesso dos estudantes neste segmento. Será este comportamento um reflexo da proposta do empreendedorismo, o qual atribui ao sujeito os sucessos ou fracassos do percurso⁶², seja ele empreendedor/trabalhador ou estudante?

Outra reflexão é que os desafios apontados pelos professores, no que diz respeito à estrutura, às políticas e a participação das famílias são legítimos e válidos, contudo se faz necessário também um olhar mais crítico em relação à própria prática desenvolvida em sala de aula e no entremeio das relações com estudantes e comunidade escolar para tentar compreender o motivo implícito ao desinteresse dos estudantes, à defasagem escolar e ausência da compreensão da relevância dos estudos para vida. De acordo com Shulman (2014, p.214), a formação dos professores é fundamental para "educar" os docentes a refletirem sobre o ensino e sobre o próprio desempenho docente, a saber

A reflexão profunda requer tanto um processo de pensamento sobre o que estão fazendo como uma adequada a base de fatos, princípios e experiências, a partir dos quais se raciocina. Os professores precisam aprender a usar sua base de conhecimento para prover fundamentos para escolhas e ações. (SHULMAN, 2014, p.214)

Cabe frisar que não se atribui responsabilização aos docentes pelos desafios apontados para os anos finais, no entanto, é fundamental propiciar reflexões que possam desencadear novas ações/reflexões, a fim de minimizar os impactos na aprendizagem dos estudantes que estão fora do escopo ensino e aprendizagem. Observa-se, todavia, o destaque que a formação continuada deverá ocupar nas comunidades escolares, a fim de reduzir as dificuldades elencadas pelos respondentes e potencializar os aspectos que favoreçam a melhoria deste segmento como um todo, pois de acordo com Morgado (2011, p.803)

A formação contínua é um contributo educativo valioso para compaginar pensamento e acção, reformular e actualizar a preparação dos professores, questionar as práticas

⁶² Responsabilização individual do sujeito foi abordado também por Coan (2011).

de ensino, identificar problemas e necessidades dos docentes e das escolas e desenvolver novas formas de relacionamento e novos modos de trabalho.

É possível também evidenciar que, com base nas observações dos materiais entregues ao professores para formação,⁶³ há a necessidade de oferecer aos docentes um repertório de autores que corroborem com a temática da educação empreendedora, bem como àqueles que apresentem uma visão divergente, para assim favorecer uma visão mais crítica e sólida, essencial para a reflexão do programa como um todo e para a identificação real de seus benefícios ou prejuízos aos estudantes e comunidade escolar.

5.1.3 A Educação Empreendedora sob a perspectiva dos respondentes

Com o objetivo de identificar como integrantes da comunidade escolar veem a educação empreendedora, nesse caso específico, a pergunta 12 (doze) teve por objetivo levá-los a expor sobre o que pensam sobre o papel da Educação Empreendedora na vida dos estudantes. As respostas trazem, de acordo com os respondentes, muitas contribuições positivas e significativas, tendo como verbalizações mais preponderantes as que versam sobre a possibilidade de sonhar e da construção de uma visão e perspectiva de futuro; desenvolvimento humano e autoconhecimento; além da preparação na/para vida, corroborando com o que Dolabela (2003, p.30) afirma: “empreender é, principalmente, um processo de construção de futuro”. De acordo com o mesmo autor, o autoconhecimento e a autoestima são essenciais na aprendizagem e na construção do ser empreendedor, haja vista que essas influenciam “tanto no processo cognitivo quanto as relações do indivíduo com o outro e com o mundo” (DOLABELA, 2003, p.32).

É notório afirmar que as pontuações dos respondentes às questões fomentaram a observação da criação de uma nova categoria, a qual versa fundamentalmente sobre a visão do “Sonho ou Realidade?”. Os excertos destacados a seguir explicitam esta discrepância e antagonismo, pois esses docentes destacam a possibilidade de futuro sem descrever como isso de fato ocorre na aprendizagem do tempo presente, distanciando-se, de certo modo, da realidade, versando somente no campo dos sonhos, com pouca consistência. Acerca dos sonhos Paulo Freire indica que

(...) A questão que se coloca é, em primeiro lugar, saber se o sonho é historicamente viável. Segundo, se a viabilidade do sonho demanda um pedaço de tempo e de espaço para caminhar. Terceiro, se demanda um espaço ainda longo para caminhar e viabilizar, é o caso de aprender como caminhar e, em caminhando, reaprender inclusive a realizar o sonho, quer dizer, buscar os caminhos do sonho. (FREIRE &

⁶³ Documento Norteador, citado anteriormente neste trabalho.

BETTO⁶⁴, 2000 *apud* DOLABELA, p. 39, 2003)

É possível observar que, ao mesmo tempo em que os docentes afirmam que a pedagogia empreendedora favorece a aprendizagem significativa dos estudantes, nota-se que as respostas tem uma superficialidade de como de fato isso pode fomentar uma aprendizagem real, pois reiteram apenas as questões das reflexões dos estudantes e não das ações concretas para sua efetividade, distanciando-se do que afirma Freire na perspectiva da compreensão do sonho e de todas as reflexões e ações cabíveis para o seu desenvolvimento e concretização.

As falas dos docentes poderão ser observadas a seguir.

Penso que se trata de uma aprendizagem significativa e que pode contribuir de forma positiva para sua formação e para seu futuro.” (D37)

Desperta no aluno a vontade de estudar para empreender naquilo que ele quer para seu futuro. (D25)

Uma excelente ferramenta para levar o aluno a refletir sobre si mesmo, ampliando seus pontos fortes e melhorando os pontos a desejar. A Educação Empreendedora traz a possibilidade do aluno atuar como protagonista em sua trajetória escolar. O aluno desperta comportamentos empreendedores adormecidos e fortalece aqueles em maior predominância. É um aprendizado que o aluno levará para toda sua vida adulta, onde o mesmo trará encorajamento de fazer escolhas mais acertadas na sua vida pessoal e profissional. (D10)

É extremamente importante, pois desenvolve o perfil que irão precisar para lidar com os diferentes contextos da vida, seja no ambiente de trabalho, familiar e nos relacionamentos, além de permitir a eles saber que sua criatividade e imaginação tem valor imensurável não apenas individual, mas coletivo (para a sociedade no geral).(D16)

A Educação Empreendedora estimula o aluno a desenvolver ou fortalecer habilidades principalmente socioemocionais, de encontrar um desafio, posicionando criticamente ao enfrentá-lo na busca de soluções, aprender a lidar com acertos e erros, trabalhar em equipe e desenvolver o sua autonomia, além de posicionar-se no lugar do outro.(D18)

É fundamental para a descoberta de talentos e despertar os valores adormecidos nos alunos.(D26)

Acredito que dá suporte necessário para que ele tenha uma visão de como o mundo real funciona. Além disso, instiga o aluno a ser criativo, trabalhar em equipe, ser inovador e principalmente desenvolver habilidades que serão úteis na vida, independente da profissão que escolher. (D28)

Além do desenvolvimento das competências socioemocionais destacadas pelos docentes, outro ponto reiterado foi a percepção da importância dos sonhos para vida dos estudantes e, por consequência, para o projeto de vida, seguindo o pressuposto desenvolvido por Dolabela (2003).

⁶⁴ FREIRE, Paulo & BETTO, Frei. Essa escola chamada vida. São Paulo: Ática, 11ª ed., 2000

A Educação Empreendedora tem um papel empoderador pois valoriza os sonhos, as realidades e os ideais de cada aluno. A Educação Empreendedora vai além de criar negócios, ela incentiva e apresenta meios de os alunos e alunas alcançarem os próprios sonhos. (D06)

Acredito que seja um grande diferencial para o projeto de vida dos alunos. Muitos nunca pararam para pensar em seus sonhos e objetivos e, com a educação empreendedora eles passam a refletir e notar que sonhar é possível, que o planejamento é algo muito importante para que os sonhos sejam alcançados. (D38)

Acredito que a educação empreendedora aproxima os alunos da vida real, pois ela promove atividades práticas de olhar para a realidade e buscar soluções para os problemas encontrados, além disso, estimula a autonomia, a busca por diferentes tipos de conhecimento, ensina a ter metas e a sonhar. (D02)

Transforma-os em protagonistas. (D27)

Essencial. A meu ver, a disciplina deveria ser levada mais a sério pois ela amplia as opções dos alunos e os capacita a compreender a que podem ser protagonistas de sua história. (D32)

De suma importância, os alunos principalmente de locais periféricos não possuem sonhos ou não sabem como alcançá-los e estas aulas ensinam os caminhos por onde podem ou não seguirem. (D39)

Nota-se que os professores entrevistados possuem adesão ao projeto de Educação Empreendedora. Acreditam que é uma forma de “estimular” os estudantes a “trabalhar em equipe”, “empoderar”, “descobrir talentos” etc. Além disso, destacam uma certa importância do componente para o futuro dos estudantes em relação aos seus comportamentos na vida e no mundo do trabalho. Os professores entrevistados falam também em estimular “sonhos” dos estudantes. Dessa forma, fazem ecoar e reforçam pressupostos da pedagogia do empreendedorismo abordados anteriormente neste trabalho.

Cabe evidenciar que mesmo com postura favorável, um docente trouxe apontamentos que propiciam uma reflexão acerca da contextualização das condições de trabalho e o empreendedorismo de base, a fim de propiciar uma visão mais crítica e aprofundada do tema.

Entendo como importante, porém ainda falta uma contextualização crítica histórica sobre o Trabalho no e do sistema geoeconômico ocidental, abordando de forma honesta e necessária às diversas limitações sociais, culturais e econômicas ao empreendedorismo de base, que independem do esforço individual do sujeito. (D12)

Creio que precisa ser contextualizada no ambiente capitalista de desigualdades sociais severas, explorando inclusive os efeitos de condições de subempregos e de informalidade por vezes por detrás do empreendedorismo. (D12)

Ainda que o docente tenha uma postura crítica em relação ao significado de empreendedorismo, ele reforça a necessidade de se trabalhar questões relativas ao mundo do trabalho. Nota-se como justificativa congruente o argumento do referido docente, uma vez que revela similaridade com as contribuições dos estudos de Souza (2020), que apresenta justamente a ligação do empreendedorismo com o direcionamento a um mundo do trabalho

precarizado. Não se trata também de aprendizados básicos específicos dos anos finais do Ensino Fundamental, como leitura e escrita, matemática, ciências etc., comportamento aludido por Laval (2019) como prática de uma política neoliberal. Parece que os professores trabalham, sobretudo, conteúdos comportamentais e relativos ao mundo do trabalho no componente curricular, baseados, principalmente, nos princípios dos materiais do JEPP (SEBRAE, 2012).

É importante ressaltar que os depoimentos coletados demonstram um forte valorização pelos entrevistados da educação empreendedora, como demonstrado a seguir:

Vejo como positivo a utilização da educação empreendedora nessa fase escolar e acredito que quando bem direcionada e adequada, o aluno pode aprender muito mais do que apenas abrir uma startup, ele pode aprender a empreender a própria vida e não se tornar "vítima das circunstâncias". (D02)

É uma grande oportunidade de crescimento como pessoa. Vivenciar a filosofia empreendedora desde o ciclo II é uma grande oportunidade de crescimento pessoal. Com certeza jovens que iniciam mais cedo acabam sendo privilegiados em relação aos demais. São temas que colocam o aluno no centro de toda a discussão, e o mesmo tem a oportunidade de vivenciar experiências e refletir sobre comportamentos. (D10)

A presença do Enriquecimento Curricular na grade escolar nos anos finais do Ensino Fundamental é de extrema importância na vida dos alunos e famílias, pois na faixa etária em que se encontram a possibilidade de fazer parte de sua formação global é maior e pode transformar caminhos, escolhas e entorno com mais fluidez e tempo. (D15)

É ótimo para os alunos, pois é um projeto que possibilita ao aluno maior autonomia e dentro dos seus conteúdos. Ao abandonar o tradicionalismo de registro no caderno, fileiras de carteiras, e proporcionar maior interação entre os alunos, com material diversificado e de vivenciar a aprendizagem, os mesmos conseguem ser protagonistas de sua aprendizagem. (D18)

Creio que seja benéfico, pois o aluno já começa a ter um novo olhar sobre o que acontece à sua volta. E ninguém nasce com o dom de ser empreendedor, é uma habilidade ensinada, por isso é bom que se inicie cedo. (D28)

Foi solicitado aos docentes que fizessem a relação de quais desafios apontados por eles, na questão 10, poderiam ser minimizados com o auxílio da Educação Empreendedora, e, dentre os respondentes, um docente disse que nenhum; seis professores responderam todos os elencados; sete docentes afirmaram que a autonomia dos estudantes seria um desafio minimizado e as demais verbalizações dos professores não tiveram uma convergência do grupo, sendo expostos vários dos fatores/desafios, dentre eles:

- Falta de organização e rotina de estudo;
- (Des)Interesse dos alunos;
- Aprendizagem relacionada à vida;
- Compreender a relevância dos estudos;

- Currículo distante da realidade dos estudantes;
- Utilizar-se das estratégias que interessam aos alunos;
- Aulas menos atrativas;
- Projetos interdisciplinares;
- Posturas descompromissadas;
- Planejamento;
- Dificuldades nas habilidades socioemocionais.

Percebe-se que muitos dos desafios que foram apontados estão relacionados às dificuldades atribuídas aos estudantes, evidenciando em muitos dos casos os aspectos observados na categoria “Este problema não é meu”. Além disso, foram apontadas lacunas no Enriquecimento Curricular, como demonstram os relatos abaixo:

A educação empreendedora de forma isolada não resolveria nenhum dos problemas, pois são necessárias políticas públicas efetivas e de qualidade. (D01)

A falta de interesse em aprender pode ser mudada com aulas atuais de enriquecimento que trazem significado e utilidade para a vida como um todo. (D03)

Proposta diferenciada na sala de aula. Os nossos alunos estão inseridos nos meios tecnológicos e devemos levar em conta que as mudanças precisam ocorrer. E acredito que tantos conteúdos para darmos conta durante o semestre acabamos não trabalhando as habilidades de nossos alunos como faz a educação empreendedora. (D14)

A Educação Empreendedora traz novas perspectivas para o futuro, portanto salienta a importância de buscar conhecimento, enfatizando assim a valorização da educação formal e pessoal. (D 15)

Na minha concepção todos podem ser minimizados, as aulas de Enriquecimento Curricular permitem uma abordagem mais flexível, e isso ajuda o professor a buscar a melhor forma de inserir os alunos de forma democrática. (D16)

Todas. O empreendedorismo ajuda na formação dos jovens, a serem protagonistas de suas histórias, a traçar metas para atingir seus objetivos futuros e mostra a eles possibilidades diversas de escrever novas histórias. (D19)

A Ed. Empreendedora desenvolve além de outras coisas, pensamento crítico e autonomia, o que ajuda o aluno em muitos aspectos. (D21)

A educação empreendedora procura desenvolver a autonomia dos alunos, a autoconfiança e as parcerias. Penso que estes são fatores importantes para o desenvolvimento global do aluno. (D 26)

O desafio de uma educação transformadora, que esteja alinhada às suas necessidades como cidadão. (D28)

Adequação do currículo escolar às reais necessidades de aprendizagem. (D37)

A minha percepção é de que o aluno possa valorizar as aulas que tenham dinâmicas saindo da tradicionalidade. (D38)

Ao observar as afirmações dos respondentes algumas reflexões são necessárias: O

pensamento crítico, a autonomia, trabalho em grupo, protagonismo dos estudantes, não deveriam fazer parte do escopo de uma educação integral, contemplando as aprendizagens essenciais, como pressupõem as competências gerais da BNCC (2017)? Qual a intenção de atribuir a uma determinada disciplina este mérito exclusivo? Será a Educação Empreendedora da rede pesquisada o único espaço em que os docentes têm a flexibilidade de propor aulas e atividades em que seja possível proporcionar engajamento dos estudantes?

Dando continuidade, os participantes respondentes da pesquisa, foram indagados se a Educação Empreendedora poderia ser propulsora do protagonismo dos estudantes, e responderam unanimemente que sim. Dois professores acreditam que a EE fomenta o protagonismo nos estudantes, mas ressaltam que outros componentes também têm essa característica/papel.

Sim, mas não apenas essa disciplina, outras com arte também são extremamente importantes para que o aluno possa se tornar protagonista. (D05)

Sim, em parceria com outras disciplinas leva o aluno a buscar ferramentas para sua aprendizagem para atingir o objetivo lançado para seu ano/série. (D14)

Os demais respondentes citaram a EE como ferramenta possível para fomentar o protagonismo dos estudantes. Algumas das justificativas apresentadas por esses docentes podem ser visualizadas abaixo:

Acredito que sim, pois os estudantes aprendem a tomar as rédeas do que estão fazendo para garantir que as metas serão alcançadas. Além disso, o que o estudante pensa é muito relevante nas aulas de educação empreendedora, quase tudo parte deles; ao professor cabe o papel de orientador e mediador para que as ideias saiam do papel. (D02)

Sim. Propulsora e essencial. A partir do momento em que o aluno passa a analisar a própria realidade e a buscar soluções para resolver problemas e reflete acerca dos sonhos, estabelecendo metas a curto, médio e longo prazo, ele passa a gerir o próprio projeto de vida e se sente empoderado para tal. (D06)

Sim, os estudantes trabalham em identificar os seus próprios interesses, ideias e planos de ações, em intensa interação com os colegas e os docentes. (D12)

Sem dúvidas, pois os alunos entendem que existem possibilidades que vão além dos estudos das disciplinas clássicas do currículo. Eles podem, por sua própria iniciativa, colocar em prática as suas ideias, abrir seu próprio negócio e correr atrás dos seus sonhos. (D16)

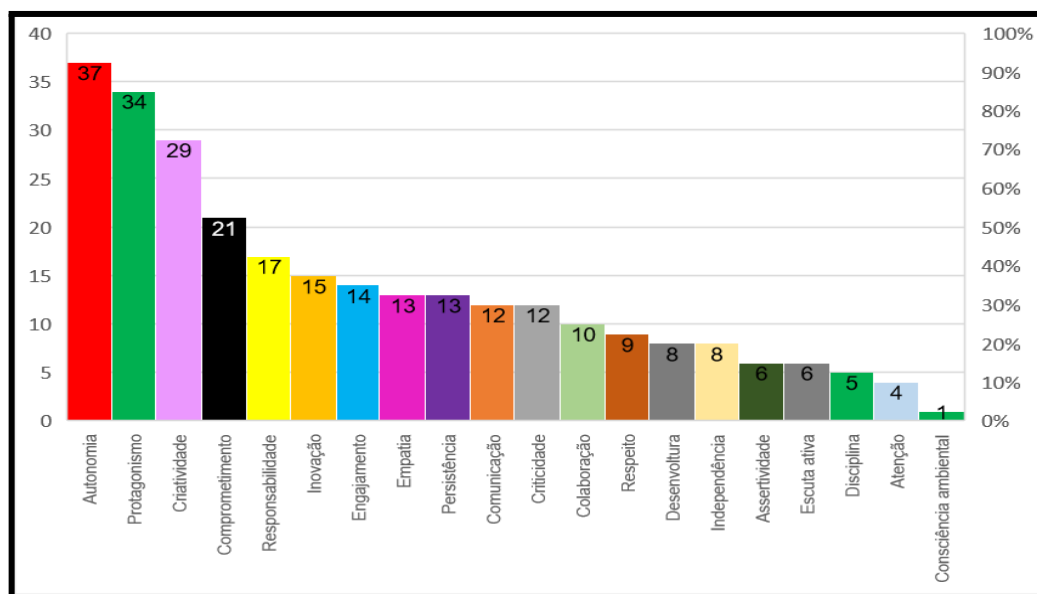
Sim, pois dentro do empreendedorismo é priorizado o "aprender a aprender", ou seja, aprendendo na prática construindo o seu conhecimento e desenvolvendo habilidades empreendedoras para aplicar na sua própria vida. (D18)

Sim, pois se o estudante se sente confiante e seguro em agir nos projetos escolares ele seguirá com este comportamento em sua vida pessoal também. (D26)

Sim. O aluno desenvolve muitas habilidades como, por exemplo, fica mais desenvolvido, responsável e comprometido. Ganha voz e consegue expor suas ideias, com isto se sente protagonista, como tem que ser. (D28)

Foi solicitado aos docentes que escolhessem cinco contribuições que acreditavam que a EE poderia fomentar nos estudantes. O gráfico 16 corresponde aos itens selecionados pelos docentes, tendo como os mais votados: autonomia, protagonismo, criatividade, comprometimento e responsabilidade.

Gráfico 16- Contribuições que a Educação Empreendedora pode desenvolver nos estudantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Observa-se que os docentes possuem forte adesão ao projeto de educação empreendedora.

5.1.4 Os desafios dos anos finais sob a perspectiva dos entrevistados

Docentes

Foram realizadas 10 entrevistas com docentes, gestores e discentes dos anos finais do ensino fundamental, como explicitado anteriormente. As entrevistas foram realizadas virtualmente e os participantes foram questionados sobre suas percepções em relação à Educação Empreendedora, às especificidades dos anos finais do ensino fundamental e à adolescência. A primeira questão foi a seguinte: em relação à entrada e permanência nesse segmento de escolarização, quais são as maiores dificuldades ou desafios que você percebe? Para elucidar os apontamentos feitos pelos entrevistados, separou-se um excerto de cada uma das respostas em tópicos diferentes, conforme pode ser verificado abaixo:

- ❖ Participação/Ausência da família;

Você percebe, é nítido quando o pai tá junto com a escola o tempo todo em cima do aluno, o aluno pode fingir que ele não gosta do pai estar lá, estar presente, mas quando a gente conversa direto com aluno ele fala *meu pai vem, professora, meu pai não vem não!* Você vê que ele se empolga com a presença do pai na escola e não dá o braço a torcer, mas ele gosta dessas assistências do pai. Ele mostra isso através de estudos! (Gestor 1)

❖ Aspectos sociais;

Eu vejo como um problema social que muitas famílias, às vezes, não apoiam! Temos muitas famílias que apoiam, mas também temos muitas que não apoiam e não deixam... para essa família, às vezes, também não é interessante que seu filho estude porque não tem também conhecimento... não porque não querem apoiar, mas porque não conhecem, não valorizam a escola, não enxergam a escola como um futuro promissor para os seus filhos. É um problema também! (Gestor 2)

❖ Identificar e potencializar as aptidões;

Eu acho que, os desafios e dificuldades, até mais do que o desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos que é uma coisa que é bastante passado para nós, que estamos na educação, é uma coisa que eu tenho lido e assistido muita coisa, que apesar de existirem diversas competências e habilidades, eu acho que cada aluno, cada criança, cada ser humanzinho ali, ele tem determinadas aptidões e eu acho que é um grande desafio a gente perceber isso e tentar, de alguma forma, potencializar isso nesses assuntos, sabe? (Gestor 3)

❖ Descomprometimento dos alunos;

Eu vejo os alunos, de um modo geral, bastante descomprometidos, não sistematizam a questão do estudar, não dão aquele valor que deveriam dar, que a gente deu.. Que no passado nós demos. Eu me sinto muito angustiada porque eu não consigo fazer a interferência, principalmente como professora de Matemática, sabe, era uma das minhas grandes angústias. Eu via que ele não sabia. Eu queria que ele aprendesse e eu não conseguia chegar até ele. Esse para mim era o maior desafio. (Professor 1)

Um dos tópicos que sobressaiu nas entrevistas foi a participação da família e o comprometimento dos estudantes em relação a sua própria formação. É importante observar que embora o Professor 1 verbalize que a dificuldade em relação aos anos finais, pauta-se, de certo modo, no descomprometimento dos estudantes. Vê-se também uma dificuldade do docente em propor intervenções que de fato propiciem a aprendizagem dos estudantes. Além disso, a família nem sempre oferece o suporte necessário para os estudantes nessa etapa do ensino e não oferecem a devida atenção, pelos mais diversos motivos, às especificidades dos adolescentes. É importante verificar que os tópicos apontados pelos docentes e gestores entrevistados coadunam com as percepções trazidas pelos respondentes do questionário no direcionamento a outrem dos aspectos relacionados à aprendizagem.

❖ Motivação/Interesse do aluno;

Eu acho que o maior desafio é conseguir com que o aluno participe, que ele se interesse, que ele esteja presente, não só fisicamente, no ambiente. (Professor 2)

Foi pontuado também pelo docente (P2) que as condições adversas que a maioria dos estudantes da Escola Norte enfrenta são relacionadas à distância que moram da unidade escolar e da rotina que tem que enfrentar todos os dias para conseguir estudar e auxiliar nas tarefas da casa, conforme pode ser observado no extrato a seguir:

A maioria dos alunos que participam do período integral são aqueles que moram mais distantes, o pessoal da área rural. Nossa área central aqui é o menor número de alunos, a maioria é área rural. Quando eles vêm eles ficam o período todo na escola. Eles já vêm de um percurso longo, já chegam na escola mais cansados, alguns caminham muito, então quando eles chegam na escola, a gente às vezes pensa: Ah, mas você chegou meio desmotivado, meio desanimado? O caminho dele até chegar ali, já aconteceram várias coisas. Ele já chega cansado. Tem o horário de estudo do regular, normal, e a tarde ele fica na escola. Almoça e fica. Parece que ele vai ficando ali o dia todo, parece que ele vai se cansando um pouco mais, por quê? Ele começa a imaginar quando voltar para casa. É um outro percurso totalmente longo, longo e chegando em casa eles ajudam. A maioria ajuda em tarefas domésticas. O desempenho poderia ser melhor talvez se tivesse mais recursos de apoio para esse aluno. Tanto no lado familiar, quanto na escola. Porque aqui até por ser uma questão de área rural, até que o desempenho deles é um bom desempenho. Porque eles se esforçam muito, o que estão ali, mas muita coisa atrapalha até chegar na escola. (Professor 2- Escola Norte).

O contexto pesa muito para os estudantes, na percepção dos docentes. A docente entrevistada também aponta que dadas as dificuldades que os estudantes enfrentam diariamente, o desempenho que apresentam mostra-se razoavelmente satisfatório, haja vista a falta de apoio tanto das famílias quanto da escola como um todo. O aspecto relativo às dificuldades enfrentadas pelos estudantes salta aos olhos nos dados coletados, mesmo que o objeto da entrevista tenha sido a educação empreendedora. Por isso, faz-se necessário evidenciá-lo no que diz respeito às dificuldades estruturais que os estudantes enfrentam para terem acesso à educação em pleno século XXI.

Discentes

É possível verificar que, em muitos aspectos, há convergências com as respostas do questionário respondido pelos docentes e discentes. Será que os estudantes também têm a mesma percepção ou vislumbram outras dificuldades e desafios? Destaca-se os seguintes aspectos:

- ❖ Medo e sensação de desproteção; preocupação com a rotina; preocupação com a quantidade de matérias e professores.

Noooooossa! Eu lembro que eu fiquei assim... (sorriso e alegria) eu vou estudar de manhã! Eu não acredito!!! Mas **eu tinha muito medo de muitas coisas no sexto ano**. Tinha medo de não aguentar a rotina da manhã porque era cedo. Eu vinha do Ensino Fundamental...chegando almoçada de casa, entendeu? Era outra coisa! E no sexto ano as pessoas não protegem muito a gente como era no quinto. Você tem o nono ano que te empurra no corredor e você sai meio assim: Eita eu não posso falar nada,

entendeu? Acho que o meu medo também era de não saber como lidar com as matérias que eram totalmente diferentes e eram muitos professores eu lembro. Eu achei muito radical porque a gente vem do quinto ano com uma professora. Aí vem para o sexto ano com muitos professores. Eu lembro que na primeira semana eu pensei assim gente nossa como que eu vou acompanhar cada curso de um professor, cada jeito que ele passa a matéria para mim foi bem assim. Foi um desafio. (Estudante 3)

❖ Preparação para o Ensino Médio; aspectos sociais; pressão para realizar escolhas, ansiedade.

Então, a minha percepção dos anos finais, quando eu comecei a chegar assim no oitavo, foi que era tudo uma preparação para o Ensino Médio mesmo[...].Então, os anos finais vão preparando a gente para as matérias mais complicadas, faz as matérias mais complicadas, vai trabalhando mais a socialização, se você tem alguma aptidão para você levar para o profissional e, nos anos finais, tem muita questão da dificuldade de você acabar se encontrando, principalmente da parte social. Os professores também começam a passar mais desafios, não é mais aquele negócio de você poder pedir ajuda para todo mundo, você tem que tentar fazer sozinho isso e, isso é para você desenvolver o seu caráter e alguma coisa de procurar mais desafios para fazer foi o que eu achei muito interessante também. Agora, a partir do oitavo ano, você já começa a ter aquela ansiedade do que você vai fazer porque tem uma pressão, tem uma certa pressão dos professores também, de você ter que achar o seu lado profissional. Então, a partir do 8º ano, você já começa a pensar: Nossa! Eu preciso fazer prova, eu preciso de uma escola boa e os professores começam a falar de escolas legais, escolas que vão fornecer para você uma assessoria. Você começa a pensar assim de um lado mais profissional mesmo a partir do 8º ano. Você já vê quais são as suas aptidões, quais são as suas ambições, o que você quer para vida, se os seus pais vão aceitar você da maneira que você é. Então tem uma questão toda, além da emocional, a estudantil e a profissional também. [...] Tem uma diferença dos anos iniciais para os anos finais. Nos anos iniciais os professores te passam uma atividade assim: *“Faz esta atividade que você vai ficar mais inteligente! Faz esta atividade que você vai ser o mais inteligente da turma!”* Agora, nos anos finais é uma coisa: *“Faz esta atividade que você vai saber o que vai fazer no futuro! Faz esta atividade que vai facilitar suas atividades do futuro!”* E você já começa a ficar sobrecarregado de pensar no futuro. Então, entendeu, esse fator da ansiedade foi bem grande! (Estudante 1).

❖ Quantidade de docentes e muitas disciplinas.

A mudança que eu mais senti foi ter vários professores. Nos anos iniciais a gente tinha um professor e um de educação física, então a gente só tava acostumada a ficar numa sala com professora ensinando todas as disciplinas, então essa questão de ter vários professores, de cada professor ensina de um jeito, tem uma dinâmica dentro da sala de aula, então foi o que eu mais senti. As matérias estarem separadas. Ter um professor de Português, Matemática, História e também ter as aulas de Inglês e de Empreendedorismo, que foi algo que eu gostei bastante, são duas matérias que eu, ...principalmente Empreendedorismo que eu tive só até o nono ano, mas foram matérias assim que eu gostei bastante e que foi uma mudança muito boa que eu tive dos anos iniciais para os finais. (Estudante 5)

❖ Período das aulas, complexidade das matérias

A primeira coisa foi acordar cedo já é uma mudança, já era acostumado a ir estudar de tarde e depois porque começou a ser mais puxado as matérias começaram a ser levadas mais a sério, as notas começaram a cair porque era mais difícil, mais complicado. Acho que de cara foi isso! (Estudante 2)

❖ Amadurecimento, responsabilidade

Para ser sincero eu acho que é mais um desafio porque quando você começa no Fundamental 2, que é esse período a gente tá falando, eu acho que é um período mais de amadurecimento, ou mais responsabilidade, antes você tinha poucos professores, agora você já tem um para cada matéria. Acho que é um período que amadurece muito por causa das responsabilidades mesmo. Acho que as matérias são mais complexas, mas eu acho que é mais isso mesmo. Mais o amadurecimento nesse período. (Estudante 4)

Os estudantes destacam muitas dificuldades estruturais nos anos finais do ensino fundamental. As mudanças são bruscas e isso pode causar uma sensação de deriva: mais disciplinas; mais professores; mais preocupações com as tarefas; dentre outros aspectos que destacam em suas falas.

Os respondentes, docentes e discentes entrevistados, todos eles bastante vinculados à disciplina de educação empreendedora, demonstraram acreditar que ela fomenta o protagonismo nos estudantes, apesar de não demonstrarem como de fato ela poderia contribuir para a superação dos desafios dos anos finais, apontados por eles mesmos nas perguntas anteriores:

Com certeza! É autonomia, é ele ser protagonista, é ele fazer a diferença, é ele se transformar. Antes de entrar para essa disciplina eu imaginava assim: Como é que eu vou falar de empreendedorismo, de Educação Empreendedora? Eu tinha essa visão – a Educação Empreendedora é para abrir um negócio, abrir o próprio negócio e eu, vou falar a verdade, não tenho vontade de ter o meu próprio negócio. Eu sou muito feliz aqui do jeito que eu vivo aqui, do jeito que eu sou aqui. Como é que eu vou falar isso para o aluno? Como eu vou vender isso para o aluno? E foi exatamente na contramão daquilo que eu imaginava. Que não é isso! A gente trabalha a Educação Empreendedora não é visando abrir o seu próprio negócio. É o contrário! É ele se vendo como a transformação. Ele trazendo essa possibilidade para vida dele. Com certeza é ele sendo protagonista da vida dele. Independentemente do que ele vai ser, se vai ser um empresário, se vai ser um funcionário público, se ele vai ser um autônomo, independente de tudo isso ele será o protagonista da vida dele. Ele é o dono das ações da vida dele. Foi aí que eu comecei a me apaixonar por essa disciplina. (risos). (Professor 1)

Acho que sim. Só penso que essa palavra protagonismo, o que que é o protagonismo? Eu gosto sempre de separar o aluno que vai desenvolver o protagonismo, não necessariamente, futuramente ele tem que ser proprietário de um negócio ou ocupar uma função de liderança. Protagonismo não é só isso! A gente pode ser protagonista sem exercer um cargo de liderança dentro de um grupo de pessoas de diversas formas. Então eu acho que é a educação empreendedora, as disciplinas dentro da educação empreendedora, eu acho que elas têm essa capacidade sim de favorecer o protagonismo. Eu acho que elas exigem um grau maior de organização dos alunos, de trabalho em equipe, até de aceitação das ideias do grupo. (Gestor 3)

Com certeza! Pode sim. Posso dar um exemplo? Eu vou dar um exemplo aqui na minha escola. O ano passado foi a primeira vez que eu participei com eles no Empreende, meu primeiro ano de AD. A professora xxx sentou comigo e eu teria que saber mais como funcionava e ela me explicou. Aí foi aquela questão dos nonos anos fazendo os projetos e dentre aqueles projetos que foram enviados para comissão do CEDEMP o que representaria a escola. Eles fizeram todo o projeto CAPTEC, que é o capacete cheio de tecnologias. Os alunos escolheram um aluno apoiador que era o xxx e os outros alunos do grupo e começaram os trabalhos. O que eu percebi, foi que eles adquiriram conhecimentos, conhecimentos além da escola, conhecimento em ...

tecnologia, em eletrônica e eles também começaram a ser mais autônomos. (Gestor 2)

As posições dos entrevistados também variam, enquanto uma parte acredita que EE favorece o “protagonismo”, a “autonomia” dos estudantes para além dos aspectos relativos ao mundo do trabalho; outra parte aponta como a disciplina favoreceu a entrada desses estudantes no mercado de trabalho. A maior parte contribuindo com seus familiares na sustentação do grupo, como fica evidente no depoimento abaixo. Ao invés de favorecer a continuidade da formação dos estudantes ou dar condições de permanência para o estudante na escola, há um incentivo aos estudantes para que sejam empreendedores de si mesmo, ainda que sejam apenas adolescentes.

Sim, com certeza! A gente também já teve relatos de alunos que começaram aqui e no fim estava montando um plano de negócios para as mães em pequenos negócios, criando logomarca para mãe que era costureira, criando... Teve o menino que teve a experiência do lava-rápido. Ele começou a fazer, começou a ver que ele poderia conseguir, conseguiu o dinheiro e criou um lava-rápido. Ele começou a lavar o carro lá no bairro dele, no XXX, e começou a ganhar dinheiro com isso. Ele não sabia, ele não imaginava que uma criança da idade dele iria conseguir ter seu próprio negócio! A gente tem muita experiência de alunos que fazem isso. De vender as coisas, eles tinham vergonha de vender e a gente sabe que para eles conseguirem realizar os projetos deles eles estão vendendo, eles perdem essa vergonha. E veem as pessoas comprando e ficam mais animados ainda e começam a criar outras coisas para poder vender até para conseguir dinheiro para criar o seu projeto. Isso é protagonismo, porque ele está agindo com algo que ele quer e não se tem como conseguir ele correu atrás para ele conseguir e alcançar aquilo que ele deseja. É muito legal! Só quem trabalha, que consegue vivenciar isso, para comprovar que tudo que a gente está falando é a verdade! (Gestor 1)

As posições são bastante diferenciadas: um grupo acredita que a EE favorece o protagonismo; outro a entrada no mercado de trabalho; e há aqueles, como o professor representado no trecho a seguir, que demonstra que ela pode favorecer a continuidade dos estudos.

Eu acredito muito. Eu posso dar exemplo? Eu tenho exemplos de alunos que depois que participaram, que tiveram conhecimento dessas aulas de Empreendedorismo Social e participaram de projetos empreendedores no nono ano, eles tiveram iniciativa de buscar a formação. Não só ficaram: Ah vou fazer o Ensino Médio e tudo bem, não! A gente tem um aluno, o xxx, que ele foi atrás, ele passou no Instituto Federal, ele vai fazer o que ele sonha. Ele buscou continuar os estudos e dentro daquele projeto empreendedor, se identificou e continuou. Hoje ele está no Ensino Médio, tá fazendo a área que ele gosta, que é automação, mexer com tecnologia. Não só! Tem outros alunos que participaram e hoje estão caminhando, estão buscando. Acho que faz muita diferença esse período do oitavo, nono ano do Ensino Fundamental. A educação Empreendedora desenvolvida faz toda a diferença para eles continuarem no Ensino Médio, no ensino técnico e você vê que eles têm planos de buscar o ensino universitário, porque ali no Ensino Fundamental eles conseguiram enxergar as possibilidades. (Professor 1).

Observa-se que seria interessante investigar como o projeto das escolas em questão tem favorecido a autonomia e o desenvolvimento da formação dos estudantes para além da

educação empreendedora. Como as posições são bastante variáveis, não é possível verificar uma única percepção entre os docentes e gestores. No entanto, todos eles parecem valorizar muito a existência desse componente curricular.

5.1.5 A Educação Empreendedora sob a perspectiva dos entrevistados

Docentes

No que tange a fala de professores e gestores que atuam na Educação Empreendedora, percebe-se uma aderência e valorização do componente na rede de ensino municipal pesquisada. Contudo, em seus relatos também se percebe uma visão não crítica dos docentes e gestores em relação às formas que os estudantes devem atuar no mundo, independente das condições sociais que possuem, bem como a relação com o autoemprego e a informalidade, como pode ser observado nos relatos abaixo:

Eu acho que a Educação Empreendedora vem para agregar, sabe? Poder acordar esse aluno. Mostrar para ele que ele pode, ele pode conseguir as coisas independente de classe social, independente de qualquer coisa! Não se abater pelas coisas que o outro está falando. Isso eu acho que isso é primordial! Ele tem que pensar: eu posso eu consigo! Independente se alguém está falando que eu não posso, eu vou conseguir. Basta eu trilhar o caminho certo! (Gestor 1)

Porque a Educação Empreendedora vem para o aluno empreender a vida. O que ele for fazer depois disso é tudo o que foi trabalhado. Tem gente que fala que é só para virar empresário! Não. Não é para ele virar empresário, mas nada impede que ele consiga ser um empresário, por que não? Ele pode acreditar que ele pode conseguir o que quiser. *Ele pode ser autônomo, ele pode seguir... Ele não tem é que pensar que um dia eu vou passar necessidade por isso, vai faltar isso,... Não, eu não preciso de ter um emprego em si, para poder realizar aquilo que eu desejo, entendeu? Eu posso correr atrás de tudo que eu consigo!* Se eu quero entrar no Instituto X, eu tenho que trilhar um caminho difícil, mas eu vou. Vou trilhar, vou acreditar e vou tentar! *Eu acho assim: não tem classe, não tem realidade, não tem região, não tem nada. É oferecido a todos o mesmo ensino. Eu acredito que todos têm que ter a mesma oportunidade e o futuro só a eles pertencem.* (Gestor 1)

Os excertos acima representam o que diz Mohn (2006, p.226): “a educação empreendedora é um discurso que, sob o argumento da realização do sonho e do sucesso pessoal e profissional, apresenta-se como a solução para o trabalho do jovem, capaz de superar os desafios do desemprego e da pobreza.” Isso pode ser uma armadilha para um jovem que está em processo de formação e busca soluções imediatas para desafios reais em seu cotidiano.

Em outro momento, o desenvolvimento de objetos de conhecimento que propiciem a formação para o trabalho é um fator considerado pelo docente como um diferencial que o Ensino Fundamental da rede pesquisada propõe em relação aos demais. Vide abaixo:

No Ensino Fundamental é bem interessante porque eles começam com 11 anos. Quando a gente começa com os alunos de onze anos na questão da Educação Financeira para o Consumo Consciente, eu estou preparando esse aluno bem mais cedo, do que a faixa etária do mercado de trabalho (17,16 anos), eu já estou preparando. E você percebe a grande diferença quando você prepara ele lá atrás quando ele chega no nono ano. Eu tenho isso bem claro. (Professor 2- Escola Norte)

Seria interessante questionar: a entrada no mercado de trabalho de fato favorece a formação desse adolescente? Em contraponto, Laval (2019, p.81) aponta uma visão crítica afirmando que neste cenário “a escola é obrigada a adaptar os alunos aos comportamentos profissionais que serão exigidos deles mais tarde”. Isso pode se dar na contramão da elevação do nível de escolarização e do direito à educação da população brasileira.

Para expressar sua opinião em relação ao componente curricular, a Professora 1 relatou seu preconceito inicial e sua visão após trabalhar diretamente com o Enriquecimento Curricular e reforçando a sua adesão à proposta, conforme pode ser observada no trecho abaixo:

Eu tinha um certo preconceito em relação à disciplina. Eu não via a disciplina com essa profundidade que ela tem. Quando eu entrei para o Enriquecimento, eu entrei na realidade porque eu não havia conseguido o número de aulas que eu gostaria em Matemática, trinta aulas. Houve uma mudança na Secretaria e eu não consegui pegar as minhas trinta aulas e naquele momento eu precisava. Surgiu a possibilidade: Vai para o Enriquecimento. Eu falei: Ah, tudo bem, então. Eu vou, mas a minha ideia era voltar, inclusive para Matemática. Assim que der eu volto! Mudo de escola para conseguir as trinta aulas. E aí foi uma surpresa muito grande. Aí eu fui entender o que era o Enriquecimento Curricular. Aí que fui entender o que era a Educação Empreendedora. Eu não via esse movimento. Eu não sentia esse movimento. Eu acho que até existia da minha parte um preconceito muito grande, porque eu achava que era a menina dos olhos do PSDB, entendeu? Então era só uma vitrine e que não tinha realmente uma transformação no aluno. Dei a minha cara a tapa! (risos) Mudei tudo o que eu pensava! Hoje eu brigo por esse espaço porque é realmente assim...eu percebo o quanto ela é transformadora, o quanto ela é reflexiva e o quanto ela tem a ver com o que eu imaginava, com o que eu sou como professora. (Professor 1- Escola Sul)

A Gestora 1 afirma que os estudantes que participam das aulas de Enriquecimento Curricular são observados de modo mais amplo pelos professores dos demais componentes. Na sequência de sua fala, atribui os desafios relacionados ao aprendizado de matemática, por exemplo, como ausência de “dom do estudante”, o que poderia revelar que na posição da gestora nem todos os conhecimentos são necessários a todos os estudantes. Seria interessante problematizar esse posicionamento da gestora, considerando que o acesso ao conhecimento sistematizado na educação básica é um direito da população.

Muitos professores já deram relatos disso, que já tiveram essa participação com a professora de Enriquecimento Curricular e realmente começaram a enxergar esses alunos de uma forma diferente, analisando outras características deles. Não vendo só o fator que: ele tem que saber matemática, ele tem que saber matemática. Às vezes não é um dom que ele tem, o perfil dele não é da área de exatas, então o professor tem

que avaliar, começar avaliar, esse aluno como um todo e ver outras características que ele tenha, entendeu? (Gestora 1)

O Gestor 2 chama a atenção em sua fala ao mencionar que o docente de Enriquecimento Curricular deve ter comportamento mais proativo e engajado, que os professores das demais disciplinas. Na mesma direção, o gestor coloca que pode haver um certo “conformismo” dos professores das outras disciplinas sem explicitar seus motivos. Seria interessante verificar como os professores e gestores têm sido convencidos que a retirada de alguns conteúdos da educação básica pública pode ser uma forma de tornar o ensino mais eficaz. Em contrapartida, é importante observar que a educação privada ao invés de retirar conteúdos têm incluído outros e deixado muito mais abrangente sua proposta de ensino, o que pode evidenciar o enorme fosso entre público e privado e, também, uma certa precarização do ensino público com retirada de conteúdos fundamentais, como música, teatro, esportes, línguas etc.

Para começo de conversa, eu acho que o professor tem que querer dar essa disciplina, porque não é uma disciplina comum, sabe? Você tem que se policiar para despertar nos alunos algumas habilidades... o professor de Enriquecimento não pode ser muito...ah, tá bom.... meio conformista (risos)... eu acho que ele tem que ser muito proativo porque o Enriquecimento Curricular traz isso. (Gestor 2- Escola Zona Norte)

Ao serem indagados se acreditavam que a Educação Empreendedora poderia impactar a vida dos estudantes e de qual maneira, os gestores e professores fizeram apontamentos que sugerem mudanças comportamentais e atitudinais.

Eu percebo a mudança do aluno quando ele está participando do projeto e também posso afirmar que muda o comportamento de alguns, sim, com os assuntos que a gente aborda em sala de aula. Ainda não é tudo o que a gente gostaria. A gente não consegue atender a todos da maneira que a gente gostaria, mas eu percebo, sim, a contribuição na questão da forma que ele se coloca, da forma que ele passa a ler o mundo de uma outra maneira e ele vem comentar isso para mim. (Professor 1- Escola Sul)

[..] tem muito impacto, não só nos estudantes, mas conseguem captar também a família, porque eles acabam se desenvolvendo tanto, porque eles começam a enxergar o mundo de uma maneira diferente, até no social, a questão de pensar no outro, no projeto, no de ideias, na questão de enxergar o seu potencial, que eles acabam impactando também o local, a comunidade. (Professor 2- Escola Norte)

Não digo 100%, infelizmente a gente ainda não consegue atingir 100%, mas quando você percebe isso na maioria dos alunos e, você percebe aquele aluno que começou todo desanimado, de repente, você vê uma mudança nele lá no final do ano, ou no quarto bimestre, isso aí me emociona demais (Gestor 2- Escola Zona Norte)

Eu acredito que sim, mas como tudo na vida não impacta a todos. Vai ter aquele que vai passar reto, não vai mudar uma vírgula, mas isso eu considero normal. (Gestor 3- Escola Zona Sul)

É interessante observar que os gestores destacam mais a forma da disciplina do que propriamente seu conteúdo. Ainda que os entrevistados afirmem que a Educação Empreendedora pode gerar impacto na vida dos estudantes, é notório em suas falas que as mudanças perceptíveis nos estudantes são aquelas que correspondem às competências socioemocionais⁶⁵ somente e não relacionadas às competências cognitivas da aprendizagem. Fato que pode proporcionar uma lacuna na formação básica desses estudantes. De acordo com Laval (2019, p.29) é a lapidação de “homem flexível e um trabalhador autônomo” abarcando assim uma visão utilitarista da educação para que em detrimento da emancipação intelectual desenvolva-se meramente o capital humano.

Discentes

Os estudantes, ao serem questionados se a EE auxiliou no desenvolvimento da aprendizagem, também apontaram características que versam sobre posturas comportamentais e atitudinais, tais como: características empreendedoras, interação com os colegas e professores, trabalho em equipe, maior facilidade na apresentação de trabalhos, acolhimento, iniciativa, persistência, comprometimento e persuasão.

Com certeza! Os grupos de estudo, por exemplo, quando você ia fazer alguma apresentação que precisava de mais pessoas, trabalhos em grupos, apresentações, trabalho escrito até mesmo, facilitou muito mais. Tanto o convívio das pessoas quanto a organização, as pessoas tinham uma mentalidade maior de como fazer tudo funcionar certinho, facilitou para muita gente. (Estudante 1)

Eu acho que cria um outro olhar para o seu pessoal. Você consegue ter mais visão, assim talvez, que te faz se esforçar mais um pouco... ser mais objetivo, querendo ou não é uma motivação...as aulas te motivam também (Estudante 4)

Foi uma aula que eu vi que influenciou muito tanto do meu lado pessoal quanto do meu lado de estudante mesmo, entendeu? (Estudante 5)

Outro fator apresentado pelos estudantes foi a constante troca de professores e da relação que isso proporcionou à compreensão da disciplina como um todo. Além de ressaltarem o vínculo a determinados docentes, fato que pode ter fomentado outra visão acerca do componente.

Para ser bem sincero, o sétimo e o oitavo ano não despertaram tanto interesse assim, pois eram dados por outros professores. Quando entrou a XXX, ela já era mais dinâmica, eu acho que o professor influencia muito nessa parte. Já tinha nas escolas para colocar os slides, mas ela já trabalhava com mais dinâmicas e começou a me chamar atenção. (Estudante 4)

⁶⁵ A relação das competências gerais da BNCC com as competências socioemocionais estão disponível para download em: https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/hub-socioemocional/instituto-ayrton-senna-a-s-10-competencias-gerais-da-bncc-e-as-competencias-socioemocionais.pdf?utm_source=site&utm_medium=hub-socioemocional Acesso em agosto de 2022.

Para ser bem sincero, o sétimo e o oitavo ano não despertaram tanto interesse assim, pois eram dados por outros professores. Quando entrou a XXX, ela já era mais dinâmica, eu acho que o professor influencia muito nessa parte. Já tinha nas escolas para colocar os slides, mas ela já trabalhava com mais dinâmicas e começou a me chamar atenção. (Estudante 4)

No sexto ano eu troquei de professor de empreendedorismo três vezes. Eu tive três professores. [...] com a professora XXX, eu acho que é por causa de eu estar já está no oitavo ano, já tá mais adaptada com toda aquela realidade creio eu que pude aproveitar mais essa disciplina. Já tinha aquela apostila do JEPP do SEBRAE, então a gente conseguiu aproveitar mais e adquirir mais conhecimento mesmo. (Estudante 5)

Interessante observar que os estudantes apontam “não entender o motivo da disciplina inicialmente”; “as dinâmicas”; “a rotatividade dos docentes”. Não são destacados os tipos de projetos e conteúdo trabalhos na disciplina e como eles favoreceram o aumento do interesse pela escola desses estudantes consultados.

Ao serem questionados sobre a visão de terem a Educação Empreendedora nos Anos Finais do Ensino Fundamental, as respostas, embora tivessem tons afirmativos, abarcavam compreensão parcial da realidade social que estavam imersos, conforme pode ser observado na fala da estudante 1:

Eu achei muito interessante o fato de ter a parte empreendedora em um ano em que o crescimento do empreendedorismo está crescendo muito também. **Você não vê tanto as pessoas trabalhando como funcionários mais, agora todo mundo tem, nem que seja sei lá, uma vendinha de doce, ou alguma empresa própria.**⁶⁶ Eu achei muito interessante isso. Eu já tinha pensado nisso no ano passado quando entrou o Enriquecimento Curricular, **era como se quisessem aumentar mais o nível de empreendedores,**⁶⁷ o que é realmente importante, porque as pessoas conseguem ter um desenvolvimento maior profissional e também conseguem, não só a questão financeira, mas projetos sociais também conseguem ajudar muito mais com esse desenvolvimento da característica empreendedora. (Estudante 1)

É importante observar que os estudantes que foram imersos à Educação Empreendedora manifestam o interesse em tornar-se empreendedores, conforme pode ser observados nos trechos abaixo:

(Reflete) Eu não conseguia pensar em algo para me formar, ou tentar fazer algo e isso me motivou a pensar o que eu quero para vida, se eu quero empreender, se eu quero isso ou se eu não quero. Me motivou bastante. **Eu quero ter uma oficina mecânica. Eu quero ter esse rumo, eu gosto bastante.** Também em pensar em segundos

⁶⁶ De acordo com o relatório do Global Entrepreneurship Monitor (2020/2021 Global Report, p. 89) “A taxa de brasileiros afirmando pretendiam iniciar um negócio nos próximos três anos aumentou notavelmente, de 30% em 2019 para 53% em 2020. Este foi o maior aumento proporcional entre todas as economias participantes do GEM. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/report/gem-20202021-global-report>. Acesso em agosto de 2022.

⁶⁷ Segundo Coan (2011, p. 145-146) “A UNESCO manifesta-se preocupada com as políticas e práticas da educação em curso na América Latina e Caribe e propõe mudanças no sentido de garantir o acesso à educação para todos como forma de promoção do desenvolvimento socioeconômico. Isso exige mudanças nos projetos educacionais.

planos, pois nem sempre dá certo. (Estudante 2)

A Educação Empreendedora abre o nosso olhar. **A gente não precisa fazer faculdade. A gente pode abrir o nosso próprio negócio. A gente pode ter a nossa visão de futuro, inovar, procurar soluções para os nossos problemas, por mais que sejam difíceis. Buscar soluções.** Ter iniciativa para fazer isso. Ter persistência. Acho que ela contribui muito porque é uma aula que a gente participa realmente, a gente fala com a professora, têm as dinâmicas para gente achar as soluções para os problemas juntos. (Estudante 5).

Os estudantes demonstram uma adesão à ideia de educação empreendedora, o que evidencia que ideologicamente o componente curricular opera de maneira funcional. Eles acreditam na possibilidade de se tornarem “pequenos negociantes”, nada se fala, por exemplo, sobre outras profissões clássicas, como engenharia, direito, psicologia, veterinária etc. A formação em ensino superior parece ter ficado em segundo plano nessa proposta.

Ao citarem uma experiência marcante com a Educação Empreendedora, todos mencionam a elaboração dos projetos empreendedores, independentemente de terem participado da Feira Municipal, ou terem desenvolvido somente na unidade escolar, demonstrando maior interesse em propostas que propiciem o desenvolvimento da exploração de um objeto de estudo à maneira mais desafiadora, prática e colaborativa, a saber:

Eu realmente acho que foi a experiência lá da Feira do Empreende. Foi a experiência que eu mais vou me lembrar dessa questão dos anos finais porque teve tanto trabalho em grupo, que eu aprendi a gostar, teve apresentação profissional, teve uma experiência que eu vou poder falar para as pessoas: Ah, eu apresentei meu projeto em uma feira, com um monte de escolas. Eu tive uma participação no grupo que ganhou o terceiro lugar na Feira do Empreende (risos). (Estudante 1)

Uma das coisas que mais me marcou foi na feira do Empreende de 2019. É porque lá foi algo que eu nunca tinha feito por ser muito tímido e lá eu tive que apresentar o projeto para outras pessoas. Também fui atrás para ver os outros projetos, como que a pessoa tinha feito aquilo, a qualidade, ver produtos novos e inovadores, foi muito legal. (Estudante 2)

Ah, eu acho que o projeto em si com as meninas foi muito legal. Porque a gente estava no grupo que estava atrelado a outros projetos da escola, também ligado à saúde mental, que a gente estava fazendo. (Estudante 3)

Eu acho que essa vai ser a mais fácil das perguntas (risos) eu acho que é a que eu me solto mais porque o Empreende foi um uma coisa.... porque antes você tava dentro de uma sala de aula aprendendo as características empreendedoras e aí quando você começar a participar do Empreende você vê tudo aquilo lá na prática, você consegue ver todas as características desde o começo. (Estudante 4)

O que veio primeiro na minha cabeça foi a nossa feira empreendedora. (...) A gente desenvolveu um projeto, com ideia minha e das minhas amigas, um projeto assim que a gente gostou bastante de fazer, com uma ideia que a gente tinha total apoio dos professores, quanto dos familiares, quanto dos colegas foi assim muito marcante para mim, entendeu? A gente desenvolveu um projeto voltado para a sustentabilidade no meio rural daqui (Estudante 5).

Por fim, destaca-se que os estudantes foram engajados mais na apresentação do projeto na feira do que propriamente na realização de um projeto. Não é possível depreender

das entrevistas quais conteúdos foram mobilizados, como foram transformados em projetos de ação e como isso favoreceu o aumento do interesse pela escola, pela permanência nos anos finais do fundamental e pela continuidade dos estudos no Ensino Médio e Superior. O destaque foi dado à possibilidade de inserção no mundo do trabalho.

Analizadas as entrevistas e os aspectos apresentados pelos participantes, parte-se às considerações finais deste estudo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos finais do Ensino Fundamental têm se apresentado como um grande desafio para docentes, discentes e gestores escolares e públicos, no que diz respeito à consolidação da aprendizagem e à permanência dos estudantes no ambiente escolar de modo construtivo e significativo. Neste estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e questionários para buscar compreender se e como a educação empreendedora pode de fato contribuir para que o interesse e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem sejam mantidos e para a superação dos desafios dos anos finais do Ensino Fundamental em escolas municipais?

Observou-se que docentes e estudantes afirmam que a Educação Empreendedora apresenta contribuições positivas no que tange aos desafios dos anos finais, favorecendo o protagonismo juvenil e a valorização positiva da escola pelos adolescentes. No entanto, é notória a necessidade de contextualização da prática do empreendedorismo e das relações de trabalho na sociedade brasileira, para promover a compreensão de questões mais profundas, como relação de trabalho e subemprego. Isso trouxe a necessidade de ressaltar, no corpo deste trabalho, aspectos críticos à educação empreendedora face aos reais desafios dos anos finais, como a distorção idade-série e o abandono. Além disso, frente a falta de consolidação do aprendizado básico a ser ofertado pela Educação Básica, como leitura e escrita e letramento matemático.

Ficou evidenciado também, que embora as unidades escolares pesquisadas disponham de infraestrutura e recursos similares, às condições da localidade em que estão imersas exigem prerrogativas diferenciadas para um tratamento equitativo em relação ao fomento da aprendizagem dos estudantes para minimização da distorção idade-série, evasão e abandono, bem como para melhoria da qualidade de aprendizagem dos estudantes. O efeito do contexto muitas vezes impede o desenvolvimento dos estudantes para além da proposta curricular.

Inferiu-se que dos desafios propostos neste estudo, a Educação Empreendedora apresenta pouca contribuição para distorção idade série e abandono, uma vez que, de acordo com os apontamentos verificados nas entrevistas, o maior engajamento dos estudantes origina-se nos projetos empreendedores desenvolvidos no nono ano do ensino fundamental e, em grande evidência na feira de esfera municipal, que abrangem uma porção pequena de estudantes.

No que tange às questões relacionadas aos desafios da adolescência, percebeu-se que a Educação Empreendedora desenvolvida na rede de ensino municipal pesquisada, favorece as

necessidades explicitadas pelos adolescentes em relação ao desenvolvimento das características que versam sobre posturas comportamentais e atitudinais, tais como características empreendedoras, interação com os colegas e professores, trabalho em equipe, acolhimento, iniciativa, persistência, comprometimento, persuasão, diálogo, escuta ativa, acolhimento, interação e trabalho em grupo.

Foram sinalizados diferentes pontos positivos em relação à Educação Empreendedora, no entanto, é preciso observar que há uma forte adesão não crítica dos docentes, não tornando evidentes quais estratégias didáticas e conteúdos são mobilizados a fim de construir a aprendizagem sólida dos estudantes. As questões que tangem a formação dos professores foram raramente mencionadas pelos docentes respondentes, fato que implica principalmente na visão fragmentada que este programa obtém na rede pesquisada e pode favorecer a ausência de criticidade em relação à Educação Empreendedora. Considera-se pertinente também que haja possibilidades de estudantes e docentes terem acesso a autores que versem sobre a temática sobre outra perspectiva, favorecendo, deste modo, a uma real adesão/compreensão ou não do programa e suas implicações, em especial ao tocante do ingresso precoce dos estudantes no mercado de trabalho e no empreender desde crianças, o que de fato pode gerar impacto (nem sempre positivo) em suas vidas e afastá-los da continuidade da escolarização.

Percebeu-se que a temática dos sonhos permeia o universo da Educação Empreendedora no município pesquisado (DOLABELA,2003), contudo, na maioria das vezes em uma vertente que desconsidera as reais possibilidades de concretização, atribuindo exclusivamente ao sujeito o mérito ou demérito da conquista, o que se distancia das reflexões propostas por Freire (2000), as quais incidem na importância do planejamento das ações, como também na compreensão autêntica dos contextos para sua realização.

Foi possível identificar também que os respondentes destacam pouco os conteúdos trabalhados na disciplina e seu potencial formativo, ressaltando principalmente como esses estudantes podem/devem atuar no mundo, independente das condições sociais que possuem, bem como as condições de trabalho (autoemprego e a informalidade) e as perspectivas de estudos futuros para evolução acadêmica e possível ascensão social. Evidenciou-se nas entrevistas que os estudantes consultados, que foram imersos na Educação Empreendedora, manifestam o interesse em tornar-se empreendedores/trabalhadores, não destacando a possibilidade de um futuro por meio do ensino médio e da universidade. Chamou atenção que os docentes entrevistados apresentam um discurso diferente dos estudantes, o que pode

evidenciar a não percepção destes em como a Educação Empreendedora tem reverberado na vida e projeções futuras dos estudantes, os quais tendem a colocar o trabalho em primeiro plano em detrimento da educação colocada em lugar secundário. Constatou-se também a isenção de muitos docentes ao abordar os desafios dos anos finais e como esta não responsabilização pode fomentar ausência de atitudes que favoreçam a minimização das dificuldades e/ou sua eliminação efetiva.

Percebeu-se que tanto docentes, gestores, como os estudantes vêem aspectos positivos na EE que é desenvolvida na rede municipal, valorizavam muito a inserção do componente curricular e as formas de seu desenvolvimento; o que pode evidenciar um descontentamento dos entrevistados com a estrutura curricular tradicional da educação básica, o que seria interessante continuar investigando.

Conclui-se que se faz necessário maior contextualização da EE na rede pesquisada, bem como a proposição de uma formação continuada que explore um referencial teórico mais diverso e abrangente, capaz de reflexões e ações que fomentem as condições que imprimam o verdadeiro sentido de uma educação humanizadora e emancipatória, principalmente no que diz respeito às condições sociais e de trabalho e principalmente que evidenciem uma aprendizagem real e significativa para os adolescentes dos anos finais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Tânia Margareth Bancalero. **O discurso (psico) pedagógico sobre a adolescência: análise dos impasses docentes provocados pela teorização da adolescência**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.48.2007.tde-31052007-104141. Acesso em: 2021-03-14.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos**. Cadernos de Pesquisa, [S.l.], v.45, p.66-71, maio 1983. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1491>. Acesso em 20 set. 2020.
- ARRUDA, Carlos; BUCHART, A.; DUTRA, Michele. Sebrae–**Estudos teóricos referenciais sobre educação empreendedora, relatório da pesquisa bibliográfica sobre empreendedorismo e educação empreendedora**. Belo Horizonte: SEBRAE, 2016.
- ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencontrar a educação, epistemologia e didática**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1996.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2018.
- BARDIN, Laurence. Organização da análise. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, v. 70, p. 229, 2011.
- BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **5 anos de Plano Nacional de Educação** / Gustavo Henrique Moraes ; Ana Elizabeth M.Albuquerque (organizadores). – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019.10 v. : il. – (Coleção Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais ; v. 2)
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020 : resumo técnico** [recurso eletrônico] – Brasília : Inep, 2021. 70 p. : il.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Taxa de distorção-idade-série**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/taxas-de-distorcao-idade-serie>>. Acesso em 17/10/2021.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Taxas de rendimento escolar. Brasília, [2018]**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/educacenso/situacao_aluno/documentos/2018/taxas_de_rendimento_escolar.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. 2014-2024. Lei nº 13.005. Brasília:Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação ; n. 125)
- BRASIL.**Plano Nacional de Educação (PNE)**. Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001c. BRASIL.
- BRASIL. **Resolução CDN Nº 372/2021**. Estatuto Social do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. Pág. 2. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Arquivos/Resolu%C3%A7%C3%A3o_CDN_N%C2%BA_372-21_Altera%C3%A7%C3%A3o_do_Estatuto_Social_do_Sebrae.pdf> Acesso em: 12 de fev. 2022.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB 6/2010**. Diário Oficial da União, Brasília, 21 de outubro de 2010, Seção 1, p. 17.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASTRO, Luíger Franco. **Aprender a empreender”: o projeto de educação do SEBRAE para a educação básica pública**. 2019. Orientador: André Silva Martins, v. 175, 2019.

CHIRINEA, A. M. BRANDÃO, C. F. **O IDEB como política de regulação do Estado e legitimação da qualidade: em busca de significados**. Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 23, n. 87, p. 461-484, 2015.

COAN, Marival. **Educação para o empreendedorismo** [tese]: implicações epistemológicas, políticas e práticas / Marival Coan; Florianópolis, SC, 2011.

COHEN, Elizabeth G.; LOTAN, Rachel A. **Planejando o trabalho em grupo: estratégias para salas de aula heterogêneas**. Penso Editora, 2017.

COSTA, M. L.; CALDERAN, A.; DIAS, A. C. P. **Jovem empreendedor no campo: manual do participante**. Brasília : Sebrae, 2015. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/file_source/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Jovem%20Empreendedor%20No%20Campo_MP_2.pdf> Acesso em 25 de julho de 2022.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Cortez, 1996.

DESLANDES, S. F. **A construção do projeto de pesquisa**. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) et al. *Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DOLABELA, Fernando; FILION, Louis Jacques. **Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação**. Iberoamerican Journal of Entrepreneurship and Small Business, v. 2, n. 3, p. 134-181, 2013.

DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FIGUEIREDO, A. C. **Impactos da Educação Empreendedora na visão de carreira profissional futura: um estudo com alunos concluintes do ensino fundamental da rede de ensino de São José dos Campos- SP**. Belo Horizonte. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, M. da G. **Protagonismo da sociedade civil**. São Paulo: Cortez, 2005.

Hargreaves, A., Earl, L., & Ryan, J. (2001). **Educação para mudança: recriando a escola para adolescentes**. Porto Alegre: Artes Médicas.

HORTA NETO, João Luiz. **Os efeitos das avaliações externas sobre as políticas educacionais do governo federal do Brasil**. A educação em novas arenas: políticas, pesquisas e perspectivas. Brasília: Unesco, p. 51-78, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades - São José dos Campos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-dos-campos/panorama>. Acesso em: 21 ago. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS NACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2021: Inep, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/Inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica>> Acesso em 10/05/2022.

KATZ, Jerome A. **A Cronologia e Trajetória Intelectual da Educação Empreendedora Americana** Educação - 1876-1999. *Journal of Business Venturing*, v. 18, n. 2, pág. 283, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.

LACKÉUS, Martin. **Empreendedorismo na Educação: O que, por que, quando, como**. Empreendedorismo 360 – Papel de Fundo. Comissão Europeia, 2015.

_____. **Criação de Valor como Prática Educacional** – Rumo a uma nova Filosofia Educacional fundamentada no empreendedorismo? Divisão de Gestão de Renovação Organizacional e Empreendedorismo, Departamento de Gestão de Tecnologia e Economia, Chalmers Universidade de Tecnologia, Gotemburgo, Suécia, 2016.

LAVIERI, C. **Educação... empreendedora?** In: LOPES, Rose Mary A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 1-16.

LEITE, F. T. **Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

LOCKMANN, Kamila; TRAVERSINI, Clarice Salete. **Alargamento das funções da escola e redefinição dos conhecimentos escolares: implicações da educacionalização do social**. *Revista de Educação Pública*, v. 26, n. 63, p. 817-835, 2017.

LOPES, Rose Mary Almeida. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Elsevier, 2010.

MANSUTTI, M. A.; ZELMANOVITS, M. C.; CARVALHO, M. do C. B. de; GURIDI, V. **“Educação na segunda etapa do Ensino Fundamental”**. *Cadernos CENPEC*, N. 4, P. 7-45. São Paulo: Cenpec, jul.-dez.2007

MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica**. 2013.

MOHN, Adriano et al. **Jovens e Educação Empreendedora: que discurso é esse?** *Revista Educativa-Revista de Educação*, v. 9, n. 2, p. 217-229, 2006.

MORGADO, J.C. **Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out./dez. 2011.

MOYSÉS, G. L. R., MOORI, R. G. **Coleta de dados para a pesquisa acadêmica: um estudo sobre a elaboração, validação e aplicação eletrônica de questionário**. ENEGEP. Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 09 a 11 de outubro de 2007. Disponível em: <http://abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2007_TR660483_9457> Acesso em 18 de set. de 2020.

NETO, R. V. N. **Impacto da Adoção da Internet em Pesquisas Empíricas: Comparações entre Metodologias de Aplicação de Questionários**. *Anais do Enanpad*, 2004.

PESTANA, M. I. G. S. **A experiência em avaliação de sistemas educacionais. Em que avançamos?** In: BAUER, A.; GATTI, B. A.; TAVARES, M. R. (Orgs). *Ciclo de debates: vinte e cinco anos de avaliação de sistemas educacionais no Brasil, origens e pressupostos*. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

PEREIRA, Antônio Carlos Amador. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, v. 7, 2005.

PERONI, Ana Paula, CAVALARI JUNIOR, Octávio. **Sequência didática [livro eletrônico]: empreendedor cidadão: fazendo acontecer**. Vitória: Editora Maré, 2019.

PESTANA, M. **Trajetória do Saeb: criação, amadurecimento e desafios**. *Em Aberto*, Brasília, v. 29, n. 96, p. 71-84, maio/ago. 2016.

POUPART, Jean. **A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas**. In: POUPART, Jean et al. *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Vozes: Petrópolis, 2010.

SANTOS, L. S. **Empreendedorismo no Ensino Fundamental: uma aplicação**. Florianópolis. 2000.

SANTOS, R.; ALBUQUERQUE, A. E. M., **Análise das taxas de abandono nos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio a partir das características das escolas**. Cadernos de estudos e pesquisas em políticas educacionais –2, p.74 a 106

SEBRAE. **Jovens Empreendedores Primeiros Passos. Empreendedorismo Social** (Livro do Professor-8º Ano). Brasília. 2012

SOUZA, L. B. de. **Metamorfoses da qualificação para o trabalho no Brasil: uma análise da política de formação profissional continuada (2011-2016)**– Campinas, SP : [s.n.], 2020.

SOUZA, Thais Tolentino Santos et al. **Avaliação externa e qualidade da educação básica: concepções e práticas em disputa**. 2020.

SHULMAN, L. **Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma**. Cadernos Cenpec. São Paulo, v.4, n.2, p.196-229, dez. 2014.

STEINBERG, Laurence D. **Idade da oportunidade: lições da nova ciência da adolescência**. Houghton Mifflin Harcourt, 2014.

WELLER, W. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Esse roteiro será direcionado aos estudantes, professores do Enriquecimento Curricular e gestores.

1. Contato inicial

- o entrevistador se apresentará ao entrevistado e lhe oferecerá dados sobre sua própria pessoa, sua instituição de origem e o tema da pesquisa;
- solicitará permissão para gravação da entrevista e assegurará ao entrevistado o direito ao anonimato;

2. A condução da entrevista

2.1. Aquecimento: pequeno período de aquecimento, para uma apresentação pessoal e estabelecimento de um clima mais informal.

Informações a serem solicitadas:

- saber qual a sua formação, idade e breve relato do percurso profissional (exceto aos estudantes egressos).

2.2. Questões desencadeadoras:

Em relação aos anos finais do Ensino Fundamental

Esclarecendo o entrevistado: Os anos finais são os quatro últimos anos do Ensino Fundamental e atende à crianças e adolescentes que possuem, em regra, de 11 a 14 anos, salvo algumas exceções.

Pergunta: Em relação a entrada e permanência nesse segmento de escolarização, quais são as maiores dificuldades ou desafios que você enxerga?

Check list das Informações relevantes que compõem a pergunta desencadeadora:

- ─ quantidade de docentes;
- ─ a transição da infância à adolescência ;

- a complexidade dos conteúdos;
- evasão e desempenho escolar;

Em relação à Educação Empreendedora

Esclarecendo o entrevistado: A Educação Empreendedora é uma metodologia que compõe a disciplina do Enriquecimento Curricular nos oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental, neste município.

Pergunta 1: Em relação à Educação Empreendedora, gostaria que você contasse como percebe essa disciplina na proposta do Ensino Fundamental.

Pergunta 2: Para você a Educação Empreendedora contribui, de alguma maneira, com a qualidade da aprendizagem dos alunos nos anos finais? Por quê?

Pergunta 3: Você acredita que a Educação Empreendedora pode favorecer a permanência dos alunos na escola? Por quê?

Pergunta 4: Você acredita que as aulas de Educação Empreendedora, Empreendedorismo Social (oitavo ano) e Empreendedorismo- Ideias Inovadoras (nono ano), pode impulsionar/favorecer o protagonismo dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental? E nos segmentos futuros? Por quê?

Pergunta 5: Das dificuldades e desafios que você elencou na questão sobre os Anos Finais, quais você acredita que podem ser minimizados com o auxílio da Educação Empreendedora?

Pergunta 6: Qual o impacto você considera que a Educação Empreendedora têm na vida dos estudantes? Justifique.

Pergunta 7: Relate uma situação marcante que vivenciou propiciada pela Educação Empreendedora.

3. Encerramento

Agradecimento a participação voluntária do participante e despedida.

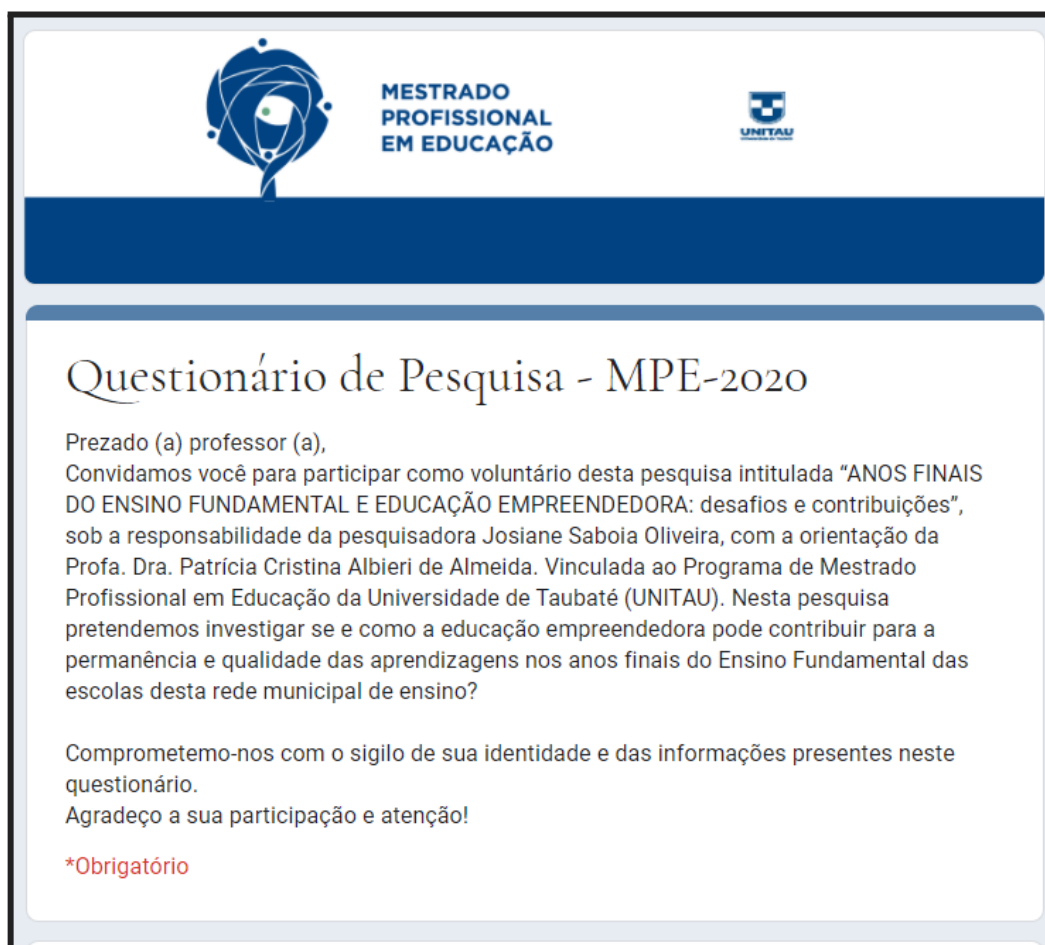
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Prezado (a) professor (a),

Convidamos você para participar como voluntário desta pesquisa intitulada **“ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Josiane Saboia Oliveira, com a orientação da Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida. Vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (UNITAU). Nesta pesquisa pretendemos investigar **se e como a educação empreendedora pode contribuir para a permanência e qualidade das aprendizagens nos anos finais do ensino fundamental das escolas desta rede municipal de ensino?**

Comprometemo-nos com o sigilo de sua identidade e das informações presentes neste questionário.

Agradeço a sua participação e atenção!



Questionário de Pesquisa - MPE-2020

Prezado (a) professor (a),

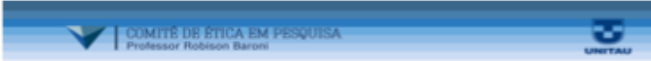
Convidamos você para participar como voluntário desta pesquisa intitulada **“ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Josiane Saboia Oliveira, com a orientação da Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida. Vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (UNITAU). Nesta pesquisa pretendemos investigar **se e como a educação empreendedora pode contribuir para a permanência e qualidade das aprendizagens nos anos finais do Ensino Fundamental das escolas desta rede municipal de ensino?**

Comprometemo-nos com o sigilo de sua identidade e das informações presentes neste questionário.

Agradeço a sua participação e atenção!

***Obrigatório**

Inserção de cópia do TCLE para ciência dos participantes, com duas opções:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa “ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições”, sob a responsabilidade do pesquisador Josiane Saboia Oliveira Neri. Com a orientação da Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida. Nesta pesquisa pretendemos investigar se, na percepção da comunidade escolar (os alunos, pais, professores e equipe gestora), a educação empreendedora é vista como ferramenta de contribuição para a permanência e qualidade das aprendizagens nos anos finais do ensino fundamental, por meio deste questionário online.

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em colaborar com o desenvolvimento profissional dos participantes, promovendo a reflexão das práticas de Educação Empreendedora e nos anos finais do Ensino Fundamental e suas contribuições, como também colaborar com a comunidade acadêmica e o possível risco aos participantes poderá ser de sentirem-se desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação solicitada durante as entrevistas. Entretanto para evitar que ocorram danos aos participantes, ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização, bem como o encaminhamento ao serviço público de saúde mais próximo caso exista algum abalo emocional.

Para participar deste estudo o Sr. (a) não terá nenhum custo: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa, para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr. (a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.


Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr. (a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a).

Para qualquer outra informação o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador Josiane Saboia Oliveira Neri por telefone (12) 98818 3095 (inclusive ligações a cobrar) ou e-mail josi.saone@gmail.com.

A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida, a qual pode ser contatado pelo telefone (11) 97662 0849.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o (a) Sr. (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

A pesquisadora responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12 e a Resolução no 510, de 7 de abril de 2016.

Rubricas: Pesquisador responsável: 

☒ Aceito- Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

☐ Não aceito

- Aceito- Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. (Assinalando esta opção o participante permanece na pesquisa para responder ao questionário).
- Não aceito. (Assinalando esta opção o participante é conduzido até os agradecimentos, sem responder ao questionário).

Seção 1: Perfil discente

Qual seu e-mail ? _____

1. Sexo:

- Feminino
- Masculino

2. Idade:

- De 20 a 25
- De 26 a 30
- De 31 a 35
- De 36 a 40
- De 41 a 45
- De 46 a 50
- Acima de 51

3. Você é professor:

- polivalente (Anos Iniciais)
- especialista (Anos Finais e Ensino Médio)

4. Qual sua formação?

- Ensino Superior- Licenciatura
- Ensino Superior- Pedagogia
- Pós-graduação – Especialização
- Pós graduação – Mestrado
- Pós graduação – Doutorado
- Outro: _____

5. Qual é o seu vínculo empregatício:

- Efetivo
- Prazo Determinado (PD)


<p>6. Tempo de atuação na educação?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Menos de 1 ano • De 1 a 3 anos • De 3 a 5 anos • De 5 a 10 anos • De 10 a 15 anos • De 15 a 20 anos • Acima de 20 anos
<p>7. Você é professor de Enriquecimento Curricular?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não
<p>8. Tempo de atuação como professor na disciplina de Enriquecimento Curricular? (Apenas para os professores que lecionam a parte diversificada do currículo)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Menos de 1 ano • De 1 a 3 anos • De 3 a 5 anos • De 5 a 10 anos • Acima de 10 anos
<p>Seção 2: Anos finais e Educação Empreendedora</p>
<p>9. Considerando os anos finais um ciclo direcionado prioritariamente aos adolescentes, você possui:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mais FACILIDADE em interagir/trabalhar com alunos nessa faixa etária. • Mais DIFICULDADE em interagir/trabalhar com alunos nessa faixa etária.
<p>10. O relatório do IDEB de 2019 apresentou a informação que os anos finais do Ensino Fundamental não atingiram a meta prevista nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal. Quais, na sua concepção de docente, são os principais desafios que este segmento de ensino abarca? Cite pelo menos três.</p>

<p>11. E, para você, quais as maiores dificuldades encontradas pelos estudantes neste ciclo? Cite pelo menos três.</p>
<p>12. O que você pensa sobre o papel da Educação Empreendedora na vida dos alunos?</p>
<p>13. Trabalhar com Empreendedorismo é uma prática comum em universidades e escolas de nível médio. Qual sua opinião na utilização dessa metodologia nos anos finais do Ensino Fundamental, na disciplina de Enriquecimento Curricular? Justifique.</p>
<p>14. Das dificuldades e desafios sobre os ANOS FINAIS que você citou na QUESTÃO 10, quais, na sua concepção, podem ser minimizados com o auxílio da Educação Empreendedora?</p>
<p>15. Você avalia que a Educação Empreendedora pode ser propulsora do protagonismo dos estudantes? Justifique.</p>
<p>16. Marque até cinco contribuições que você acha que a Educação Empreendedora pode desenvolver nos estudantes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • AUTONOMIA • PROTAGONISMO • PERSISTÊNCIA • ENGAJAMENTO • COLABORAÇÃO • COMPROMETIMENTO • DESENVOLTURA • DISCIPLINA • ATENÇÃO • COMUNICAÇÃO • RESPEITO • ASSERTIVIDADE • ESCUTA ATIVA

- CRIATIVIDADE
- INOVAÇÃO
- INDEPENDÊNCIA
- CRITICIDADE
- EMPATIA
- RESPONSABILIDADE
- Outro: _____

Gostaria de acrescentar alguma informação que considere importante para os Anos Finais do Ensino Fundamental e/ ou Educação Empreendedora que não foi contemplada neste questionário?


Agradecimento final e despedida.


MESTRADO
PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO



Questionário de Pesquisa - MPE-2020

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.” Paulo Freire (1996)



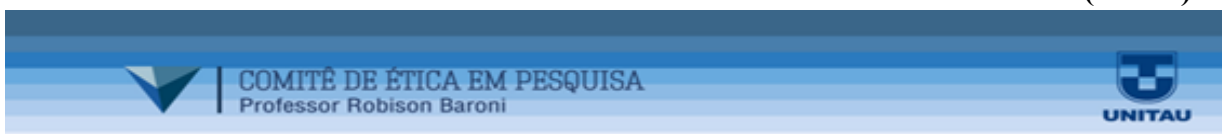
Muito obrigada pela sua
colaboração !

JOSIANE SABOIA

Voltar
Enviar

ANEXOS

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “**ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições**”, sob a responsabilidade do pesquisador **Josiane Saboia Oliveira Neri**. Com a orientação da **Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida**. Nesta pesquisa pretendemos *Investigar se, na percepção da comunidade escolar (os alunos, pais, professores e equipe gestora), a educação empreendedora é vista como ferramenta de contribuição para a permanência e qualidade das aprendizagens nos anos finais do ensino fundamental*, por meio de entrevistas que ocorrerão através de plataforma de comunicação por vídeo *Zoom* ou *Google Meet*, em horário e datas previamente agendadas de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em colaborar com o desenvolvimento profissional dos participantes, promovendo a reflexão das práticas de Educação Empreendedora e nos anos finais do Ensino Fundamental e suas contribuições, como também colaborar com a comunidade acadêmica e o possível risco aos participantes poderá ser de sentirem-se desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação solicitada durante as entrevistas. Entretanto, para evitar que ocorram danos aos participantes, ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização, bem como o encaminhamento ao serviço público de saúde mais próximo caso exista algum abalo emocional.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa, para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador Josiane Saboia Oliveira Neri por telefone (12) 98818 3095 (inclusive ligações à cobrar) ou e-mail josi.saone@gmail.com.

A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida, a qual pode ser contatado pelo telefone (11) 97662 0849.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

A pesquisadora responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12 e a Resolução no 510, de 7 de abril de 2016.

Rubricas: Pesquisador responsável:



Participante _____

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

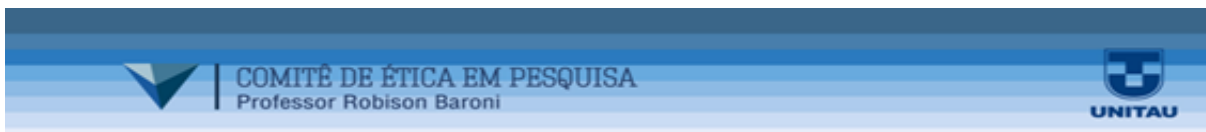
_____, _____ de _____ de 2020.

_____ Assinatura do(a) participante



Josiane Saboia Oliveira Neri

ANEXO B- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições”**, sob a responsabilidade do pesquisador **Josiane Saboia Oliveira Neri**. Nesta pesquisa pretendemos *“Investigar se, na percepção da comunidade escolar (os alunos, pais, professores e equipe gestora), a educação empreendedora é vista como ferramenta de contribuição para a permanência e qualidade das aprendizagens nos anos finais do ensino fundamental.*

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas que ocorrerão através de plataforma de comunicação por vídeo *Zoom* ou *Google Meet*, em horário e datas previamente combinadas com seus responsáveis. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de sentirem-se desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação solicitada durante as entrevistas. Se você aceitar participar estará contribuindo com o desenvolvimento da reflexão das práticas de Educação Empreendedora nos anos finais do Ensino Fundamental e suas possíveis contribuições, assim como colaborando com a comunidade acadêmica.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, bem como o encaminhamento ao serviço público de saúde mais próximo caso exista algum abalo emocional.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Para qualquer outra informação o sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (12) 988183095 (inclusive ligações à cobrar), ou pelo e-mail josi.soane@gmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

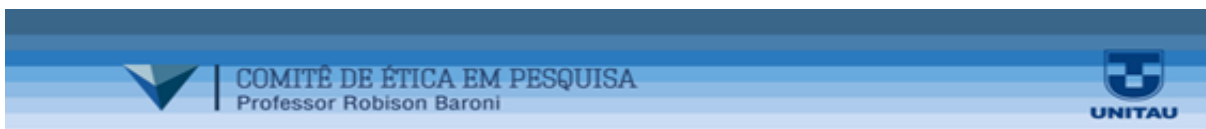
Josiane Saboia Oliveira Neri

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. _____, ____ de _____ de 20____.

_____ Assinatura do (a) menor

ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (No caso do responsáveis pelos menores)



O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições”**, sob a responsabilidade do pesquisador **Josiane Saboia Oliveira Neri**. Nesta pesquisa pretendemos **“Investigar se, na percepção da comunidade escolar (os alunos, pais, professores e equipe gestora), a educação empreendedora é vista como ferramenta de contribuição para a permanência e qualidade das aprendizagens nos anos finais do ensino fundamental.”**

A participação dele é voluntária e se dará por meio **“por meio de Entrevistas que ocorrerão através de plataforma de comunicação por vídeo Zoom ou Google Meet, em horário e datas previamente agendadas com vocês.”**. Esta pesquisa apresenta risco mínimo (ou risco maior que o mínimo, se for o caso, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc.). Apesar disso, o menor tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, de responsabilidade do pesquisador responsável, bem como o encaminhamento ao serviço público de saúde mais próximo caso exista algum abalo emocional. **Se ele aceitar participar estará contribuindo com o desenvolvimento da reflexão das práticas de Educação Empreendedora nos anos finais do Ensino Fundamental e suas possíveis contribuições, assim como colaborando com a comunidade acadêmica.**

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Para qualquer outra informação o sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (12) 988183095 (inclusive ligações à cobrar), ou pelo e-mail josi.soane@gmail.com. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

Josiane Saboia Oliveira Neri

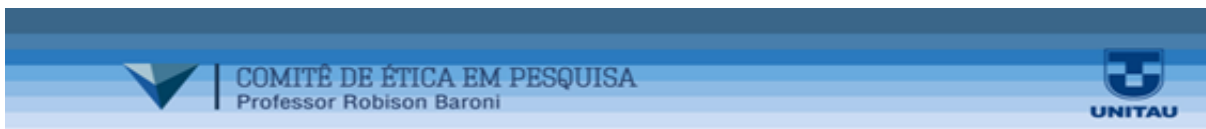
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador (a) do documento de identidade _____, responsável pelo menor _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) Responsável: _____

ANEXO C- TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL



Eu Josiane Saboia Oliveira Neri, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa intitulado **“ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições”**, comprometo-me dar início a este projeto somente após a aprovação do Sistema CEP/CONEP (em atendimento ao Artigo 28 parágrafo I da Resolução 510/16 e XI.2 item A).

Em relação à coleta de dados, eu pesquisador responsável, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas clínicas e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

Asseguro que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento (TA, quando couber), Termo de Uso de Imagem (TUI, quando couber) e TI (Termo Institucional, quando couber).

Comprometo-me apresentar o relatório final da pesquisa, e os resultados obtidos, quando do seu término ao Comitê de Ética - CEP/UNITAU, via Plataforma Brasil como notificação.

O sistema CEP-CONEP poderá solicitar documentos adicionais referentes ao desenvolvimento do projeto a qualquer momento.

Estou ciente que de acordo com a Norma Operacional 001/2013 MS/CNS 2.2 item E, se o Parecer for de pendência, terei o prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la. Decorrido este prazo, o CEP terá 30 (trinta) dias para emitir o parecer final, aprovando ou reprovando o protocolo.

São José dos Campos, 31 de outubro de 2020.

Josiane Saboia Oliveira Neri

ANEXO D- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

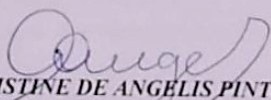


PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CIDADANIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

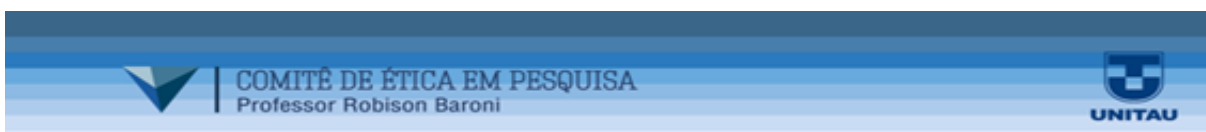
De acordo com as informações do ofício nº. PPGEDH-029/2020 e anexos, sobre a natureza da pesquisa intitulada **“ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES”** com propósito de pesquisa a ser executado pela aluna **Josiane Saboia Oliveira Neri**, do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (UNITAU), sob o acompanhamento da professora **Dra. Patricia Cristina Albieri de Almeida**, após a análise do conteúdo do projeto de pesquisa, a Instituição que represento autoriza a realização de: (1) entrevista, não presencial, junto a 06 estudantes egressos do 9º ano do Ensino Fundamental, sendo 03 da EMEF Norma de Conti Simão e 03 da EMEF Mercedes Rachid Edwards, os quais cursaram a disciplina de Enriquecimento Curricular; (2) entrevista, não presencial, junto a 02 gestores escolares e 02 professores de Enriquecimento Curricular, sendo um de cada EMEF supracitada; (3) entrevista, não presencial, junto ao Orientador de Ensino responsável pela disciplina de Enriquecimento Curricular; (4) convite aos responsáveis pelos alunos egressos para que gravem um depoimento em vídeo discorrendo sobre suas percepções acerca da participação dos alunos na disciplina de Enriquecimento Curricular; (5) aplicação de um questionário, via *Google Forms*, junto ao grupo professores de Anos Finais dos diferentes componentes curriculares das EMEF supracitadas, contendo 20 questões que oportunizam o levantamento do perfil dos docentes e suas impressões sobre a Educação Empreendedora; (6) aplicação de um questionário, via *Google Forms*, junto ao grupo de professores de Enriquecimento curricular da Rede Municipal, contendo 20 questões para levantamento do perfil e impressões dos docentes sobre a Educação Empreendedora. Toda a coleta de dados e intervenções realizadas junto aos participantes que optarem, voluntariamente, por participar dessa pesquisa devem ocorrer respeitando-se os princípios éticos da pesquisa e mantendo-se o anonimato da instituição e de todos os sujeitos envolvidos.

São José dos Campos, 07 de dezembro de 2020.


CRISTINE DE ANGELIS PINTO
Secretária de Educação e Cidadania
Município de São José dos Campos – SP
CNPJ: 46.643.466/0001-06

Rua Prof. Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos- SP- CEP 12.220-270 - Fone: (12) 3901-2016

ANEXO E- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



Eu, _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Josiane Saboia Oliveira Neri, sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia Cristina Albieri de Almeida do projeto de pesquisa intitulado **“ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: desafios e contribuições”**, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 466/12 e nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004). Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

() Com tarja preta sobre os olhos () Sem tarja preta sobre os olhos

_____, ____ de _____ de 2020 .

Josiane Saboia Oliveira Neri

_____ Participante da Pesquisa